



COMO A FADA DESVALORIZADA LIDA COM O LAR: TRABALHO-INFORMAL-DOMÉSTICO

Análise de narrativas exemplares de mulheres “Domésticas”

DIVA TEIXEIRA

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social

Orientador(a): Doutora M.^a de Fátima Toscano

Coimbra, Novembro de 2012

AGRADECIMENTOS

E porque esta caminhada não foi percorrida sozinha, é chegada a hora de agradecer a todos aqueles que dela fizeram parte.

Em primeiro lugar, à minha Orientadora Doutora M.^a de Fátima Toscano, pelo seu admirável saber e profissionalismo. Pela sua disponibilidade enquanto profissional mas, também, como amiga que o foi muitas vezes. Por todas as conversas, formais e informais pois, todas elas foram importantes, pelo carinho, pelo ânimo e coragem nos momentos mais difíceis, as palavras sábias e, sobretudo por acreditar e valorizar SEMPRE o meu trabalho. É notável a disponibilidade com que leu, releu e voltou a ler todo o trabalho que vim a desenvolver até hoje. Igualmente admirável a capacidade de ensinar e, a disponibilidade em aprender comigo. Grata por tudo!

Agradeço aos meus pais, pelos afetos, pelo apoio a todos os níveis, por acreditarem em mim e, sobretudo, por sonharem comigo e permitirem sempre a concretização dos meus sonhos. Pelas palavras certas nos momentos oportunos, pela escuta incansável, pela tolerância e compreensão nos momentos em que nem eu mesma me “recomendava”. Obrigada pela compreensão das minhas ausências, por me deixarem partir mesmo com vontade de me ver ficar, por me deixarem voar e sonhar. São um pilar fundamental nesta longa caminhada.

Aos meus irmãos: ao João, pelas suas poucas palavras, sempre tão assertivas, pela admiração, por acreditar sempre e valorizar o meu trabalho. Obrigada por me teres apresentado a Coimbra; ao Tony, pelas longas conversas, sempre tão enriquecedoras, pela companhia e partilha de saberes; ao Tiago, pelo seu carinho de irmão mais novo, ainda que distante, conseguiu estar sempre muito presente, pela sua ternura, mesmo nos dias em que eu estava impaciente. Aos três, o meu sincero agradecimento.

Às 8 mulheres com que contactei e que generosamente me abriram a porta de sua casa e que contribuíram como autoras principais dos relatos biográficos aqui analisados, o meu humilde obrigada.

Aos Professores que tive a honra de conhecer neste IX Mestrado em Serviço Social: agradeço a todos os docentes por me garantirem a aquisição de novos conhecimentos. Grata também aos colegas de turma, em especial à Ana Gameiro pela amizade e por estar presente, não só nos momentos bons mas, e sobretudo, nos mais difíceis.

Aos meus amigos/as, os de longe e os de perto, pela compreensão das minhas ausências, pelas palavras de apoio, por acreditarem. Amiga Marília Cenrada, grata pela tua incansável disponibilidade e pelas sempre agradáveis viagens pelo Alentejo; amiga Joana Borges, um saudoso agradecimento. À minha restante família, uns mais ausentes, outros mais presentes e, a todos quantos sintam que participaram nesta minha caminhada, aceitem o meu agradecimento.

Bem-haja, a todos!

RESUMO

Para compreender a auto-avaliação e avaliação social atribuída ao trabalho da mulher Doméstica, partiu-se da análise e interpretação de 8 Trajetórias Identitárias de Mulheres Domésticas Alentejanas que ao longo da sua vida tenham sido Domésticas a tempo inteiro, ou que de algum modo tenham conciliado ou conciliem a Dupla Tarefa.

A Problematização do Trabalho realizado pela Mulher Doméstica considerou teorias de autores como Parsons e Daniel Bertaux, tendo sido a conceptualização do Trabalho Doméstico elaborada tendo por base Virgínia Ferreira, Gules Lipovetsky e Ana Nunes de Almeida.

A partir das narrativas exemplares e seguindo uma metodologia compreensiva qualitativa, através do *Método de Escrita como Praxis Analítica*, identificaram-se: algumas *Lógicas de Acção*; vários *Territórios Sócio-Identitários*; as *Reacções* sentidas pelas 8 narradoras nas suas Trajetórias e, ainda, as *Estratégias* adoptadas pelas Mulheres Domésticas Alentejanas na relação com o trabalho doméstico e com a dupla tarefa.

Ao concluir a interpretação dos casos percebe-se que, para além da Condição de Doméstica comum entre todas as narradoras, existe ainda a predominância de alteração dos *Territórios Sócio-Identitários Laboral, Escolar e Familiar*. É clara a consciência destas mulheres quanto à desvalorização do Trabalho Doméstico pela Família e pela Sociedade. Neste sentido, é também negativa a auto-avaliação, das tarefas de diariamente realizam. Daí que seja unânime a vontade de libertação através da Dupla Tarefa, ou seja, a colocação profissional é vista como uma garantia de reconhecimento do seu trabalho e, também, um modo de autonomia económica e identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória Identitária; Doméstica; Trabalho Doméstico; Tarefas Domésticas; Dupla Tarefa.

ABSTRACT

In order to understand the self-evaluation and social assessment attributed to the work of the Domestic woman, the analysis and interpretation of 8 Identitary Trajectories of Domestic Women of Alentejo, who throughout their lives have been full-time Domestics, (or have somehow managed or are trying to reconcile this Dual Task) is fundamental.

The Problematization of the Work done by Domestic Women follows theories such as those of Parsons and Daniel Bertaux, having the elaboration of the conceptualization of Housework been based on Virginia Ferreira; Gules Lipovetsky and Ana Nunes de Almeida.

By keeping in mind the narrative works and by following a comprehensive qualitative methodology, based on the method of Analytical Writing such as Praxis, some Logics of Action and several Territories with Social Identities have been identified, as well as various reactions and some Risk Strategies.

Upon completion of the interpretation of the cases it becomes apparent that, in addition to the aspect of domestic life that all the narrators have in common, there is still a predominance of *Identity Territories Socio-Labour*, of Family and School. These women possess a clear awareness of the devaluation of domestic work by their Family and Society. In this sense, there is also a negative self-evaluation of their daily tasks, resulting in a unanimous desire of liberation, which is usually achieved through Dual Tasking, in other words, by having a profession outside the home, one truthfully recognized by society in which recognition of their work is guaranteed as well as the possibility of achieving financial independence.

Keywords: Domestic; Identitary Trajectories; Domestic Work; Household Duties; Double Tasks.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO: Abordagem Compreensiva de Trajetórias de Vida de Mulheres Alentejanas “Domésticas”	1
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: Interpretação Teorizante e Analítica dos 8 Casos de Mulheres Alentejanas “Domésticas”	5
5.1. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de A.	6
5.2. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Ana	8
5.3. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Bety.....	11
5.4. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de O	13
5.5. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Natércia.....	15
5.6. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Rita	18
5.7. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Maria CM.....	20
5.8. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Maria A.	23
4. CONCLUSÕES	25
BIBLIOGRAFIA	27
APÊNDICES:	29
APÊNDICE A: Revisão da Literatura e Fundamentação Teórico-Conceptual	29
3.1. Industrialização: a família operária e a dupla tarefa	30
3.2. A família pequeno-burguesa e o trabalho doméstico.....	32
3.3. Família Patriarcal: Unidade Contraditória ou Funcional?	33
3.4. Família Funcionalista: desnecessidade do trabalho doméstico ou valorização do trabalho voluntário?	35
3.5. Sociedade Democrática e Pós-Moderna: a “dona-de-casa” moderna, o pós-dona-de-casa e a entrada significativa da mulher no mercado de trabalho	36
APÊNDICE B: Grelha Analítica-Utensílio: Fundamentação do Guião-Lembrete.....	42
APÊNDICE C: Análise Descritiva do Relato da Narradora A.	46
APÊNDICE D: Análise Descritiva do Relato da Narradora Ana	56
APÊNDICE E: Análise Descritiva do Relato da Narradora Bety.....	70
APÊNDICE F: Análise Descritiva do Relato da Narradora O.....	79

APÊNDICE G: Análise Descritiva do Relato da Narradora Natércia.....	90
APÊNDICE H: Análise Descritiva do Relato da Narradora Rita	105
APÊNDICE I: Análise Descritiva do Relato da Narradora Maria CM	118
APÊNDICE J: Análise Descritiva do Relato da Narradora Maria A.....	134
APÊNDICE L: Auto-Avaliação e Avaliação Social do Trabalho Doméstico e da Dupla Tarefa.....	147

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação realiza-se no âmbito da obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social, do IX Curso de 2.º ciclo em Serviço Social, desenvolvido no Instituto Superior Miguel Torga – Escola Superior de Altos Estudos, sob orientação da Doutora M.^a de Fátima Toscano. De referir, desde logo, que este trabalho de investigação pretende reflectir, fundamentalmente, sobre o *trabalho doméstico*. Esta expressão é adoptada neste estudo para consagrar todas as tarefas, com estatuto de trabalho informal, realizadas em casa – quer enquanto espaço físico, quer enquanto lar – englobando, assim, i) tanto a manutenção ou melhoria das condições e dos espaços habitacionais, nomeadamente: arrumação, decoração, limpeza, higiene; ii) quanto a responsabilidade relativa à vivência dos seus habitantes, tais como: cuidados com roupas/vestuário, com saúde, com alimentação e, mesmo, a capacidade de gestão das próprias rotinas e ritmos diários dos vários habitantes na casa.

Esta dissertação pretende, portanto, abarcar a avaliação e visão subjectiva de mulheres relativamente àquele trabalho desenvolvido diariamente, quer executem ou não uma atividade laboral fora de casa. Deste modo, a investigação foi desenvolvida por intermédio de relatos biográficos de mulheres de diferentes faixas etárias englobando as que, durante o seu percurso de vida, foram e continuam a ser “domésticas” em tempo exclusivo, bem como, mulheres que conciliavam ou conciliam a Dupla Tarefa.

2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO: Abordagem Compreensiva de Trajetórias de Vida de Mulheres Alentejanas “Domésticas”

A presente pesquisa emergiu de preocupações sociais e pessoais, ou não concordasse a investigadora com Martinelli, quando nos afirma que “*não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como um “saco vazio”. Não! Temos vida, temos história, temos emoção!*” (1999:25). Foi através de um quotidiano vivido de perto com mulheres domésticas, descobrindo e aprendendo os seus saberes que surgiu o interesse por investigar acerca do trabalho doméstico.

Atendendo desde logo aos autores Quivy e Campenhoudt (1992), foram seguidas as sete etapas fundamentais a um processo de investigação. Como tal, de forma *clara e precisa* – sem esquecer as três qualidades fundamentais: *clareza*, *exequibilidade* e *pertinência* – a presente pesquisa guiou-se pela seguinte Pergunta de Partida:

De que modo, categorizam e avaliam o trabalho doméstico, as mulheres designadas como “domésticas” – quer as que executam exclusivamente esse trabalho informal, quer as que o articulam com outra atividade laboral fora de casa?

Consideramos que a questão comporta as três qualidades requeridas dado que é *clara*, no sentido de transmitir como preocupação fundamental, a compreensão do trabalho doméstico mediante a perspectiva de mulheres; é uma questão que delimita uma pesquisa *realista*, pois foi pensada tendo em conta os recursos e componentes viáveis e disponíveis, concretamente, a acessibilidade às mulheres que contribuíram com relatos da sua experiência; e é, também, uma pergunta que acentua a *pertinência* da pesquisa, visto não ter sido realizado qualquer tipo de julgamento a respeito do assunto, pois o pretendido é compreender a realidade a partir do conhecimento de quem vivenciou e ainda vivencia o fenómeno social a analisar: o trabalho doméstico desempenhado por mulheres, no decorrer do seu percurso de vida.

Neste sentido, a presente investigação assentou numa *metodologia compreensiva-qualitativa*. Baseada, por um lado, na definição de Maffesoli ao entender que esta metodologia “*situe la socialité de la vie quotidienne au point de départ et la place comme objet d’étude principal.*” (1997: 29). E, por outro lado, atendendo a que uma metodologia qualitativa “*se refiere en su más amplio sentido a la investigación que produce datos descriptivos: las propias palabras de las personas, habladas o escritas (...)*” (Taylor y Bogdan, 1998: 19-20). Por outras palavras, a adopção desta metodologia pressupõe a valorização da vida quotidiana do sujeito e do seu relato, no caso concreto, a trajetória de vida de mulheres alentejanas “Domésticas”. Assim, esta pesquisa consiste num *estudo exploratório intensivo*. Conforme, Cervo e Bervian (2002), os estudos exploratórios centram-se na definição de objectivos e na procura de mais informações sobre um assunto de estudo em concreto. Enquanto estudo exploratório, contou com uma etapa fundamental de todo o processo de pesquisa: o levantamento e revisão bibliográficos, fundamentalmente, de

documentos de natureza secundária¹, de modo a que a investigadora encontrasse “*respostas aos problemas formulados*” (Idem: 88). Portanto, procurou-se o esclarecimento de dúvidas acerca do tema trabalho doméstico, bem como adquirir novos conhecimentos a respeito do mesmo.

A Problemática desta pesquisa mergulha fundamentalmente, na conceptualização do Trabalho Doméstico e da Dupla Tarefa, numa tentativa de compreensão do percurso da Mulher Doméstica desde o período da Revolução Industrial até aos dias de hoje. Desde cedo que a mulher começou a conciliar a Dupla Tarefa, sendo esta inicialmente uma prática mais frequente por parte das mulheres operárias devido à sua condição económica desfavorável (Almeida, 1985). Em contrapartida, a mulher burguesa dedicava-se ao cuidado da casa e à família (Ferreira, 1981). No entanto, com o passar do tempo e, mais recentemente no seio da Sociedade Democrática e Pós-Moderna, assiste-se a diversas alterações da denominação de Doméstica, passando esta a ser considerada a “dona de casa” moderna; mais tarde entendida como pós dona de casa e, é com a entrada significativa da mulher no Mercado de Trabalho que se assiste de fato, ao assumir da Dupla Tarefa por parte da Mulher, independentemente da sua classe social (Lipovetsky, 1997).²

Relativamente ao método de pesquisa adoptado para concretizar a nossa pesquisa sobre esta Problemática, é de destacar a análise intensiva ou o *método de estudo de casos*, (Young, 1960) o qual, segundo Lúcia Martinelli, “*é (...) adequado para investigar (...) a vida de uma pessoa.*” (1999: 46). Este método foi fundamental pois permitiu à investigadora conhecer e compreender as trajetórias de vida de mulheres alentejanas e o modo como estas avaliam o trabalho doméstico, através dos seus relatos de vida exemplares. Martinelli (1999) assinala ainda que o *estudo de caso* permite ao investigador “*promover a ruptura do senso comum, através de um processo de compreensão dos elementos mais significativos, investigados com profundidade*” (Idem: 46). Deste modo, com a investigação, foi possível minimizar ideias pré concebidas acerca do tema.

¹ Considerando que, os documentos bibliográficos podem categorizar-se em três níveis, consoante a sua natureza: primários, secundários ou terciários, como asseguram Cervo e Bervian, os documentos são secundários “*quando colhidos em relatórios, livros, revistas, jornais e outras fontes impressas, magnéticas ou eletrônicas.*” (2002:88).

² Confrontar Apêndice A (pp.29-39), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura e Fundamentação Teórico-Conceptual desta investigação.

A delimitação empírica do objecto de estudo – mulheres alentejanas “Domésticas” – construiu-se através do princípio fundador da *exemplaridade*. Sendo o objetivo central da pesquisa, captar os testemunhos de mulheres “domésticas” relativamente ao trabalho (doméstico) que realizam diariamente, foram definidos 3 grandes *critérios prévios* com vista à melhor selecção das entrevistadas: por um lado, **a) a condição face ao trabalho doméstico: mulheres “domésticas” e/ou trabalhadoras** – atendendo especificamente ao fato de serem: i) *domésticas*, dedicando-se exclusivamente ao trabalho doméstico; ii) *domésticas e trabalhadoras fora de casa* (mulheres que conciliam a dupla tarefa); e ainda, iii) *domésticas que já trabalharam fora de casa e hoje são exclusivamente domésticas*, isto é, que numa determinada fase da sua vida já conciliaram a dupla tarefa e, por razões várias, hoje, são exclusivamente domésticas. Por outro lado, **b) a condição etária** entrevistando mulheres de diferentes faixas etárias, a saber: i) *20-35 anos de idade*; ii) *35-50 anos de idade*; iii) *50-65 anos de idade*; iv) *82 anos de idade*. Este critério, foi muito importante, ao permitir captar e comparar as vivências e opiniões de mulheres situadas em contextos sócio históricos diferentes. Neste sentido, também foi tido em conta o critério **c) o contexto social e o meio envolvente: rural ou urbano** de cada entrevistada, embora se tenha optado por entrevistar mulheres alentejanas, como já se disse, de modo a facilitar a investigação, o que permitiu delimitar o meio envolvente à Cidade de Beja e zona envolvente (Moura e Amareleja) e à vila de Campo Maior. De ressaltar ainda que, dada a dificuldade em encontrar entrevistadas disponíveis para participar na investigação se adoptou a “*técnica de la “bola de nieve”*: *conocer a algunos informantes y lograr que ellos nos presenten a otros.*” (Taylor y Bogdan, 1998: 108-109), tendo sido as narradoras a encaminhar a investigadora até outras mulheres que se encontram em igual condição de Domésticas.

Definidos todos os critérios, o instrumento de investigação escolhido foi a *entrevista qualitativa em profundidade*. Esta técnica consiste em: “ (...) *reiterados encuentros cara a cara entre el investigador y los informantes, encuentros éstos dirigidos hacia la comprensión de las perspectivas que tienen los informantes respecto de sus vidas, experiencias o situaciones, tal como las expresan con sus propias palabras.*” (Taylor y Bogdan, 1998: 101). E, foi de fato, o que se conseguiu na investigação: permitir às narradoras que falassem sobre um tema que tão bem dominam, visto serem elas as protagonistas das imensas tarefas que diariamente executam. Após alguns contactos, tendo em conta a disponibilidade das narradoras, foram agendadas as várias sessões.

As entrevistas, recobriram desde 1 a 3 sessões por entrevistada (com duração variável) e, foram realizadas entre os meses de Fevereiro e Abril de 2012, sendo que a duração de cada entrevista variou consoante a entrevistada: “ (...) *algunas personas van entrando en calor de modo gradual; otras tienen mucho que decir y con ellas bastan muy pocas sesiones.*” (Idem: 111). Como nesta pesquisa a técnica adoptada foi entrevista em profundidade, elaborou-se um guião de entrevista a partir dos grandes níveis de análise da pesquisa (Ap. B – p.42); foi a partir deste guião que a investigadora desenvolveu e orientou as sessões de entrevista. Partindo da explicação de Taylor y Bogdan: “ (...) *la guía de la entrevista no es un protocolo estructurado. Se trata de una lista de áreas generales que deben cubrirse con cada informante.*” (1998: 119). Por isso, na presente investigação a entrevistadora preparava-se sempre antes de iniciar cada sessão, de modo a conseguir esquematizar mentalmente os níveis analíticos fulcrais à sua pesquisa e quais os temas que precisavam ser mais clarificados.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: Interpretação Teorizante e Analítica dos 8 Casos de Mulheres Alentejanas “Domésticas”

A análise descritiva e interpretativa dos 8 casos exemplares de mulheres alentejanas “Domésticas” realizou-se, como se referiu acima, tendo por base o *Método de Escrita como Praxis Analítica* defendido por Paillé e Mucchielli (2003:101)³. Para estes autores, “*l'écriture devient ainsi le champ de l'exercice analytique en action, à la fois de moyen et la fin de l'analyse.*” (p.101). Tal como defendem Paillé e Mucchielli, a análise segundo o método de escrita deve realizar-se mediante 3 níveis: 1.º nível: o “*de la transcription*” – foram transcritas as gravações realizadas aquando das entrevistas⁴; 2.º nível: o “*de la transposition*” – foram realizadas anotações no *corpus* das transcrições; e 3.º nível: o “*de la reconstitution*” – na presente investigação também foi organizada e estruturada a informação recolhida, através da construção da História de Vida de cada uma das 8 narradoras.

De modo a conseguir uma análise compreensiva, os mesmos autores apresentam-nos 3 formas de escrita — “*descriptive, évaluative ou analytique.*” (Idem:105) — todas seguidas,

³ O processo metodológico foi orientado pelo modelo analítico operacionalizado por Toscano, 2008:189-235 (3.ª parte).

⁴ Relativamente à transcrição das entrevistas da presente investigação, deve compreender-se que, dado o seu elevado número de páginas, serão apresentadas somente em formato digital.

no caso desta investigação. Segundo Paillé e Mucchielli (2003) uma análise descritiva “ (...) *sert de support à la reconstitition plus ou moins détaillée des actes, événements et expériences rapportés à l’intérieur du corpus à l’étude.*” (Idem:Ibidem). Desta feita, a escrita descritiva⁵ foi desenvolvida a partir da história de vida de cada narradora, mediante uma atenção à cronologia dos acontecimentos, tentando definir os Momentos Marcantes da Trajetória Identitária de cada uma das mulheres alentejanas “Domésticas” (Toscano, 2008: 189-235.). A escrita avaliativa, por sua vez, esteve presente em todo o processo analítico. Relativamente à escrita analítica, esta pode ser entendida como a “ (...) *description pour prendre la forme d’essais plus conceptuels, se situant à une certaine distance du corpus analysé.*” (Paillé e Mucchielli, 2003: 105). Sendo a análise qualitativa um processo muito faseado, ao chegar à escrita analítica o investigador deve não perder o essencial do *corpus* analisado mas sim, optar por conceptualizar a informação que detém.

É neste sentido que passamos a apresentar a Interpretação Teorizante e Analítica dos 8 casos de mulheres “Domésticas”. Nesta fase do trabalho aprofundou-se o modelo analítico em torno dos Factores de Mudança; das Estratégias e Reacções Identitárias, como das Lógicas de Acção adotadas e dos Territórios Sócio-Identitários afectados, conforme proposto em Toscano, 2008 (3.^a parte).

5.1. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de A.

A Trajetória Identitária de A. pode ser analisada a partir de 3 Momentos Marcantes: o Momento 1⁶ (1988-2007): “A Menina”, desdobrado em 2 Etapas (1 Factor de Mudança); o M2 (2008-2012): “Casamento – de menina filha a mãe, esposa, mulher casada: a doméstica”, com 1 Etapa; e o M3 (2012): “O Futuro – Possível entrada na Universidade”, com 1 Etapa (Ap. C – p.43).

A compreensão deste percurso identitário demonstra-nos claramente a existência de uma *Lógica de Adequação Não Passiva* assumida por A. aquando da mudança do M1 para o

⁵ A análise descritiva desenvolvida para cada caso pode ser confrontada nos respectivos apêndices. Deve ter-se em conta que, cada caso inicia a sua numeração na pág.1.

⁶ Futuramente abreviamos os Momentos por M seguido do número respetivo.

M2. Ao passar de Menina a Mãe e, ao assumir-se como tal, A. investe no *Território*⁷ *Sócio-Identitário*⁸ *Escolar* que lhe garante a mudança e a conquista do *T S-I Laboral*.

O caso de A. dá-nos a conhecer uma jovem alentejana, nascida em 1988 na Cidade de Beja, filha única num modelo familiar nuclear, também neta e sobrinha única, condição que se alterou recentemente (M1). A. reside na cidade onde nasceu até ao presente ano de 2012. Relativamente às suas memórias de infância, recorda o início das tarefas de casa aos 10 anos de idade; um percurso escolar instável a partir do 9.º ano, com a mudança de escola e a reprovação de 2 anos lectivos consecutivos, sendo, por isso, claras as alterações no seu *T. S-I Escolar* e, conseqüentemente, no *T. S-I Laboral* como se compreende de seguida (Ap. C – pp.43-44). Tais resultados escolares negativos conduziram-na à interrupção dos estudos e conseqüente entrada no mercado de trabalho – decisões tomadas tendo em conta a sua condição de filha única e a situação financeira desafogada dos pais (Ap. C – p.44). Com a descoberta da gravidez, o *T. S-I Familiar* de A altera-se, na medida em que a relação com os pais se modifica devido, em parte, à sua condição de filha única e aos sonhos/perspectivas futuras que os pais lhe reservavam (Ap. C – p.44). Foi por este motivo que definimos a gravidez como o principal Factor de Mudança da Trajetória Identitária de A., assinalando o início do M2.

Neste mesmo M2, embora não sendo sua prioridade, A. casa, cumprindo um desejo da mãe (Ap. C – p.45). Sucede-se a Maternidade e a vida de casada: em 2008 é mãe pela 1.ª vez e, em 2010, é mãe pela 2.ª vez (Ap. C – pp.45-46). Face à Maternidade e à Gravidez, constata-se que A. assumiu reacções de *Não Acomodação e de Adequação Passiva*, pois, logo em 2008, retoma os estudos. Sabemos através do seu discurso que a continuidade do seu percurso escolar sempre foi um desejo da mãe; no entanto, foi ela quem tomou a decisão de regressar à escola. Podemos, por isso, estar perante um paradoxo entre as Transações Identitárias Interiores (Dubar:1997) de desprogramação da jovem de retoma dos estudos e as Transações Identitárias Exteriores, correspondente à vontade da mãe (Ap. C – pp.49-50). Com estas mudanças e, devido à sua condição de desempregada – alteração do *T. S-I Laboral* – A., torna-se Doméstica e passa a assegurar todas as tarefas de casa, excepto cozinhar, pois admite não saber nem querer aprender. Quanto ao *T. S-I Habitacional/geográfico* verifica-se uma alternância entre Beja e Serpa pois, segundo nos revelou a narradora, o casal tem uma casa em Serpa, no entanto, as dificuldades económicas não lhe permite habitar a casa

⁷ Futuramente abreviamos os Territórios por T.

⁸ Futuramente abreviamos Sócio-Identitários por S-I.

diariamente; assim, durante a semana vivem na casa dos pais de A., juntamente com os mesmos e, quando possível, passam o fim de semana em Serpa (Ap. C – p.46). Apesar de estar casada, A. fez-nos saber que continua a depender financeiramente dos pais, o que a deixa muito constrangida (Ap. C – p.47). Na sequência de todas estas mudanças, a sua rotina diária também sofreu alterações, quer com as tarefas domésticas diárias, como com o cuidado/educação dos filhos (Ap. C – pp.46-47). Portanto, o seu *T. S-I Estilo de Vida* também se alterou: os seus hábitos de vida, relacionados com o espaço, corpo, poderes e tempo(s) alteraram-se com a gravidez, desde as saídas de casa, agora reduzidas; ao pouco cuidado com o corpo/imagem/aumento de peso; à ausência de tempo para cuidar de si e à dependência financeira dos pais (Ap. C – pp.46-48).

Mediante este percurso A. decide ingressar na Universidade, definindo-se o possível sentido do M3 (2012) da sua Trajetória Identitária. Esta alteração do *T. S-I Escolar* pode também favorecer a rutura do seu casamento (Ap. C – p.49), dada a sua avaliação muito negativa da vida de casada: “pesadelo”; “péssima”; “anulação” (p.16) são expressões que confirmam a nostalgia da juventude que não foi vivida e a consciência de 4 anos de dedicação aos filhos e ao marido sem recompensa futura (Ap. C – pp.50-51). Ao tomar consciência da não valorização familiar, A. torna-se um caso exemplar do assumir de uma *Lógica do Realismo Pragmático*, pois, é na transição do M1 para o M2, ao tornar-se Mãe que ela decide retomar os estudos – investimento no *T. S-I Escolar* – com o objetivo fundamental de melhorar a sua situação profissional (*T. S-I Laboral*) o que lhe permitirá assumir a Dupla Tarefa e alterar a sua atual Condição de Doméstica.

5.2. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Ana

Identificamos 2 Momentos Marcantes no caso de Ana: o M1 (1987-2007): “A criança, filha, neta, irmã e prima” com em 2 Etapas (1 Fator de Mudança); e o M2: “O quotidiano da esposa, mãe e filha”, subdividido em 2 Etapas (2 Factores de Mudança); (Ap. D – p.53).

Este é um percurso identitário marcado por *Estratégias de Negação e Fuga* por parte da narradora. E, embora não se sinta totalmente satisfeita com a sua trajectória de vida, Ana segue uma *Lógica de Adequação Passiva* que lhe permite reduzir o sofrimento.

Ana é uma jovem alentejana, nascida em 1987 na Cidade de Moura. Dá-nos conta, no M1, das recordações de infância de uma menina que reforça, a importância da família na sua vida. Neste sentido, percebe-se que Ana gostava muito das férias nos seus tempos de criança, passadas em casa dos avós, juntamente com os primos e a irmã (Etapa 1 do M1; Ap. D – p.53). Quanto às tarefas domésticas, e embora diga que sabia fazer algumas, reconhece que, como tinha empregada em casa, acabava por fazer muito pouca coisa (Ap. D – p.54).

Na verdade, esta menina tinha um sonho – ser Manequim (Etapa 2 do M1) – que concretizou ao realizar alguns trabalhos (de manequim) ao mesmo tempo que concluía o 12º ano. Soube-se, ainda, que não ingressou na Universidade devido a dificuldades financeiras dos pais; no entanto, a sua *reação não foi passiva*, tendo em conta o seu sonho. (Ap. D – pp. 54-55). Ao completar os seus 18 anos de idade a jovem aproveitou para se divertir saindo à noite pois admite ter tido um pai conservador que, na juventude, não lhe permitia muitas saídas. Compreende-se, então, que a maioria garantiu à jovem alguma liberdade para se divertir, registando-se em 2006 um Fator de Mudança na sua Trajetória de vida isto porque, aos 19 anos de idade, Ana saiu da casa dos pais, terminou a carreira de manequim e passou a partilhar casa com o namorado. Face a estas mudanças, entende-se que Ana assumiu uma *Estratégia de Negação e Fuga*, até porque é paradoxal o seu discurso quando nos explica o motivo de tal decisão: segundo ela abandonou o sonho de manequim para se tornar independente, devido a problemas pessoais; não obstante, foi ainda possível apurar que o namorado não quis que ela continuasse a carreira de manequim tendo, inclusivé, interrompido a relação por algum tempo. Todas estas informações permitem-nos concluir a existência de afinidades entre as figuras masculinas na vida de Ana – um pai conservador; um namorado opressor – que reforça a compreensão da sua Estratégia. Neste sentido, pode dizer-se que esta foi uma fase de transição/adaptação positiva para Ana, pois passou a partilhar o seu espaço com o namorado (Ap. D – p.56). E, embora tenha contado com a ajuda da mãe e da irmã mais velha para lhe ensinarem algumas tarefas domésticas, reconhece que esta não foi uma fase muito difícil. Assim sendo, Ana adaptou-se à sua nova vida, passando, inclusivé, a gerir ela os ordenados, pois encontrou o seu próprio modelo de gestão (Ap. D – p.56). Para além disso, registam-se também alterações em outros Territórios Sócio-Identitários: no *Habitacional/geográfico* (ao sair da casa dos pais e partilhar casa com o namorado), no *Familiar* (relação com os pais) e também no *T. S-I das Sociabilidades* (contexto social e a relação com outras pessoas).

É com o casamento de Ana que se regista a transição do M1 para o M2 (2007) da sua Trajetória Identitária, quando a jovem tinha 20 anos de idade. Segundo nos disse, passado pouco mais de um ano (2008) é mãe pela 1.^a vez, com 21 anos de idade (Etapa 1 do M2). Para ela, sendo a Maternidade um desejo, algo planeado para os seus 30 anos que, acabou por antecipar. Não planeando ser mãe tão nova, a Maternidade veio a constituir outro Fator de Mudança na sua vida. Na verdade, com o objetivo principal de dedicação exclusiva à família, em 2011 Ana despede-se do emprego de secretária na oficina do sogro, sendo certo que já havia trabalhado em lojas de calçado do pai. Nesta fase marcada pela alteração do seu *T. S-I Laboral*, opta Ana por frequentar um curso de Manicura, o qual lhe garantia, um horário flexível para que pudesse passar mais tempo com os filhos – *T S-I Familiar*. Ana passa a estar em casa a tempo inteiro e, apesar de se ter despedido, mantém a dupla tarefa, podendo dizer-se que a mesma seguiu uma *Lógica de Adequação Não Passiva* pois, embora se tenha despedido para passar mais tempo com os filhos, não se confinou a ser Mãe e Doméstica (optando sempre pela Dupla Tarefa; (Ap. D – pp.58-59). Apesar de no seu relato não nos informar quando ocorreu a sua 2.^a gravidez, sabe-se que, em 2012 Ana é mãe pela 3.^a vez. É assim que, no presente ano de 2012, Ana é mãe de 3 crianças, dois rapazes e uma rapariga (Ap. D – p.59). Neste contexto, compreende-se que o seu quotidiano seja muito ocupado (Etapa 2 do M2), entendendo a narradora ser fundamental que haja vontade para se consiga conciliar tudo. Segundo nos disse, o seu dia começa muito cedo e termina muito tarde, tendo Ana a clara noção de que o trabalho da mulher doméstica nunca escasseia, admitindo que conta com a ajuda do marido no cuidado das crianças e na realização de algumas tarefas domésticas. Para além disso, fez-nos saber que, quando conciliava uma atividade laboral fora de casa, Ana contava com a ajudava de uma senhora para conseguir realizar as tarefas de casa (Ap. D – pp.59-60). No presente ano de 2012, Ana é Mãe-Esposa-Doméstica-Manicura, pelo que, o seu tempo tem de ser gerido de forma muito organizada. Daí que a alteração do seu *T. S-I do Estilo de Vida* seja também um Fator de Mudança na sua vida, uma vez que é Ana quem admite não dispor de muito tempo livre para cuidar de si, nem para sair à noite, por dedicar o seu tempo aos filhos e à família.

Este é, por isso, um caso exemplar de uma jovem que, tendo abdicado do sonho de ser manequim ao longo da sua trajetória identitária, foi sempre adoptando uma *Estratégia de Negação e Fuga*. Ana assume claramente um *Lógica de Adequação Não Passiva* pois, apesar de valorizar muito o seu *T. S-I Familiar* – dedicar-se à família e à Maternidade – não deixa de

atender ao *T. S-I Laboral*, percebendo-se claramente que Ana não quer ser considerada Doméstica a tempo inteiro, o que a tem levado a optar, sempre, pela Dupla Tarefa.

5.3. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Bety

A Trajetória Identitária de Bety pode ser analisada mediante 2 Momentos Marcantes: o M1 (1977-2010): “A criança, filha e irmã”, subdividido por 2 Etapas; e o M2 (2010-2012): “Casamento: a Mulher e Esposa”, com 1 Etapa (1 Fator de Mudança); (Ap. E – p.67).

O caso de Bety é claramente marcado por uma *Lógica de Encantamento Provisório* na transição do M1 para o M2 da sua Trajetória Identitária.

A partir do relato conhecemos uma mulher alentejana, nascida em 1977 na Cidade de Beja e a residir na Cidade de Moura. Tal como se compreende no M1, Bety tem um irmão ligeiramente mais velho e, muito embora no seu relato não nos tenha falado muito sobre a sua infância, a sua avaliação relativamente a essa época é positiva (Etapa 1 do M1). Neste mesmo contexto, diz-nos que foi com os seus 13/14 anos que começou a realizar as primeiras tarefas domésticas na casa dos pais, mais precisamente em 1991 (Ap. E – pp.67-68). Passados 4 anos (1995), a narradora ingressa na universidade, foi uma fase de constante alteração do seu *T. S-I Habitacional/Geográfico*, uma vez que foi estudar para a Cidade de Beja até 1997 e nesse mesmo ano, mudou-se para a Cidade de Lisboa, onde concluiu o seu curso superior – tendo sido também um momento de mudança do seu *T. S-I Escolar*. Ao mudar-se para Lisboa a narradora foi morar com a avó materna e, deixou de realizar tarefas domésticas, pois estas eram asseguradas pela avó (alteração do *T. S-I das Tarefas Domésticas*). Segundo nos disse, ao fim de semana regressava a Moura mas, com o tempo reduzido ajudava muito pouco em casa (Ap. E – p.68). Passados dois anos, em 1999 Bety concluiu o seu curso superior em Psicologia, como tal, a sua entrada no mercado de trabalho foi imediata – alterando-se o *T. S-I Laboral*, o que fez com que se mantivesse a residir em Lisboa, na casa da avó (Etapa 2 do M1). Mediante o seu relato soube-se que, em 2005, Bety regressou definitivamente a Moura, alegadamente devido ao começo do namoro com o agora, marido. Entende-se por isso que o seu regresso é marcado pela alteração de alguns dos seus Territórios Sócio-Identitários, como sejam: o *T. S-I Habitacional/geográfico*, por ter de readaptar-se ao meio onde havia passado muitos anos da sua vida; o *T. S-I Familiar*, pois Bety voltou a morar com os pais ao fim de

alguns anos a residir em Lisboa na casa da avó; o *T. S-I das Tarefas Domésticas*, com a suspensão em Lisboa e retoma das mesmas no regresso a Moura, pois, como nos diz, em casa dos pais, todos tinham de colaborar; e, ainda, o *T. S-I Laboral*, uma vez que deixou o emprego que tinha em Lisboa e teve de adaptar-se a outro contexto laboral, dada a sua rápida a sua colocação profissional ao chegar a Moura (Ap. E – pp.69-70).

É no contexto do seu regresso a Moura e início do namoro que registamos a transição para o M2 da sua Trajetória Identitária: o seu casamento em 2010 e, como tal, a saída da casa dos pais, passando a partilhar o seu espaço com o marido – alteração dos *T. S-I Habitacional* e *T. S-I Familiar*. Ao falar-nos sobre a vida de casada, o discurso de Bety chega a ser paradoxal, pois se, por um lado, admite não ter sentido dificuldades na adaptação, por outro, assume que a responsabilidade é acrescida, mesmo para quem, como ela, conta com a ajuda do marido. Neste sentido, a narradora considera que, com o casamento passou a ter uma sobrecarga de tarefas domésticas, comparativamente ao período em que vivia na casa dos pais. Isto porque, sendo a mãe quem organizava/planeava tudo, as tarefas não eram assumidas por Bety com um caráter tão regular quanto o de hoje, dada a sua condição de esposa, mãe e doméstica. Assim sendo, para Bety é fundamental que a mulher doméstica seja organizada para que consiga conciliar todas as tarefas que tem a seu cargo, nomeadamente a gestão/organização do dinheiro do casal (Etapa 1 do M2), que no caso de Bety é realizada em conjunto (Ap. E – pp.70-71). A gravidez um ano depois do casamento assinala um Fator de Mudança na Trajetória Identitária da narradora. Sabe-se que ela foi mãe de uma menina em Dezembro de 2011 de uma menina, encontrando-se, no momento da entrevista (Abril de 2012), de licença de maternidade. Bety disse-nos que enquanto estivesse em casa a cuidar da filha o seu tempo estaria muito centrado na bebé, afirmando que nesta fase as tarefas domésticas deixariam de ser realizadas com tanta precisão como eram antes da Maternidade. Também reconhece que pode contar com a ajuda do marido não só na realização de tarefas domésticas, como nos cuidados com a filha (Ap. E – p.71). É no contexto da Maternidade que se compreende a alteração ocorrida no *T. S-I do Estilo de Vida* de Bety pois, tal como referiu, a sua rotina e tempos livres mudaram: “ (...) *quando não estou com a bebé, se o meu marido ‘tá em casa (...) nesse tempo livre, vou aproveitar p’a dar um jeito à casa (...) p’ra mim, é só quando ‘tou a tomar banho, ou dormir.*” (p.8). Embora se compreenda pelo discurso da narradora que a sua rotina é gerida em função da filha e que os seus tempos livres são utilizados para adiantar as tarefas domésticas, é clara a sua *Estratégia de Adequação Positiva e Valorizadora* ao referir que a maternidade é compensadora de todas as exigências a que está

sujeita. Para além disso, neste caso, estamos perante o assumir de uma *Lógica de Encantamento Provisório* marcante aquando da Maternidade. Ao longo do seu relato, Bety disse-nos que se sente uma mulher realizada, não obstante, sublinha que só o consegue ser por conciliar a dupla tarefa: “ *se fosse só doméstica, não seria uma mulher realizada (...)*” (pp.15-16). Daí que este seja também um caso exemplar da adoção de uma *Estratégia de Relativização do Destino de Doméstica*, uma vez que Bety tem noção de que esta fase é passageira, sabendo que em breve retomará a sua atividade laboral e passará, novamente, a conciliar a dupla tarefa – sem se tornar Doméstica a tempo inteiro (Ap. E – pp.71-73).

5.4. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de O

O caso de O pode ser analisado tendo por base 2 Momentos Marcantes: o M1 (1976-2008): “A criança, filha e irmã”, desdobrado em 2 Etapas (1 Fator de Mudança); o M2 (2008-2012): “Despedimento e União de Fato”, com 3 Etapas (1 Fator de Mudança; Ap. F – p.76).

A Trajetória de Vida de O é compreendida fundamentalmente pela constante alteração dos seus *T. S-I Escolar e T. S-I Laboral*, isto porque, no presente a narradora está desempregada e, como tal, entende que se tivesse investido mais na formação teria melhores resultados profissionais, não estando hoje na Condição de Doméstica.

Nascida na Cidade de Moura em 1976, O é uma mulher alentejana, irmã mais velha de 2 outras mulheres (M1). Ao lembrar a sua infância, foi positiva a sua avaliação (Etapa 1 do M1), recordando que foi a partir dos 13/14 anos que começou a realizar as primeiras tarefas domésticas na casa dos pais – *T. S-I das Tarefas Domésticas*. Segundo a narradora, os pais sempre educaram as filhas para a valorização das tarefas domésticas, tendo ela sido, desde cedo, responsabilizada a arrumar e limpar o seu quarto, até porque, em casa, sempre assistiu à partilha das tarefas entre os pais (Ap. F – pp.76-77). Face a esta educação de incentivo para a realização das tarefas de casa, é paradoxal o discurso de O pois se, por um lado, reforça que tais ensinamentos foram importantes, por outro, sublinha que nunca tinha ponderado tornar-se doméstica, só o é nos dias de hoje, devido ao desemprego (Ap. F – p.77). Ao falar-nos sobre o seu percurso escolar, O considera-o positivo, admitindo ter concluído o ensino secundário sem nunca ter reprovado. No entanto, em 1994, com a alteração do seu *T. S-I Escolar*, alterou-se este percurso positivo ao tentar ingressar na universidade sem

conseguir. Segundo nos disse, apesar de ter tentado anos consecutivos. Hoje reconhece que o seu esforço pode não ter sido suficiente, daí que, o *T. S-I Escolar* a faça sentir-se, muitas vezes, em desvantagem perante as suas 2 irmãs mais novas, por possuírem um curso superior. Neste sentido, o caso de O é exemplo de uma *Vivência Desclassificada* quando comparado com as irmãs, pois o passado acaba por estar sempre presente na vida da narradora. Para além disso, compreendeu-se ao longo do seu relato que se entrar na universidade era uma realização pessoal, também era um desejo dos seus pais, sendo esse também o motivo da sua tristeza (Ap. F – pp.77-78). Após duas tentativas sem sucesso, O. decidiu investir na formação através de um curso tecnológico de informática, o qual vai ser motor positivo para que rapidamente entrasse no mercado de trabalho (Etapa 2 do M1). Assim sendo, trabalhou durante 7 anos numa Associação em Moura, uma experiência, segundo ela, muito positiva, mas sem reconhecimento e progressão profissional, o que e levou a apresentar a sua demissão (Ap. F – pp.78-79). É no seguimento deste acontecimento que se regista um Fator de Mudança na vida dela, falando claramente na sua instabilidade laboral e vida entre o Algarve e Moura em 2005. Contextualizando, na sequência de apresentar a sua demissão O alterou o seu *T. S-I Habitacional/geográfico* pois mudou-se para o Algarve, onde conseguiu rapidamente colocação profissional numa loja de roupa até 2008, data em que foi despedida – alteração do seu *T. S-I Laboral*. Confrontada com o desemprego, a narradora regressou a Moura, acreditando que essa era a melhor opção, desta feita, alterou novamente, os seus *T. S-I Laboral* e *T. S-I Habitacional/geográfico*, como de resto se compreende. Ao chegar a Moura, depois de seguir os processos necessários no centro de emprego, conseguiu uma colocação profissional, ainda que por um curto período de tempo. Sabe-se que, O foi contratada pela Câmara Municipal de Moura por menos de um ano; no entanto, ao fim de 4 meses de serviço é ela quem apresenta o seu despedimento, alterando mais uma vez o seu *T. S-I Laboral*; deveu-se tal decisão à ida do namorado para Vila Franca de Xira na sequência de uma proposta de trabalho, o que a fez despedir-se e acompanhá-lo.

É com a ida de O para Vila Franca de Xira que chegamos ao M2 da sua Trajectória Identitária. O ano de 2008 é, de fato, marcante para ela pois é na sequência da sua ida com o namorado que o casal passa a viver em união de fato (Ap. F – pp.80-81). Tendo em conta que a narradora havia apresentado a sua demissão, encontra-se desempregada, no entanto, convicta de que em Vila France de Xira surgiria alguma oportunidade profissional. Mas tal não sucedeu pois a narradora mantém-se desempregada até aos dias de hoje. Para além disso, em 2009 o companheiro de O ficou desempregado, data coincidente com a descoberta da sua

gravidez (Fator de Mudança). Face a esta notícia e, estando ambos desempregados, optam por regressar a Moura, contando com o apoio crucial dos pais de ambos, nomeadamente na cedência gratuita de uma casa o que permite pesar menos no orçamento familiar de que o casal faz uma gestão conjunta (Etapa 3 do M2; Ap. F – pp.80-81). É no regresso a Moura e devido à sua condição de desempregada que O. se torna Doméstica (Etapa 2 do M2). Repare-se que foi com a alteração do *T. S-I Laboral* que a narradora assume a condição de Doméstica, não sendo de todo uma condição desejada por ela, até porque nos fez saber que continua a procurar trabalho, ainda que sem sucesso, entendendo que a Maternidade é muitas vezes um impedimento à contratação (Ap. E – p.81. Pode, por isso, interpretar-se que O adopta uma *Lógica de Aceitação Não Passiva*, pois, embora seja doméstica a tempo inteiro, não se tem acomodado e tenta diariamente alterar essa situação, na procura incessante de uma colocação laboral. A narradora prefere, por isso, conciliar a dupla tarefa, a tornar-se Doméstica em exclusivo.

5.5. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Natércia

A Trajetória Identitária de Natércia foi analisada tendo em conta 3 Momentos Marcantes: o M1 (1960-1980): “A criança, filha única”, composto por 2 Etapas; o M2 (1980-2011): “O Casamento”, com 3 Etapas (1 Fator de Mudança); e o M3 (2011-2012): “Desemprego e descontentamento com a vida de casada”, com 1 Etapa (Ap. G – p.87).

Este é um caso exemplar de como a alteração do *T. S-I Laboral*, no caso da narradora ter ficado desempregada – pode conduzir à alteração do *T. S-I Familiar* – bem como, à perda de poder para gerir o orçamento familiar.

Natércia é uma mulher alentejana, nascida em 1960 na Amareleja, filha única (M1) que viveu com os pais até aos seus 20 anos de idade (Ap. G – p.87). Ao recordar a sua infância (Etapa 1 do M1), descreve-a como “*uma infância feliz*” (p.1), gozando de um bom ambiente familiar juntos dos pais. A narradora lembra-se que o seu percurso escolar terminou com a 4.^a classe, tinha ela 11 anos de idade, não por dificuldades financeiras dos pais mas, por residir numa zona com escassos meios de transporte (alterado o *T. S-I Escolar*; Ap. G – pp. 87-88). Como não podia estudar mais, Natércia ficava em casa, começando nesta altura (1971) a sua participação nas tarefas domésticas em casa (*T. S-I das Tarefas Domésticas*; Etapa 2 do M1). Poucos anos depois, em 1974 começou a namorar com o seu actual marido,

um namoro que terá sido controlado pelos pais, como de resto acontecia naquela época. Durante a juventude, disse-nos Natércia que, para ocupar os seus tempos livres, ia aos bailes e festas da sua terra. Para além disso, também gostava muito de bordar e costurar, tendo sido ela quem bordou o enxoval do seu casamento (Ap. G – pp.88-89). É na transição de criança-filha para esposa-mãe que assinalamos o M2 da sua Trajetória, com o seu casamento.

Ao casar Natércia alterou o seu *T. S-I Habitacional* uma vez que saiu de casa dos pais e passou a partilhar o espaço com o marido. Em 1981 foi mãe pela 1.^a vez de um rapaz; uma vez que ela cuidava do filho era o marido quem garantia o sustento da família. No entanto, em 1982 essa situação alterou-se com a entrada de Natércia no mercado de trabalho para realizar atividades rurais como vindima e apanha da azeitona – passando a conciliar a dupla tarefa – alterando o seu *T. S-I Laboral*. Para a narradora, esta foi uma época de muito trabalho, onde as tarefas domésticas tinham de ser feitas à noite pois em casa não contava com a ajuda do marido. Passado um ano, em 1983 a narradora é mãe pela 2.^a vez, agora de uma menina, sendo a Maternidade motivo para alterar novamente o seu *T. S-I Laboral*, ao deixar de trabalhar fora de casa (Etapa 1 do M2); (Ap. G – pp.89-90). Ainda no mesmo ano Natércia e a família alteraram o seu *T. S-I Habitacional/geográfico* (Etapa 2 do M2), devido à profissão do marido, uma vez que ele era polícia e foi colocado no Algarve. Como tal, a família acompanhou-o, assinalando-se um Fator de Mudança na vida familiar com essa mobilidade geográfica. Enquanto lá esteve, Natércia cuidava dos filhos, realizava as tarefas domésticas e, quando os filhos estavam a dormir, dedicava-se ao bordado e costura pois recebia encomendas de uma loja. Para além disso, os seus tempos livres eram passados com os filhos: Natércia disse-nos que levava os filhos a um parque perto de casa, sendo certo que o marido nem sempre os acompanhava devido à exigência dos seus horários. Ao fim de dois anos (1985), a família regressa novamente a Beja (Etapa 3 do M2), alterando-se mais uma vez o *T. S-I Habitacional/geográfico*, bem como o *T. S-I Laboral*, isto porque, embora mantivesse a sua condição de desempregada em casa a cuidar dos seus filhos, Natércia começava, então, a cuidar de outras crianças na sua casa e a vender roupa para ganhar algum dinheiro (Ap. G – pp.90-91). Com os filhos mais crescidos a frequentar a escola, Natércia alterou o seu *T. S-I Laboral* pois retomou uma atividade laboral fora de casa; este é também um Fator de Mudança a assinalar na sua Trajetória de vida, até porque a narradora retomava, assim, a dupla tarefa. Agora, Natércia era cozinheira (auto-avaliação da profissão: Ap. G – p.94) num restaurante. Segundo ela os horários eram muito exigentes, trabalhando de dia e noite; por isso, era fundamental que fosse organizada nos seus afazeres. Para ela, conciliar a

dupla tarefa implicava pouco descanso e muito trabalho, daí que os seus tempos livres fossem aproveitados para adiantar as tarefas domésticas, ao invés de descansar (Ap. G – pp.91-92). A narradora diz-nos mais uma vez que, embora o marido tivesse um horário mais flexível e passasse mais tempo em casa, não adiantava qualquer tarefa. É no contexto da não partilha de tarefas que Natércia usa um discurso negativo para falar do marido: diz-nos que ele é muito autoritário, tendo mudado as suas atitudes desde o início do namoro – situação que a deixa triste por ela ter sido criada num ambiente familiar distinto, onde os pais sempre se trataram bem. Assiste-se, neste sentido, a uma alteração do *T. S-I Familiar*: com o passar dos anos o marido revelou comportamentos e atitudes que Natércia diz não ter conhecido enquanto namorados (Ap. G – p.93). Este, é por isso, um caso exemplar da presença de uma *Estratégia de Sacrifício Consentido ou Revolta Contida* por parte de Natércia, pois, admite não gostar das atitudes e comportamentos do marido, avalia negativamente a sua vida de casa, no entanto, não se sente capaz de enfrentar uma rutura na sua Trajetória Identitária.

O descontentamento com a vida de casada e a alteração do *T. S-I Laboral* devido à sua condição de desempregada, permitem-nos chegar ao M3 da sua Trajetória Identitária (Ap. G – p.95). Ao ficar desempregada em 2011, diz-nos Natércia que deixou de conciliar a dupla tarefa, restringindo-se à condição de Doméstica – o que a deixa triste por passar os seus dias sempre em casa (Etapa 1 do M3). Conforme nos adiantou, apesar de já não trabalhar fora de casa, continua a ser muito organizada na sua rotina diária, tendo as tarefas muito bem programadas, sublinhando ser esse o seu método de trabalho. Ao fim de semana recebe os filhos e respectivas famílias em casa, e cozinha para eles com muito gosto. Para Natércia o desemprego veio também alterar o seu *T. S-I de Estilo de Vida*, pois, ela admite que, no presente, os seus dias são passados predominantemente em casa, ao passo que, quando trabalhava, saía e convivía mais com as amigas (Ap. G – pp.96-97). Esta alteração pode ser entendida também devido à perda de meios financeiros por parte da narradora, aquando do desemprego; na verdade foi ela quem nos disse que, enquanto esteve empregada era ela quem geria o orçamento familiar e, quando ficou desempregada essa gestão passou a ser feita pelo marido (Ap. G – p.97). Entenda-se, por isso, que a alteração do seu *T. S-I Laboral* influenciou o seu poder de gestão e capitalização: a sua condição perante o trabalho permitiu-lhe ganhar e perder esse mesmo poder. Face a esta mudança, denota-se por parte de Natércia uma *Lógica de Aceitação Passiva*, pois, embora reconheça que deveria ser ela a continuar essa gestão, na verdade, a sua perda de poder mantém-se.

5.6. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Rita

A Trajetória Identitária de Rita foi analisada segundo 3 Momentos Marcantes: o M1 (1950-1973): “Do nascimento à juventude”, composto por 2 Etapas; o M2 (1973-2007): “Casamento, Maternidade e vida de casada”, com 3 Etapas; o M3 (2007-2012): “Mudanças ocorridas na Trajetória de vida de Rita aquando da doença do marido”, com 2 Etapas (Ap. H – p.102).

O caso de Rita pode ser compreendido tendo em conta o seu *T. S-I Familiar*, uma mulher que, enquanto criança, ajudou a mãe a cuidar dos irmãos mais novos, aquando da Maternidade se dedicou aos filhos e na condição de esposa, dedica o seu tempo a cuidar do marido.

Rita nasceu na Cidade de Moura em 1950, é uma mulher alentejana, irmã de 4 rapazes (M1;Ap. H – p.102). Concluiu somente a 4.^a classe pois, o pai considerava que as mulheres não deviam estudar (alteração do *T. S-I Escolar*). Sabe-se que, mesmo enquanto estudava, Rita já participava na realização das tarefas domésticas em casa, e que, aos 10 anos de idade, quando saiu da escola, as tarefas de casa se mantinham a seu cargo. Segundo ela: “ (...) comecei desde pequenina a trabalhar nas tarefas domésticas (...) porque a minha mãe ia trabalhar (...) ao sair da escola tinha que ir (...) adiantar o comer (...)” (p.1). Sendo o pai proprietário de uma taberna, era Rita quem cozinhava os petiscos que o pai servia na taberna, começando desde cedo a cozinhar. A mãe trabalhava no campo, o que fazia com que, também não tivesse muito tempo livre para tratar da casa, assegurando Rita a maioria das tarefas domésticas. Ao recordar a infância, falou-nos das condições habitacionais precárias em que viveu, ao mesmo tempo que recordou o ambiente familiar extremamente desagradável que existia em casa pois, o pai bebia muito e era muito rígido com a família (alteração do *T. S-I Familiar*). Em 1965, com 15 anos de idade, e mesmo com a discórdia do pai, Rita decide começar a trabalhar numa fábrica em Moura – alterando o seu *T. S-I Laboral* –, onde conheceu o seu marido, também empregado dessa mesma fábrica (Etapa 1 do M1;Ap. H – pp.102-103). Ao fim de 2 anos a trabalhar no mesmo sítio, o pai de Rita decide mudar-se com a família para Lisboa, mais precisamente para a Baixa da Banheira, tal decisão, tendo ela de abandonar o seu emprego e o seu namoro terminasse, sendo retomado 2 anos depois (alteração do *T. S-I Laboral* e *T. S-I Habitacional/geográfico*; Etapa 2 do M1; Ap. H, p. 104).

É com o casamento de Rita que chegamos ao M2 da sua Trajetória Identitária. Como nos disse, casou em 1973 na Baixa da Banheira, assumindo que o casamento foi sinónimo de liberdade, visto ter vivido sempre muito controlada pelo pai. Embora não nos tenha dito quando exatamente, sabe-se que, tempos mais tarde o casal regressou a Moura (*T. S-I Habitacional/geográfico*). Em 1975 Rita foi mãe pela 1.^a vez de um rapaz e, em 1977 foi mãe pela 2.^a vez de uma rapariga, o que fez com que se dedicasse à Maternidade, não conciliando qualquer atividade laboral fora de casa nessa época. Disse-nos que ainda comprou uma máquina de malhas, com o intuito de vender as suas peças, mas as crianças retiravam-lhe muito tempo e, não sendo compensador acabou por desistir (Etapa 1 do M2;Ap. H – pp.104-105). É com os filhos já crescidos, a frequentar a escolar que Rita decide alterar o seu *T. S-I Laboral*, indo trabalhar para um salão de móveis. No entanto, devido ao falecimento do dono da loja, rapidamente ficou desempregada (*T. S-I Laboral*). Passado algum tempo, não nos informando ao certo quando, a narradora e o marido abrem uma pastelaria, passando ela a conciliar mais uma vez a Dupla Tarefa e alterando o seu *T. S-I Laboral*. Sabe-se que, o motivo principal deste negócio era garantir que os filhos concluíssem um curso superior, apesar do rapaz não ter prosseguido para a universidade. Embora o marido trabalhasse numa oficina, Rita recorda que ele ajudava-a muito, quer em casa com a realização das tarefas domésticas, quer na pastelaria com a limpeza e o horário da noite. Gozando de um dia de folga da pastelaria, segundo nos disse, o casal aproveitava o sábado para sair um pouco, jantavam sempre fora para que Rita pudesse ficar um dia sem cozinhar (Etapa 2 do M2;Ap. H – pp.106-107). Ao assumir ser ela quem geriu sempre os recursos familiares, inclusivé, o ordenado do marido, a narradora diz-nos, ter passado por várias fases: depois do casamento, uma fase de muita rigidez na gestão, pois, o ordenado do marido era muito baixo; com a abertura da pastelaria, uma vida desafogada, sem olhar muito aos preços; e, no presente, devido à doença do marido, uma gestão, novamente rigorosa, uma vez que, mensalmente conta com a reforma dele e com a renda da pastelaria (Etapa 3 do M2). Neste sentido, entenda-se, sendo Rita proveniente de uma família carenciada, diz-nos que aprendeu sozinha a gerir o orçamento familiar pois, na casa dos pais não teve o melhor exemplo (Ap. H – pp.108-109).

A doença do marido da narradora, permite-nos chegar ao M3 da sua Trajetória Identitária. Segundo Rita, esta foi uma fase muito complicada para si pois, estando os filhos a estudar em Beja, acompanhou sozinha o início da doença do marido, sendo certo que, ao relatar o que se passava aos filhos, eles não acreditavam na mãe. O processo de doença do

marido da narradora encontra-se explicado no Ap. H – pp.110-114. Em traços muito gerais, o marido de Rita começou a perder mobilidade e, a perder também o controlo das suas acções, tendo sido registados alguns acidentes de viação; para além disso, o esquecimento também passou a ser frequente no seu quotidiano. Por entre muitas idas ao médico, o diagnóstico não era esclarecedor, até que Rita soube que o marido tinha Alzheimer. Ao acompanhar de perto o estado de saúde dele, a narradora optou por arrendar a pastelaria, de modo a passar mais tempo com o marido. Esta não foi uma decisão fácil pois, segundo nos disse, gostava muito do trabalho na pastelaria, no entanto, assume que o marido merece toda a sua dedicação, pode por isso, entender-se que Rita adoptou uma *Lógica de Adequação Passiva*, tendo ela presente que, a situação não se pode alterar. Face a este acontecimento, percebeu-se que os hábitos e rotinas da narradora se alteraram completamente (Etapa 2 do M3). Isto porque, é a mesma a reconhecer que no presente, a realização das tarefas domésticas não é tão regular como era antes da descoberta da doença do marido; as suas saídas de casa, são somente para ir à farmácia ou ao supermercado – não sai para tomar um café; não vai à Baixa da Banheira visitar a família pois, sabe o quanto o marido gostava de lá ir; e por sua vez, deixa também de cuidar de si, considerando, por exemplo, que como não sai de casa, não precisa de comprar roupa nova, pois nunca lhe dará uso.

Este, é por isso, um caso exemplar do assumir de uma *Estratégia Individual - Sacrifício Estratégico* de Rita ao dedicar o seu tempo ao marido, reconhecendo que ele é merecedor de toda a sua dedicação.

5.7. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Maria CM

O caso de Maria CM é analisado tendo em conta 2 Momentos Marcantes: o M1 (1931-1951): “A Criança – filha, irmã, prima e neta num meio social carenciado”, com 3 Etapas; e o M2 (1951-2012): “O Casamento, a Maternidade e a vida de casada”, composto por 3 Etapas (1 Fator de Mudança); (Ap. I – p.115).

Esta, é uma Trajectória Identitária constantemente marcada pela presença da figura paterna em todas as decisões que dizem respeito ao *T. S-I Laboral*.

Maria CM é uma mulher alentejana, nascida em 1930 na vila de Campo Maior, considerada “ *a menina da família*” (p.1;M1). Sabe-se que tinha 2 irmãos mas um faleceu

aos 19/20 anos (Ap. I – p.115). Ao recordar a sua infância, disse-nos que gostava muito de estudar; no entanto, e devido a dificuldades financeiras, só concluiu a 4.^a classe – alteração do *T. S-I Escolar* (Etapa 1 do M1). Não podendo dar continuidade aos estudos, Maria CM começou a realizar as tarefas domésticas em casa dos pais (Etapa 2 do M1). Sendo ela irmã de 2 rapazes, diz-nos que as tarefas ficavam somente a seu cargo por ser mulher. Assim sendo, Maria CM considera ser essa uma educação errada porque entende que as tarefas de casa também devem ser feitas pelos homens – sendo clara a sua *Lógica de Adequação Não Passiva*. No seu caso, fez-nos saber que, embora o marido também não tenha recebido essa educação, ela ensinou-o a fazer algumas tarefas, nomeadamente: colocar a toalha do banho a secar e colocar a roupa suja no devido lugar (Ap. I – p.116). Durante a juventude, estando em casa dos pais, Maria CM dedicou-se à costura, tendo em 1942, dado início a um curso de bordados, ensinado por freiras. Não obstante, rapidamente o abandonou por decisão do pai, porque segundo o seu relato, este tinha medo que a filha se tornasse freira. É clara a sua reacção de tristeza face a esta decisão do pai, sendo certo que, costurar era algo que gostava muito de fazer, sonhando, inclusive, fazer dessa atividade sua profissão, algo que nunca conseguiu concretizar, como afirma: “ (...) *nunca pude acabar nada que eu comecei (...)*” (p.3). Neste sentido, ela sente que o seu trabalho nunca foi valorizado nem reconhecido em termos económicos pois tudo o que fazia era para si ou para a família, não tendo nunca a oportunidade de obter lucro com os seus trabalhos de costura. Ao falar-nos do pai, Maria CM diz-nos que por ser um homem “(...) *ditador (...)*” (p.7) e autoritário, nunca permitiu que, nem ela, nem a mãe trabalhassem fora de casa (Ap. I – p.117). Como não podia trabalhar fora de casa, os tempos livres da narradora eram passados a bordar e costurar, apesar de nos dizer que, em ocasiões festivas, o pai autorizava que ela fosse a algum baile (Ap. I – p.118). É ainda na Etapa 1 do M1 que Maria CM nos fala sobre o seu namoro, muito controlado pelos pais, como acontecia na época. Passados alguns anos de namoro, a narradora começou a tratar do enxoval, dos bordados e preparativos para o seu casamento, sendo essa a razão que nos leva ao M2 da sua Trajetória Identitária.

Foi em 1951 que Maria CM casou (M2) e, segundo nos disse, o pai assegurou-lhe uma casa devidamente equipada – como fazia parte das regras sociais da época. Foi ao casar que saiu da casa dos pais, alterando o seu *T. S-I Habitacional/geográfico*, indo morar com o marido para Santa Margarida. Ora, o marido de Maria CM era militar, como tal, as deslocações geográficas passaram a ser uma constante na sua Trajetória de Vida (Etapa 1 do M2). Relativamente à vida de casada, a narradora admite que esta foi uma fase de aumento de

trabalho pois, mesmo não trabalhando fora de casa, a sua vida foi passada a trabalhar. Para além de tratar da casa, a Maternidade também fez com que disponibilizasse muito do seu tempo ao cuidado das filhas pois Maria CM foi mãe pela 1.^a vez em 1956 e, mãe pela 2.^a vez em 1963 (Ap. I – p.120). A ida do marido para o Ultramar definiu um Fator de Mudança na Trajetória Identitária da narradora, uma vez que ela teve de regressar a Campo Maior – alterando novamente o seu *T. S-I Habitacional/geográfico*. Esta foi, segundo o seu relato, uma fase muito complicada, com as filhas pequenas a seu cuidado, tendo a educação e os cuidados com a alimentação e com a saúde ficado somente a seu cargo (Etapa 2 do M2). Como tal, disse-nos que neste período passava muito tempo em casa, esquecendo-se, muitas vezes, de que as filhas também precisavam de sair – enquanto mãe, considera ter sido esse o seu único incumprimento (Ap. I – pp.121-122). Sabe-se através do seu relato que Maria CM conseguiu ir para o Ultramar, para perto do marido durante os períodos de tempo permitidos, levando consigo as filhas do casal (Etapa 3 do M2). As suas deslocações geográficas para o Ultramar, fizeram-se primeiro para a Guiné e, depois, para Cabo Verde. Desta feita, pode dizer-se que, o seu *T. S-I Habitacional/geográfico*, foi afectado em ambos os países devido à adaptação a que Maria CM e as filhas estiveram sujeitas, bem como o *T. S-I do Estilo de Vida*, pois os próprios meios e modos de vida eram diferentes (Ap. I – pp.122-123). De regresso a Portugal o casal ainda viveu em Águeda no ano de 1971 para que o marido pudesse frequentar a Escola Central de Sargentos. Desta feita, em 1972 decidem mudar-se para Coimbra, onde a narradora vive até hoje, tendo o marido já falecido (Etapa 4 do M2). Maria CM contou-nos ainda, que em 1978 deu início a uma curso de decoração em Coimbra, tendo recebido total apoio do marido. No entanto, mais uma vez não o conseguiu terminar porque o pai ficou doente e ela teve de ir para Campo Maior cuidar dele. De fato, é clara a presença da figura paterna na vida da narradora, sempre que esta tentava concretizar de algum modo o seu desejo de tornar-se costureira ou modista, como nos afirma a própria: “(...) tive assim uns obstáculos, muitas contrariedades (...) foi a escola, não fui mais p’ra frente, foi os bordados não me deixou, a costura também (...)” (pp.4-5;Ap. I – pp.124-125).

Neste sentido, o caso de Maria CM é exemplar de uma *Lógica Sistemática de Adequação Não Passiva*, pois a narradora foi tentando na sua vida de casada atualizar o modelo familiar, de modo a não reproduzir um modelo das gerações passadas, tendo em conta, também, a vivência da sua condição de filha.

5.8. Interpretação Teorizante e Analítica do Caso de Maria A.

O caso de Maria A apresenta 3 Momentos Marcantes: o M1 (1930-1959): “Do nascimento à juventude”, ao qual correspondem 3 Etapas; o M2 (1959-2005): “Casamento, Maternidade e vida de casada”, com 3 Etapas (1 Fator de Mudança); o M3 (2005-2012): “Abandono definitivo da vida no campo e regresso do casal à Amareleja – alterações da rotina diária”, com 2 Etapas (1 Fator de Mudança) (Ap. J – p.131).

Esta é uma Trajetória Identitária marcada pela constante alteração do *T. S-I Habitacional/geográfico*, enquanto filha e mais tarde como esposa. Uma mulher que toda a vida acompanhou e ajudou o pai e o marido na realização de trabalhos rurais sem nunca ter recebido qualquer ordenado.

Maria A é uma mulher alentejana, nascida em 1930 na freguesia da Amareleja (M1). Irmã de 2 rapazes, sabe-se que, a partir dos seus 3 anos de idade (1933), teve de mudar-se para o campo, juntamente com a sua família, assistindo-se à primeira alteração do seu *T. S-I Habitacional/geográfico* (Etapa 1 do M1). Segundo nos disse, o pai era ganadeiro e a mãe era doméstica, como tal, e devido a dificuldades financeiras da família, Maria A não pôde frequentar a escola, esse é para si “ (...) o maior desgosto (...)” (pág.9); sendo, por isso, afectado o seu *T. S-I Escolar*, é com alguma tristeza que ela nos diz que aos 82 anos de idade não sabe escrever (Etapa 2 do M1). Na impossibilidade de estudar, a narradora recorda que a sua infância foi passada no campo, a ajudar o pai a cuidar dos animais e, depois de crescida realizando actividades rurais como: vindima, monda, ceifa e apanha da azeitona (Ap. J – pp.131-132). Tendo em conta a profissão do pai da narradora, eram frequentes as deslocações geográficas da família (Etapa 3 do M1), isto porque, estavam sujeitos a mudar constantemente de propriedade. Desta feita, quando tinha 14 anos (1944), a família mudou novamente de propriedade – voltava a alterar-se o seu *T. S-I Habitacional/geográfico*. Ao chegar à nova propriedade, Maria A continuava a ajudar o pai a cuidar do gado, tarefa que às vezes a deixava envergonhada pois, já estava crescida e também já namorava com o seu atual marido. Segundo nos disse, namorou durante 8 anos, o namorado era lavrador e ganadeiro no campo (Ap. J – pp.132-133). Ao fim de todos esses anos, Maria A regressou com a família à Amareleja e, casou, sendo essa a mudança que permite assinalar o M2 da sua Trajetória Identitária (Ap. J – p.133).

O Casamento realizou-se em 1959 numa propriedade muito bonita, segundo nos disse (Etapa 1 do M2). Depois de casada, sabe-se que, enquanto vivia na Amareleja Maria A trabalhou à monda e, tendo as tarefas de casa a seu cargo, passou a conciliar a dupla tarefa. Para a narradora essa foi uma época de muito trabalho o que fazia com que as tarefas de casa tivessem de ser realizadas à noite (Ap. J – pp.133-134). Passado um ano do seu casamento, Maria A ficou grávida, como tal, sendo a gravidez um Fator de Mudança na vida dela, é com o nascimento da filha que o *T. S-I Habitacional/geográfico* do casal se altera, isto porque, decidem deixar a Amareleja e regressar ao campo (Etapa 2 do M2). Não esqueçamos que: o marido de Maria A era trabalhador rural – a deslocação para o campo era fundamental; para além disso, o casal passou a sua infância/juventude no campo (Ap. J – p.135). Sabendo que o marido da narradora era ganadeiro, as deslocações geográficas eram inevitáveis (Etapa 3 do M2). Como tal, segundo Maria A em 1962, a família deslocou-se para uma propriedade, sendo esta mudança marcada por dificuldades habitacionais; em 1970 foram para Barrancos, onde segundo nos recorda, os dias eram passados a realizar as tarefas de casa (Ap. J – pp.135-136). Mais uma vez, o *T. S-I Habitacional/geográfico* de Maria A da sua família sofria alterações pois, era constante a sua adaptação a novos meios. Disse-nos ainda a narradora que, entre 1980 e 1990 cuidou do neto, sabendo que a filha e o genro tinham de trabalhar. Para além disso, enquanto viveu no campo, teve sob seu cuidado a mãe (que estava cega) e a sogra. Sendo certo que a sogra ajudava-a na realização das tarefas de casa e, no cuidado com a mãe, o que deixava a narradora muito satisfeita. É Maria A quem nos diz, ter trabalhado muito no campo, sempre a ajudar o marido, sem receber qualquer valor monetário: “ (...) trabalhei uma vida inteira p’ra ajudar o meu marido sem ganhar um tostão.” (p.27). É neste sentido que se entende o seu discurso ao afirmar: “ (...) foi um sacrifício uma vida inteira.” (p.11). Daí que se entenda que ao longo da sua Trajetória Identitária esteja presente uma *Estratégia de Sacrifício Consentido* – por não ter estudado, por ter começado desde cedo a ajudar o pai, e mais tarde o marido e sobretudo, por sentir que o seu trabalho não é reconhecido (Ap. J – p.137).

É com a decisão de regressar definitivamente à Amareleja, que chegamos ao M3 da Trajetória de Vida de Maria A. Conforme nos disse, foi em 2005 que o casal regressou à sua casa (Etapa 1 do M3; *T. S-I Habitacional/geográfico*), tendo eles de readaptar-se ao meio onde já residiram. Neste contexto, alterou-se também o *T. S-I Laboral* de Maria A e do marido pois, este deixava a profissão que tanto gostava. Entenda-se que, a reforma deste foi o principal Factor de Mudança para que a deslocação dos mesmos viesse a acontecer (Ap. J –

p.138). Como seria de prever, esta mudança ao fim de tantos anos contribuiu para que os hábitos do casal se alterassem no regresso à Amareleja (Etapa 2 do M3). Segundo nos contou Maria A, quando lá chegaram o marido ainda conseguiu trabalhar (2005) mas, por um curto espaço de tempo pois, ficou doente e incapaz de exercer qualquer atividade laboral. Desta feita, soube-se que os dias do casal são passados em casa, continuando as tarefas domésticas a ser asseguradas pela narradora, independentemente dos seus problemas de saúde.

Este é um caso exemplar de uma mulher que toda a sua vida trabalhou para ajudar e nunca para auferir um valor monetário pelo seu trabalho. Mediante uma *Estratégia de Acomodação* pode entender-se que, Maria A tem vindo a Incorporar o seu Destino de Doméstica sem qualquer dificuldade pois, conheceu uma realidade bem mais dura no sentido da carga laboral ao realizar os trabalhos rurais desde criança com o pai e depois de casada com o marido.

4. CONCLUSÕES

No seguimento do processo de interpretação analítica foram analisados, ao longo dos 8 casos, os *Factores de Mudança*, as *Estratégias e Reacções* das narradoras, as *Lógicas de Acção* (fundamentalmente de Adequação e Aceitação) e, também, os vários *Territórios Sócio-Identitários*: o *Familiar*, o das *Tarefas Domésticas*, o *Laboral*, o das *Sociabilidades*, o *Habitacional/Geográfico*, o *Escolar* e o do *Estilo de Vida*. Conclui-se que os *T. S-I Laboral* e *Escolar* são, predominantemente os mais afectados e alterados ao longo do percurso de vida destas Mulheres Domésticas. O *T. S-I Escolar*, porque, à excepção de Bety que concluiu um curso superior e de Maria A que nunca teve oportunidade de estudar, as restantes narradoras, por razões familiares, económicas ou sociais interromperam o seu percurso escolar muito cedo. O *T. S-I Laboral* i) quer porque permitiu a algumas narradoras (Bety e Ana) a entrada no mercado de trabalho e a conciliação da Dupla Tarefa; ii) quer porque, a outras — A, O. e Natércia—, possibilitou a entrada no mercado de trabalho e, presentemente, o confronto com o desemprego, que lhes retirou a Dupla Tarefa, restringindo-as à Condição de Domésticas); iii) quer ainda, no caso de Maria A, pela conciliação da Dupla Tarefa ao longo de toda a sua vida, embora trabalhando no campo, somente para ajudar o marido; ou no caso de Rita que, tendo já conciliado a Dupla Tarefa, hoje, é Doméstica a tempo inteiro para cuidar do marido

que inesperadamente ficou doente; e, ainda, o caso de Maria CM que nunca teve possibilidade de exercer qualquer actividade profissional fora de casa devido à rigidez do pai – adquirindo a sua Condição Doméstica. Daí que se compreenda a avaliação negativa que todas elas atribuem à sua Condição de Domésticas e ao trabalho doméstico que diariamente realizam.

Ao longo da análise das 8 Trajetórias Identitárias, denota-se claramente, uma necessidade significativa por parte das narradoras de valorização da sua Identidade Profissional, de modo a que não seja uma Identidade confinada aos papéis domésticos de que nos fala Lipovetsky (1997), isto porque, até as narradoras que nunca exerceram uma atividade laboral fora de casa, também o ambicionavam (Maria CM e Maria A), como forma de reconhecimento e valorização do seu trabalho. Segundo o mesmo autor, “ (...) *o trabalho, nos nossos dias, constrói mais a identidade social das mulheres do que no passado, onde apenas os papéis de mãe e de esposa eram socialmente legítimos.*” (Idem: 220). Concluindo, deste modo, a valorização e preferência da Dupla Tarefa por parte das 8 narradoras, o que nos permite responder também à Pergunta de Partida da presente pesquisa. É clara a consciência de todas, relativamente à desvalorização da Condição de Domésticas, daí que, encontrem na Dupla Tarefa uma estratégia de libertação dessa mesma condição, como é o caso de O., de A. e de Natércia, todas elas desempregadas⁹. Aliás, Natércia é um caso exemplar de perda de identidade profissional, perda de autonomia financeira e, ainda, de constante desvalorização do seu trabalho doméstico, NV por parte do marido, o que nos remete para o conceito de antroponomia desenvolvido por Bertaux (1978:88), quando o autor nos diz que: “ *para o capital, é necessário que o marido possa exigir quotidianamente da mulher o cumprimento das tarefas domésticas;*”. De facto, é o que acontece no caso de Natércia, uma vez que depende economicamente do marido e, mesmo não concordando com as atitudes desvalorizadoras do mesmo, continua a assegurar todo o trabalho doméstico em casa, adoptando uma *Lógica de Adequação Passiva*, acomodando-se à situação. Natércia, pois, reage ao contrário de A. que, insatisfeita com a Condição de Doméstica assumiu uma *Lógica de Adequação Não Passiva*, investindo no *T. S-I Escolar* para melhorar a sua vida.

Quanto aos três grandes níveis analíticos¹⁰, e atendendo à metodologia compreensiva-qualitativa adoptada nesta pesquisa, conclui-se: Nível Analítico “*Que é ser Doméstica*” — independentemente da faixa etária, a opinião das narradoras esteve muito próxima: no geral, é

⁹ Consultar Apêndice L – pp. 142-147.

¹⁰ Confrontar Grelha Analítica – Apêndice B (p.42).

avaliado como um trabalho muito cansativo e, como tal, ingrato, pois a mulher doméstica vive no seu local de trabalho, não tendo horário de saída, nem horário de entrada; Nível Analítico “*Como são e se organizam as Domésticas*” — foi igualmente geral a leitura das narradoras, assumindo que na Condição de Domésticas a organização é fundamental porque, para além de assegurar as tarefas de casa, estas também são gestoras dos recursos económicos da família, como planificam as refeições, o que (na sua grande maioria) — acaba por condicionar os seus tempos livres; Nível Analítico “*Avaliação Social das Tarefas Domésticas*” — mais uma vez, as narradoras concordam entre si que não existe, por parte da sociedade, qualquer valorização ou reconhecimento do trabalho realizado pela mulher Doméstica. Deste modo, foi também unânime a leitura feita pelas 8 Mulheres Domésticas: entendem ser a educação um passo fundamental para atingir o tão necessitado reconhecimento; ora, para que tal se atinja é crucial que a mentalidade da sociedade esteja, também ela, apta para a mudança, porque a educação só se conseguirá se quem educa valorizar o Trabalho e a Condição da Mulher Doméstica.

Neste sentido, concluo: é preciso (re) valorizar as tarefas domésticas, de modo a que estas mulheres não se sintam “inúteis” perante a Condição de Domésticas que, muitas vezes é-lhes imposta, como foi possível verificar na presente investigação; e também, repensar/reavaliar as tarefas domésticas de modo a que não sejam entendidas como tarefas da mulher/género, sendo asseguradas por homens ou mulheres. Não basta ajudar a mulher Doméstica a realizar as tarefas de casa como se de um favor se tratasse, é necessário partilhar as tarefas domésticas.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Ana Nunes de. (1985). Trabalho feminino e estratégias familiares. *Análise Social*, vol. XXI (85), 7-44.

Almeida, Ana Nunes de. (1993). Mulheres e famílias operárias: a «esposa doméstica». *Análise Social*, vol. XXVIII (120), 105-132.

- Bertaux, Daniel. (1978). *Destinos pessoais e estrutura de classe* (1.^a ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Cervo, Amado L. & Bervian, Pedro A. (2002). *Metodologia Científica* (5.^a ed.). São Paulo: Prentice Hall.
- Demazière, Didier & Dubar, Claude. (1997). *Analyser les Entretiens Biographiques. L'exemple de Récits D'insertion*. Paris: Nathan.
- Dubet, François. (1994). *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Éditions du Seuil.
- Ferreira, Virgínia. (1981). Mulheres, Família e Trabalho Doméstico no Capitalismo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º6, 47-86.
- Lipovetsky, Gilles. (1997). A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maffesoli, Michel. (1997), *La Méthodologie Compréhensive. Sociétés – Revue des Sciences Humaines et Sociales*, n.º56, 29-43.
- Martinelli, Maria Lúcia de. (1999). Pesquisa Qualitativa um instigante desafio. *O estudo de caso, suas implicações metodológicas na pesquisa em serviço social* (pp. 41-55). São Paulo: Veras Editora.
- Paillé, Pierre. & Mucchielli, Alex. (2003). *L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales*. Paris: Armand Colin.
- Quivy, Raymond, & Campenhoudt, Luc Van. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1.^a ed.). Lisboa: Gradiva.
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1998). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Toscano, M.^a de Fátima. (2011). Da “pobreza” voluntária à hiper-socializada? – uma interpretação sociológica das identidades sociais das mulheres “pobres” a partir da obra de Talcott Parsons. *Interacções*, 21 (no prelo).
- Toscano, M.^a de Fátima. (2010) [2008]. *Sociologia das Identidades, Ofício de Revelação*. Tese submetida ao ISCTE como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Sociologia. ISCTE-IUL, Nov/2010; [Junho/ 2008], 2 vols. (polic.).

APÊNDICES:

APÊNDICE A: Revisão da Literatura e Fundamentação Teórico-Conceptual¹¹

¹¹ Teixeira, Diva, (2012). *Projeto de Investigação Social*, 6-18.

3.1. Industrialização: a família operária e a dupla tarefa

Muitos são os estudos que associam o surgimento da figura da “doméstica” ao período da Revolução Industrial. (Oakley, 1974; Blunden, 1982; Michel, 1978). No caso concreto de Portugal, para esta época, é de assinalar a forte migração registada do campo para a cidade. Foram muitas as famílias que, na busca incessante de melhores condições de vida, se deslocaram para a cidade com o objectivo principal de trabalhar. Tendo esta migração provocado algumas alterações, salientam-se duas: na **configuração familiar** e na **ocupação do espaço doméstico**. Relativamente ao próprio conceito de família, concluiu-se, entre outras coisas, que as famílias, ao chegar à cidade se isolavam da rede alargada de familiares e vizinhos que, até então, dispunham devido, sobretudo, à decorrente distância geográfica. As alterações sentidas durante esta mesma migração foram também notórias dentro das casas uma vez que a mulher, ao chegar à cidade, ficava em casa, tendo a seu cargo as tarefas domésticas, enquanto o seu marido passava o dia fora a trabalhar. Neste sentido, como afirma Ana Nunes de Almeida *“as próprias funções dos cônjuges sofrem uma especialização de tipo idêntico à que atingiu outras instituições sociais: o marido assume no exterior o papel instrumental de ganha-pão; a mulher completa-o no interior da família, empenhando-se na conservação do equilíbrio afectivo do lar.”* (1985: 7).

Face ao objectivo fundamental destas famílias – a melhoria de condições de vida –, e tendo em conta a precariedade com que se confrontavam no campo, depressa esta situação se modificou. Sabe-se que, não sendo o rendimento do marido suficiente para fazer face às necessidades da família, a mulher teve de juntar-se a ele, passando ambos a trabalhar fora de casa. Como nos refere Ana Nunes de Almeida (1985), era diversificado o leque de ofertas para as mulheres: muitas trabalhavam como operárias fabris nas mesmas fábricas onde trabalhavam os seus maridos; outras trabalhavam na construção civil como serventes, cozinheiras, ou mulheres de limpeza de prédios já construídos; e outras, ainda trabalhavam como mulheres a dias nas casas da pequena e média burguesia, ou dedicavam-se à venda ambulante, o que lhes permitia ter os filhos pequenos por perto.

Confrontamo-nos, então, com uma situação muito pertinente: com a Revolução Industrial, a mulher passa a assumir uma **dupla tarefa**. Quer-se dizer que, para fazer face às necessidades familiares passa a trabalhar fora de casa como o seu marido mas, quando chega a casa, ainda tem a seu cargo um conjunto de tarefas domésticas que, se as não fizer, ninguém

as faz por si. Compreende-se, neste contexto que, por mais cansativo ou trabalhoso que tenha sido o dia para a mulher, quando chegar a casa encontra ao seu dispor um série de tarefas domésticas que precisam ser realizadas, tal como evidencia Ana Nunes de Almeida, *“independentemente do tipo de horário de trabalho que possa exercer no exterior, cabe exclusivamente à mulher ser «dona de casa». O trabalho doméstico gira em volta da chamada «lida da casa» - arrumar, limpar, lavar, passar a ferro, remendar; mas também, e sobretudo, implica a compra, preparação e conservação da comida – que às vezes se limita ao «fazer uma panelinha de sopa»* (1985: 37). É claro que, com a entrada destas mulheres no mercado de trabalho, as mesmas vão estar sujeitas a uma maior acumulação de tarefas e de responsabilidades diárias. Ora, durante o século XVIII (Revolução Industrial), a mulher que trabalhava fora de casa tinha de se organizar de modo a conseguir dar resposta ao trabalho que lhe era exigido diariamente; mas o facto de trabalhar fora de casa jamais poderia constitui motivo de desleixo na execução das tarefas domésticas, nem na gestão da casa, e, menos ainda, no cuidado e responsabilidade com os filhos. Esta condição remete-nos, de imediato, para a reflexão acerca das inúmeras tarefas com que diariamente a mulher se confrontava, e ainda hoje se confronta, no seu quotidiano. Ou seja, à mulher não cabia apenas sair de casa para trabalhar, era necessário que, antes de ir trabalhar a mulher, tivesse já cozinhado o almoço, que deixasse a casa organizada e arrumada dentro do possível, e mais, era a mesma mulher quem tinha de levar consigo os filhos mais pequenos, aquando da não existência de irmãos mais velhos para cuidar deles. Falamos, assim, na capacidade de gestão, organização e planificação de todas as rotinas e “lides” da casa. Cabe, exclusivamente à mulher, ter um bom desempenho laboral fora de casa, confeccionar todos os dias a comida (planificar pratos variados), manter a roupa sempre lavada e engomada (a sua, do seu marido e dos seus filhos), a casa sempre limpa e arrumada. Como é sabido, o tempo não é elástico, pelo que, para estas mulheres, conseguir conciliar todas estas tarefas não era nada fácil, verificando-se que *“essas actividades (acumuladas a um trabalho assalariado) são forçosamente remetidas para os «momentos livres»: as noites, as madrugadas, os dias de descanso.”* (Almeida, 1985: 37). Deste modo, fica claro que os dias ou tempos livres que estas mulheres deveriam usufruir para descansar servem, precisamente, para adiantar ou terminar tarefas domésticas que têm, inevitavelmente, de ser executadas. Podemos, então, questionar-nos: quando descansavam estas mulheres? Teriam estas mulheres tempo sequer para dormir? Onde encontram forças, para conseguiram ir trabalhar no dia seguinte?

No contexto da industrialização ressalva-se que, para as famílias operárias, a família constitui um marco importante para o trabalho doméstico pois, desde cedo, os filhos são incumbidos para a relevância do trabalho na vida de qualquer pessoa. Um dos papéis da mãe passa, assim, por inculcar nas filhas o valor do trabalho doméstico para que, enquanto jovem solteira, possa ajudar a família e, no futuro como esposa, cuide bem o seu marido e os seus filhos. Portanto, entende-se que *“é na sua família de origem que a rapariga solteira, participando numa rede de trabalho, adquire saberes e se inicia em técnicas que transportará, um dia mais tarde, para a sua família de procriação. É no espaço doméstico, entre os pais e irmãos, que inicia, assim a sua trajectória de trabalho.”* (Idem: ibidem).

Importa também sublinhar que a mencionada fuga do campo para a cidade se caracterizou por possibilitar aos mais novos uma liberdade até então desconhecida, ganhando independência com o salário auferido e descobrindo, inclusive, novos padrões de conhecimento. Todos estes factores se reflectem em várias mudanças, nomeadamente, na escolha do cônjuge, na alteração do método de namoro e, também, nas relações sexuais entre solteiros que, no campo, não eram moralmente encaradas com “bons olhos”. Pode dizer-se que *“a jovem operária é finalmente uma mulher emancipada, de «mentalidade liberta».”* (Idem: 9), embora sujeita à dupla tarefa.

3.2. A família pequeno-burguesa e o trabalho doméstico

Neste contexto da Revolução Industrial do século XVIII, marcado por grandes transformações, também no âmbito da família pequeno-burguesa se redefiniram e adquiriram funções ainda presentes na sociedade actual, e que se deveram, em parte, às inovações técnicas e à expansão do mercado nesta época: *“gradualmente a mulher deixava de participar no trabalho e dedicava-se apenas às lides domésticas.”* (Ferreira, 1981: 60). Segundo a mesma Virgínia Ferreira, pode ainda afirmar-se que *“o mundo da burguesia (...) se cindia (...) em dois: o do homem e o da mulher; o do trabalho e o do não trabalho; o da produção e o do consumo; o da vida social e o da vida privada.”* (Idem: Ibidem). A mulher burguesa passava então, no século XVIII, a dedicar-se exclusivamente às tarefas domésticas, sendo o marido quem garantia o sustento da família.

Tratando-se o trabalho doméstico de uma actividade desenvolvida predominantemente por mulheres, os papéis atribuídos pela sociedade aos homens e às

mulheres têm-se caracterizado por vários níveis de desigualdade. Leia-se Evelyne Sullerot, *“A Natureza diz à mulher: sê mulher! Os ternos cuidados devidos à infância, as doces inquietações da maternidade, eis os teus trabalhos. As tuas assíduas ocupações merecem uma recompensa? Bem! Tê-la-às! Serás a divindade do santuário doméstico, reinarás sobre tudo o que te rodeia pela sedução invencível dos encantos e da virtude”*. (Sullerot, 1968: 77, cit. in Ferreira, 1981: 1; cit. tb: 74).

3.3. Família Patriarcal: Unidade Contraditória ou Funcional?

Do exposto conclui-se que, é no seio da sociedade capitalista que começou por definir-se, de forma muito directa, o papel da mulher, fundamentalmente, pelo assumir da reprodução do ciclo familiar, ou seja, por ter filhos e educá-los, como também pela responsabilidade por todas as tarefas relativas à vida familiar na casa. Não obstante, a imagem de mulher ideal, aos olhos do mesmo modelo de sociedade só se completa quando, para além de boa mãe e esposa, se associam à mulher os seguintes atributos: ser uma dona de casa esmerada, uma mãe extremosa, implicando ser uma pessoa caridosa, simpática, delicada e afectuosa para com todos os elementos do agregado familiar e do meio envolvente. (Ferreira, 1981: 47). Repare-se que a entrada da mulher no mercado de trabalho vai legitimar-se, precisamente na extensão, aos contextos laborais, destes atributos como “inerentes” à condição da mulher.

Neste mesmo contexto, a mulher é encarada com alguma inferioridade, porque a sua actividade diária se restringe à família; como não apresenta uma profissão da qual derive um valor económico, esta deixa de ter qualquer tipo de reconhecimento pelo trabalho que desenvolve, ainda que diariamente trabalhe, e muito, em casa. Neste sentido, entende-se a clara diferenciação atribuída às actividades diárias desempenhadas pelo homem ou pela mulher: *“à mulher caberá a agradável tarefa de dar conforto e bem-estar ao lar e à família enquanto que da penosa incumbência de angariar meios de prover o sustento da sua família, assim naturalmente constituída e mantida, se encarregará o homem.”* (Ferreira, 1981: 49).

Claro está que é necessário ter em conta o contexto histórico em que a sociedade se encontra. Retrocedendo ao século XIX, e mediante uma perspectiva marxista, esta divergência entre homens e mulheres deve-se, sobretudo, ao reforço do poder paterno,

configurando uma família patriarcal, no seio da qual as mulheres e as crianças são impotentes e dominadas. Com efeito, as esposas e os descendentes, chegaram mesmo a ser encarados como “escravos” do homem pois, tal como é sabido, neste modelo familiar o homem detinha o poder absoluto sobre a sua família, devendo-lhe esta respeito e obediência. (Idem: 49-51).

Importa compreender em que teorias se baseiam os debates capitalistas sobre a família pois se, por um lado, há quem a entenda como uma **unidade funcional**, por outro, há os que a têm afirmado como uma **unidade contraditória**. A família como **unidade funcional** é entendida por Bertaux (1977) mediante funções ideológicas mas, fundamentalmente, funções económicas. Ora, sendo o trabalho doméstico desenvolvido pela mulher em contexto familiar um trabalho não remunerado, este irá garantir a normal produção e reprodução da força de trabalho, isto é, apresentar-se-á sempre como um ganho para o capital, uma vez que é um trabalho gratuito. O autor defende, neste contexto, que o trabalho doméstico que as mulheres executam “*não é um «trabalho improdutivo» ou uma «actividade feminina», mas de facto um trabalho produtivo que produz a mercadoria essencial à produção de capital, a energia operária masculina.*” (Bertaux, 1977: 83). Nesta perspectiva, entende-se que o trabalho doméstico desempenhado pela esposa é um mecanismo favorável à produtividade do marido; assim sendo, o trabalho desenvolvido por ambas as partes baseia-se num processo em torno do capitalismo, atendendo a que “*não é para o marido como indivíduo que o trabalho é efectuado, mas para o marido como portador de força de trabalho, isto é, em última instância, para o capital que está por trás de toda a organização «familiar».*” (Idem: 88). Quanto a entender a família como uma **unidade contraditória** significa que “*o capitalismo tem necessidade da família e do trabalho que aí se desenrola, pois lhe produz e reproduz o próprio trabalhador. Mas, em contrapartida, o capital, ao exigir que a mulher se restrinja a trabalhar em casa para a (re) produção da força de trabalho, vê-se privado de uma maior e mais rentável exploração da força de trabalho das mulheres que a incorporação destas na produção mercantil lhe poderia proporcionar.*” (Meillassoux et al., 1977, cit. in Ferreira, 1981: 57-58). Deste modo, entenda-se a importância atribuída ao trabalho doméstico no seio capitalista, por aquele permitir a produção – embora seja o próprio capitalismo a reconhecer que a mulher também seria uma mais-valia no mercado de trabalho.

3.4. Família Funcionalista: desnecessidade do trabalho doméstico ou valorização do trabalho voluntário?

Atendendo a uma concepção estruturo-funcionalista, a partir da perspectiva de Talcott Parsons, é possível verificar como este defende a estrutura familiar, bem como esquematiza a construção da identidade dos sujeitos sociais, incidindo notoriamente numa diferenciação entre os sexos. Isto é: para Parsons, deve existir uma clara diferença entre o papel desempenhado pelo homem e o papel desempenhado pela mulher, no seio familiar e aos olhos da sociedade. É mediante quatro fases que Parsons entende o processo socializador, e a construção identitária do sujeito enquanto ser social. Denominado por sistema AGIL o conjunto das fases referidas, temos: **1) fase da crise oral**, que se baseia “*no período em que a estabilidade normativa (L) é determinante para superar a crise da adolescência e para a adaptação adulta, pela socialização precoce*”. (Dubar: 1991: 55, cit. in Toscano: S/D, 9); **2) fase edipiana**, consiste em prevenir “*a integração (I) do indivíduo, enquanto ser sexuado, no sistema social e, especificamente, na divisão sexual dos papéis sociais*”. (Idem: ibidem); **3) fase da latência**, caracterizada essencialmente “*pela primeira passagem à categoria universalista e pela adesão a normas imparciais mais gerais, a par da interiorização de outros papéis sociais. Com-plexifica-se o jogo da gratificação imediata (G) própria dos papéis familiares (...)*”. (Idem: ibidem); **4) fase da maturidade**, fundamentada no “*termo do processo socializador, o momento em que o indivíduo atinge a plena capacidade de reconstruir a sua adaptação social (A). (...), fase em que o indivíduo concretiza as suas competências de adaptação institucional e de manipulação das sanções e das normas sociais (...) da sua acção.*” (Dubar: 1991: 55, cit. in Toscano: S/D, 9).

Conhecida a teoria do autor, entende-se que para Parsons, o homem enquanto figura que garante o sustento família, deve desempenhar um “papel instrumental”; neste sentido, o homem está claramente integrado na quarta fase, acima mencionada: terá de adaptar-se à sua família e à sociedade, pois é ele que deve trabalhar para que nada falte à sua mulher e aos seus filhos. Em relação à mulher, esta deve limitar-se a desempenhar um “papel expressivo”, dizendo-lhe respeito somente as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, pois cabe à mulher estabelecer a ligação de proximidade entre o pai e os filhos. Segundo o mesmo autor, “*para o sexo masculino, a «esfera profissional», e para o feminino, a «esfera do fascínio pessoal».*” (Ferreira, 1981: 53).

Parsons é ainda mais claro quando afirma que a mulher deve dedicar-se exclusivamente ao cuidado da família e à ocupação com as tarefas que dizem respeito à dona de casa porque, doutra forma, estaria a contribuir para o insucesso profissional do seu marido, pois é este mesmo autor que defende que, quanto maior for a dedicação da mulher nas lides de casa, maior será a produtividade do marido. Assim, a teoria estruturo-funcionalista de Parsons releva-nos que *“deve ser exclusivamente dona de casa, esposa e mãe, na medida em que, doutra forma, a estabilização afectiva não poderia ser alcançada. E isto porque a mulher entraria em concorrência com o marido no domínio profissional o que poderia conduzir à quebra da solidariedade de interesses, típica da família conjugal.”* (Idem: ibidem). Mediante esta mesma teoria, o autor defende que, na eventualidade da mulher quer vir a interessar-se por alguma actividade laboral fora de casa, aquela não deve nunca procurar actividades que, até então, fossem desempenhadas por homens. Neste sentido, a perspectiva do autor entende ser, *“mais recomendável que a mulher compense a sua exclusão da vida profissional integrando-se na vida social através da participação em acções comunitárias ou em organizações de trabalho voluntário.”* (Idem: ibidem). Em suma: à mulher diziam respeito somente acções ou participações em trabalhos de natureza voluntária ou comunitária; caso contrário, daria lugar à competitividade entre homens e mulheres, e tal fenómeno jamais poderia verificar-se, até porque pensar-se num eventual salário auferido pela mulher era entendido como inútil e desnecessário.

3.5. Sociedade Democrática e Pós-Moderna: a “dona-de-casa” moderna, o pós-dona-de-casa e a entrada significativa da mulher no mercado de trabalho

Reportando-nos a 1851, Lipovetsky (1997), diz-nos que é implementado pela Inglaterra um modelo normativo de mulher; por outras palavras, à mulher é atribuída a nomenclatura de «dona-de-casa». E, em que consistia esta designação? Mediante a afirmação do autor, *“a dona-de-casa moderna é simultaneamente uma condição social e uma moral, uma visão normativa da mulher, uma religião laica da mãe e da família. Surge uma nova cultura que coloca num pedestal as tarefas femininas outrora relegadas para segundo lugar, que idealiza a esposa-mãe-doméstica que dedica a sua vida aos filhos e à felicidade da família.”* (Lipovetsky, 1997: 203). Ou seja, uma designação que engloba um conjunto de características e obrigações que terão de ser seguidas a rigor pela mulher, que é esposa, que é mãe e que também é doméstica, é a obrigação de entrega total à família. O autor reforça ainda mais esta ideia ao referir que, *“a mulher não deve, como no passado, ocupar-se apenas dos*

trabalhos domésticos entre outras actividades; ela deve, doravante, dedicar-se a eles de corpo e alma, como se de um sacerdócio se tratasse.” (Idem: 204). Havia de facto, no contexto do século XIX, uma clara distinção entre trabalho e família. Constatamos que havia sido definida uma “*doutrina das «esferas separadas»*” (Idem; ibidem), esclarecendo-nos Lipovetsky que “*trabalho e família encontram-se radicalmente divididos – o homem fica destinado à esfera profissional e a mulher ao «home, sweet home».*” (Idem: ibidem). Inicialmente, este modelo era adoptado sobretudo pela classe burguesa, mas é facto que, rapidamente esta situação se inverteu e passou a ser um modelo de referência para todas as classes sociais, sendo os próprios operários a defender que as mulheres não estavam bem na oficina, nem na fábrica, pois o seu lugar era em casa, junto da família.

Em finais do século XIX e inícios do século XX, a designação de dona-de-casa, pouco ou nada se alterou, todas as características e tarefas atribuídas à mulher mantinham-se idênticas e é, sobretudo, nesta fase que se reforça a importância do espírito de sacrifício e de empenho total por parte da mulher, para com a sua família e os seus filhos – a mulher é consagrada como o “*anjo do lar*” (Idem: 205). Segundo palavras do autor, “*não existindo por si mesma, a esposa-mãe-dona-de-casa não é considerada como um indivíduo abstracto, autónomo, pertencendo a si mesmo*” (Idem: ibidem). Assim, percebe-se como a mulher é desvalorizada enquanto indivíduo, sendo encarada como um ser dotado essencialmente para cuidar e ajudar os outros. Por outras palavras, o homem é entendido como um “*indivíduo livre, sem amarras, senhor de si mesmo*” (Lipovetsky, 1997: 205), enquanto a mulher “*continua a ser pensada como um ser naturalmente dependente, vivendo para os outros, encastrada na ordem familiar.*” (Idem: ibidem). Desta feita, a mulher é colocada à margem da sociedade, isto é, fica completamente privada dos seus direitos políticos, bem como do direito à independência económica e intelectual. Era impensável, nesta época, o reconhecimento da mulher enquanto indivíduo autónomo, pois daí derivaria a desordem familiar e conflitos entre os sexos. De modo a evitar tais consequências, optava-se por tratar a mulher como um mero ser, capaz de viver em prol dos que a rodeiam. Segundo Lipovetsky (1997), esta diferenciação entre homens e mulheres, encontrava-se marcada pela “*desqualificação do trabalho feminino no exterior e da instrução das raparigas, exclusão da esfera política, submissão da mulher ao marido, incapacidade da mulher e da mãe.*” (Idem: 206). Para completar, dizer somente que estas são características específicas da sociedade individualista democrática.

Fazendo agora um salto no tempo, no período que mediou as duas grandes guerras emergiu, concretamente nos Estados Unidos, uma nova imagem da dona-de-casa “*menos marcada pelo espírito de devoção do que pela sedução, pela felicidade consumista e pela emancipação relativamente aos hábitos tradicionais.*” (Idem: ibidem). Esta emancipação deve-se, em parte, ao surgimento de aparelhos entendidos como “*libertadores da mulher*” (Idem: ibidem), e são eles: “*o aspirador, a máquina de lavar roupa, o fogão a gás, o frigorífico e a alimentação em conserva.*” (Idem: ibidem). Com o surgimento destes utensílios, a sociedade encarava o trabalho doméstico como uma tarefa mais simples, visto ter a dona-de-casa ao seu dispor essa variedade de aparelhos que a ajudariam a desempenhar mais facilmente o seu trabalho. É legítimo questionarmo-nos sobre o surgimento destas novas invenções: então e as famílias operárias, fabris, aquelas cujos rendimentos mensais auferidos eram tão baixos que nem lhes permitiam suportar todas as despesas, teriam elas acesso a estes novos equipamentos sem dificuldade? Beneficiariam essas mulheres da ajuda desses novos meios para executar as milhentas tarefas que tinham a seu cargo diariamente?

Nesta fase de inovação tecnológica, assistimos a uma ligeira adaptação ao conceito de dona-de-casa, pois foram dados a conhecer à mulher não só os electrodomésticos, mas também produtos de cosmética. Com o aparecimento destes produtos, à mulher dona-de-casa eram confinadas novas obrigações, isto é para além das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos e com o marido, a mulher era incentivada ao consumo e à preocupação com a sua juventude e beleza. Claro está, não podemos pensar que a mulher deixa de ter as antigas obrigações a si confiadas e passa a dedicar-se somente a ela. O que acontece é que, para além de dona-de-casa exemplar, terá agora de adoptar novas práticas que, sendo individuais, irão reflectir-se no seu bem-estar e contribuirão igualmente, para seduzir o seu marido. Com a integração de novos hábitos e rotinas da mulher verifica-se que, “*a moral da poupança e da auto-renúncia é substituída pelas solicitações ao consumo, as promessas radiosas dos bens de consumo, a magia das novidades.*” (Lipovetsky, 1997: 206). A mulher adere ao consumo, sem qualquer tipo de retracção. Como nos refere este autor, “*as boas decisões de compra, a economia de tempo e de esforço, o desabrochamento dos filhos através dos produtos de consumo e a sedução física surgem como os novos imperativos da esposa-mãe moderna*” (1997: 207), surgindo assim uma nova denominação de mulher. Por intermédio destas alterações de comportamentos femininos, a designação de *dona-de-casa* é alterada para “*esposa-mãe moderna.*” (Idem: ibidem) – a mulher é encarada como moderna, devido às

alterações comportamentais que adoptou, passando, assim, a ser assumidamente consumidora.

Importa chamar a atenção para o seguinte facto, muito embora a denominação atribuída à mulher tenha efectivamente se alterado, deve permanecer claro que na prática, as funções conferidas à mesma, mantinham-se inalteráveis, como salienta Lipovetsky: “*o modelo da dona de casa não deixa por isso de conservar a marca de princípios característicos das sociedades tradicionais.*” (1997: 207). Ou seja, tal como acontecia no século XVIII, no contexto da industrialização, também no século XIX e XX, a *dona-de-casa* – *esposa-mãe moderna* “*está fundamentalmente associada aos princípios de gestão, de trabalho e de eficácia típicos da era moderna. As tarefas de que está incumbida são disto testemunho; (...), administrar racionalmente o home, de se revelar económica e boa gestora, de fazer reinar a ordem e a limpeza no lar, de ser a guardiã da saúde da família, de fazer tudo para que os filhos ascendam na pirâmide social.*” (Lipovetsky, 1997: 208-209). Mais uma vez, estamos perante a descrição de um conjunto de tarefas que, têm sido impostas à mulher, enquanto dona-de-casa, sem nunca sequer questionar-se a dimensão da quantidade de tarefas que diariamente a mulher executa, para garantir o bem-estar dos seus filhos e do seu marido. De ressaltar ainda, a preocupação das famílias, em incutir nos filhos o valor da educação para que os mesmos, num futuro próximo, conseguissem atingir um patamar de vida melhor do que aquele que tinham os seus pais.

Recortando aos anos 60, é registada em 1963 uma viragem na vida das mulheres designadas como “domésticas”, assinalando-se a era do *pós-dona-de-casa*. Este acontecimento ficou marcado pelo lançamento de um livro nos Estados Unidos, intitulado *A Mulher Mistificada*, cuja autora é Betty Friedan que retratava a vida das mulheres “domésticas” nos grandes subúrbios americanos. Neste contexto, esmiuçava-se precisamente, “*o (...) isolamento e as (...) angústias [das mulheres], o vazio da sua existência, a (...) ausência de identidade.*” (Idem: 213). Colocadas a público estas questões, entende-se facilmente que a “fada-do-lar” deixa de apresentar-se como um ideal; a mulher demonstra assim, as suas frustrações e o seu desânimo pela monotonia do seu trabalho diário, na condição de “doméstica”, emergindo novas correntes feministas. Ainda nos anos 60, no contexto de todas estas manifestações, as mulheres expõem também o seu descontentamento perante “*a partilha desigual dos papéis sexuais e a atribuição às mulheres das tarefas domésticas*” (Idem: ibidem). As mulheres manifestam pois, sentirem-se sobrecarregadas com

todas as tarefas inerentes à casa. Ora, as correntes femininas, iniciaram esta luta, com o objectivo de “*destruir a divisão sexual do trabalho familiar, o estereótipo da mãe-dona-de-casa, a escravatura doméstica do segundo sexo.*” (Idem: *ibidem*).

Com o passar do tempo, e já nos anos 70, verifica-se que a ideia pré-concebida de que à mulher cabiam, exclusivamente, as tarefas domésticas, começa a desfazer-se. Assiste-se a uma alteração de pensamentos, em que são os homens, ou parte deles, a admitir que os recursos do lar devem ser garantidos pelo casal, não só pelo marido, mas também pela mulher. De facto, é notório o aumento do número de mulheres a trabalhar fora de casa desde 1978 a 1989, sendo certo nesta altura, que “*a proporção de indivíduos que deixam às mulheres a liberdade de trabalhar quando elas o desejam passou de 29 por cento para 43 por cento.*” (Idem: 215). A mulher assume-se, portanto, como um ser capaz de atingir objectivos e metas. Um ser que começa agora a definir a sua identidade, demonstrando legitimidade para tomar decisões e contrair responsabilidades. Esta é, sem dúvida, uma fase marcada pela “*recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e de esposa que caracteriza a condição feminina pós-moderna.*” (Lipovetsky, 1997: 215).

Conforme Lipovetsky (1997), a partir da década de 90, no seio das democracias contemporâneas, assiste-se a uma entrada significativa da mulher no mercado de trabalho, as mulheres afirmaram assim, uma actividade profissional fora de casa. É certo que estes registos não nos permitem garantir que os números tenham sido iguais em todos os países mas, no seu conjunto, registam-se valores elevados. O trabalho da mulher começa a ser remunerado e, é nesta época inclusive, que verificamos ser “*cada vez mais numerosas as mulheres que não abandonam o emprego após o casamento e o nascimento de um primeiro e de um segundo filho*” (Idem: 200). De facto, os filhos deixam de constituir um impedimento para que estas mulheres possam dar continuidade à sua profissão fora de casa, sendo capazes, cada vez mais, de conciliar as múltiplas tarefas subjacentes ao seu quotidiano. Por intermédio do mesmo autor, é possível compreender que a aderência das mulheres ao trabalho se processou de tal forma esmagadora, que o número de famílias em que ambos os cônjuges desempenhavam uma actividade laboral fora de casa era mais elevado, quando comparadas com famílias em que, só o marido trabalhava no exterior. As sociedades democráticas instauravam, neste contexto, um novo ciclo ao qual denominaram “*o da mulher trabalhadora*” (Idem: *ibidem*).

A entrada da mulher no mundo do trabalho foi claramente um acontecimento marcado por algumas alterações assinaláveis: se pensarmos no abalo instituído ao mundo do emprego, na valorização que as jovens começaram a conferir aos estudos, nas relações entre rapazes e raparigas e, não menos importante, no poder estabelecido entre o casal, pode verificar-se que, nesta época, *“a actividade feminina exprime a promoção histórica da mulher que se governa a si mesma e ainda uma nova posição identitária do feminino.”* (Idem: ibidem). Estamos perante, uma mulher capaz de acarretar com as suas despesas, deixando de depender do marido, afirmando-se como autónoma e independente a nível económico. É no contexto do século XX que se assiste a uma alteração de comportamentos das mulheres mais jovens em relação à educação, este é um período marcado pela valorização da escola e da universidade pois, como nos revela Lipovetsky, *“findou a época dos sarcasmos dirigidos às «sabichonas» e também aquela em que as raparigas prolongavam os estudos para encontrar um marido e abandonavam a universidade assim que casavam.”* (Lipovetsky, 1997: 215). As jovens mulheres começam a perceber que o facto de investirem na sua instrução pessoal através da escola e, consequentemente, da universidade, lhes permitirá ascender a um futuro promissor sem que, para isso, estejam dependentes do seu marido. São, os pais, inclusive que demonstram total apoio e incentivo para que as suas filhas estudem já que os mesmos, *“esperam que as filhas sigam uma carreira profissional ambiciosa.”* (Idem: ibidem).

APÊNDICE B: Grelha Analítica-Utensílio: Fundamentação do Guião-Lembrete

Grelha Analítica - Utensílio: fundamentação do Guião - Lembrete				
TRABALHO DOMÉSTICO: AVALIAÇÃO E LEITURA SUBJECTIVAS				
	NÍVEIS ANALÍTICOS E CLUSTERS CONVERSACIONAIS	DIMENSÕES	COMPONENTES	ÍTEMS
	QUE É SER Doméstica	Contextos Sócio- Históricos: Tipos de família, trabalho e mulher	▫Revolução Industrial (Século XVIII) - Mulher Operária: trabalhadora fora e dentro de casa ⇒ Dupla Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Jornada longa na fábrica ▪ Tarefas Domésticas em casa: <ul style="list-style-type: none"> - arrumar/limpar/cozinhar; - cuidar dos filhos/marido/outros familiares; ▪ Conteúdos emergentes
			▫Sociedade Burguesa (Século XIX) - Mulher burguesa (conceitos: infância ↔ maternidade)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dedicar-se à casa e à família ▪ Conteúdos emergentes
			▫Sociedade Democrática, Moderna, Contemporânea e Pós-Moderna (Séculos XX e XXI) - Mulher Moderna, Consumista, Reivindicativa e Participativa - Mulher pós-moderna	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cuidar dos filhos/marido/outros ▪ Auxílio dos electrodomésticos + Tarefas Domésticas ▪ Controle do Corpo Feminino - construção e apresentação do corpo: <ul style="list-style-type: none"> -cosméticos; -vestuário; -disposição, atitude, comportamentos; -sexualidade e sensualidade; -participação social e política; ▪ Conteúdos emergentes
		Contextos Familiares	▫Dinâmica e Organização em função dos vários Tipos de Famílias	<ul style="list-style-type: none"> ▪Mulher (Mãe e Esposa) ▪Marido ▪Filhos (as) ▪Outros Familiares (Progenitores, Colaterais, Outros) ▪ Conteúdos emergentes

Trabalho Doméstico:
Narrativas exemplares de mulheres “Domésticas”

<div>PASSADO</div> <div>↓</div>	Organização das Tarefas Domésticas com Outra Actividade Laboral	▫Dupla tarefa	<ul style="list-style-type: none"> ▪Tarefas domésticas em casa (cozinhar/limpar/cuidar/arrumar/outras) ▪ Conteúdos emergentes
		▫Tarefas domésticas partilhadas	<ul style="list-style-type: none"> ▪Partilha pelo marido ▪Partilha pelos filhos ▪Partilha pela mãe/sogra ▪Partilha por outros familiares; ▪Partilha pelas vizinhas ▪ Dispôr de empregada doméstica ▪ Conteúdos emergentes
	Espaço, Corpo e Poderes	▫Público	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sair de casa (frequência das saídas/acompanhada ou sozinha) ▪ Passear/café/cinema/lojas/outras espaços ▪ Conteúdos emergentes
		▫Privado	<ul style="list-style-type: none"> ▪Casa/jardim/terras/local de trabalho/outras espaços ▪ Conteúdos emergentes
	Tempo (s)	▫Público	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estar com a família/outras familiares/outras pessoas ▪ Sair para visitas/compras/passeios/outras ▪ Conteúdos emergentes
		▫Privado	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Realizar as tarefas domésticas ▪ Pausas/momentos sozinha ▪ Outras ▪ Conteúdos emergentes
		▫Trabalho/Lazer	<ul style="list-style-type: none"> ▪Rotinas/tarefas diárias; ▪Cuidados pessoais (beleza, vestuário, descanso) ▪ Outras ▪ Conteúdos emergentes
	Representação da Condição Social da Mulher Doméstica	▫Destino	<ul style="list-style-type: none"> ▪Seguir o percurso da mãe ▪ Ser normal (integrar-se) ▪ Percurso normal
		▫Opção Própria	<ul style="list-style-type: none"> ▪Casamento ▪Saída de casa dos pais / liberdade / autonomia / refúgio
		▫Outro	<ul style="list-style-type: none"> ▪Conteúdos emergentes

	<p>AVALIAR socialmente as Tarefas Domésticas - através da emergência do discurso das narradoras</p>	<p>Pelo Contexto Familiar: marido; filhos; pais; sogros; outros</p>	<p>▫ Valorização e Reconhecimento</p> <p>OU</p> <p>▫ Desvalorização e Desqualificação</p> <p>▫ Função Obrigatória/Destino</p> <p>▫ Mera prática quotidiana</p> <p>▫ Actividade que devia ter valor profissional</p> <p>▫ Actividade justificada sem valor profissional</p> <p>▫ Outro</p>	<p>▪ Ajudam/não ajudam na execução das tarefas/ outra</p> <p>▪ Trabalho doméstico como profissão/ uma actividade/ outros</p> <p>▪ Ser mãe = ser doméstica + dedicação total à família/ outra</p> <p>▪ Lugar da mulher = casa / Mulher = força de trabalho</p> <p>▪ Tarefas Domésticas correspondem à mulher</p> <p>▪ Dedicação total à família</p> <p>▪ Dificuldades Económicas/ Independência Económica/ outra</p> <p>▪ Garantia de salário</p> <p>▪ Salário não justificável = destino e uso: conta (s) bancária (s)/aplicação/outros</p> <p>▪ Actividade diária</p> <p>▪ Conteúdos Emergentes</p>
		<p>Pelo Meio Envolvente: classe social; rural/urbano; diversidade cultural; contexto histórico</p>		

APÊNDICE C: Análise Descritiva do Relato da Narradora A.

1. APRESENTAÇÃO DE A.

Nascida em 1988 na Cidade de Beja, A. é uma jovem alentejana, mãe de dois rapazes, casada e a viver na casa dos pais aos 24 anos de idade.

A partir da análise do relato biográfico de A., destacam-se 3 Momentos marcantes da sua trajetória de vida: i) antes da gravidez – a menina; ii) depois da gravidez – a mãe, esposa, mulher casada: a doméstica; iii) futuro desejado – possível entrada na universidade.

2. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA: 3 Momentos Marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1988-2007): A Menina

Estamos perante o relato de uma menina com um modelo familiar de estrutura nuclear ou simples, um caso de uma filha única que, até há bem pouco tempo era também neta e sobrinha única (pág.10). A trajetória de vida de A., dá-nos a conhecer a história de uma jovem que rapidamente deixa de ser menina-filha, para se tornar mãe-filha. Isto, a partir do momento em que sabe que está grávida, tendo ainda dezanove anos de idade.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1988-2008): Nascimento, infância e escolaridade

O ano de 1988 marca o início desta primeira etapa, com o nascimento da narradora na Cidade de Beja. Da sua infância, lembra-se a narradora de, a partir dos seus dez anos (remontando, assim, ao ano de 1998, aproximadamente), ter começado a sua inquietação pelas limpezas e pelo cuidado da casa (pág.2), pois, segundo palavras da mesma, “*tinha que fazer as coisas em casa porque se não, eu não conseguia ‘tar concentrada a estudar.*” (pág.2). Não obstante o esforço e dedicação da jovem A., a escola nunca foi um objetivo fácil de alcançar, na medida em que estudava mas as notas nem sempre eram as mais desejadas (pág.2). Em 2003, conclui o nono ano de escolaridade; no entanto, a sua meta não se resumia

a tão pouco. E, no ano letivo seguinte, muda de escola e dá início ao décimo ano, perspetivando assim, concluir o secundário. Certo é que, entre 2004 e 2005, a narradora não consegue sequer avançar do décimo ano – *“tive lá dois anos, não passei do décimo ano.”* – (pág.2). O que a leva a tomar a decisão que dá origem à etapa seguinte.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (2007): Rutura – Interrupção dos estudos e Entrada no Mercado de Trabalho

A partir do relato de A. pode destacar-se como segunda etapa da sua vida, a fase em que decide deixar de estudar e dedicar-se somente ao trabalho. Tal como nos disse no ano letivo de 2006/2007, tendo ainda o secundário por concluir, opta por ir para o Liceu. A. matricula-se num curso profissional de ação social, curso esse que tenta realizar, mas não o consegue acabar e abandona a escola (pág.2). Nesta segunda etapa regista-se uma rutura do percurso escolar com a entrada no mercado de trabalho, uma rutura que também se justifica em parte pelo facto de ser filha única, visto que, pelo seu relato, dá-nos a entender que sempre gozou de uma vida desafogada em termos financeiros, o que a fez desvalorizar ainda mais a escola: *“como fui sempre filha única, pensava que as coisas caíam do céu. E que não era preciso estudar. E que havia dinheiro p’ra tudo. E, então, deixei a escola.”* (pág.2-3). Mas, esta não seria a único, nem a mais significativa rutura da sua vida.

2.1.2.1. Fator de Mudança (2008): Gravidez

De entre os muitos acontecimentos marcantes na vida desta jovem, em 2008 o primeiro vai ser o fator de passagem para o 2.º momento da sua trajetória identitária: a gravidez. Ao descobrir que estava grávida aos dezanove anos de idade, a vida da narradora alterou-se (início do ano de 2008). A sua condição familiar marcou este período de vida da narradora pois, sendo filha única, os pais já lhe haviam perspetivado outro futuro, ao nível, por exemplo, da progressão escolar e ingresso na universidade.

Neste contexto de análise da trajetória identitária de A., depois de conhecidas algumas das etapas da sua vida e de ter sido apresentado o principal fator de mudança de toda a sua trajetória, podem elencar-se alguns territórios sócio-identitários que sofreram alterações, nomeadamente: i) **o território familiar**, com alterações/ruturas na serenidade, nos afetos, na confiança e no bem-estar da sua relação com os pais, ao saberem por ela, que estava grávida.

Segundo a narradora, este foi um momento muito aflitivo, sobretudo quando teve de dar a notícia aos pais, dado ser filha única: “*é sempre um desgosto quando se chega ao pé dos pais e se diz que ‘tá grávida.*” (pág.4); ii) o **território escolar**, este é um território que se alterou no Momento 1 da vida da narradora em duas fases: 1.^a) instabilidade e insucesso – em criança enfrentou um percurso instável e com algum insucesso, a jovem sentia algumas dificuldades na obtenção de resultados positivos, segundo a própria “ (...) *eu estudava, mas só que, sempre fui muito nervosa, estudava e não conseguia ter as notas.*” (pág.2); 2.^a) abandono escolar – como não conseguia passar de ano, a jovem abandonou dos estudos, “*não conseguia ter notas p’a passar. (...) Deixei a escola...(...*” (pág.2-3);

Neste primeiro momento foi possível conhecer a narradora, desdobrando a sua história mediante etapas e um fator de mudança que será central ao longo de toda esta análise. Entendendo que, a gravidez é um marco presente na vida da menina-filha, que rapidamente se tornará mãe. Naturalmente, todos estes acontecimentos afetaram territórios, como de resto já foram enumerados o que nos permite apresentar o 2.º Momento da trajetória identitária da jovem.

2.2. MOMENTO 2 (2008 a 2012): CASAMENTO – De menina-filha a mãe, esposa, mulher casada: a doméstica

Foi no ano de 2008 que a jovem casou. Contudo, o casamento não era uma prioridade para ela, como de resto nos afirma no seu discurso, ao dar-nos conta de alguma pressão familiar a que esteve sujeita e que aceitou: “*tive que me casar por causa da minha mãe, ela achou melhor casar, já que lhe tinha dado o desgosto de engravidar.*” (pág.4).

Repare-se que a mãe tem um papel determinante neste momento da trajetória de A. e, como veremos mais há frente, muitas das opções de vida da narradora fizeram-se, e fazem-se, em função daquilo que a mãe “acha melhor”, em função do que é pretendido aos olhos da mãe, do que propriamente por vontade própria da narradora.

2.2.1. – ETAPA 1 do Momento 2 (2008-2010): A Menina-Mãe

O casamento sucede em 2008, e é no mês de Outubro desse mesmo ano que a narradora é mãe pela primeira vez. Passados dezoito meses, mais concretamente em Abril de

2010, a jovem A dá à luz o seu segundo filho: é, portanto, mãe pela segunda vez. A narradora tem, por isso, dois filhos e mais acrescenta que, não pretende ter mais nenhum, diz-nos mesmo que, “ (...) *agora acabou-se, fechei a fábrica.*” (pág.3).

Estas mudanças reconfiguram claramente o estilo de vida de A., o que em medida conduziu a que se tornasse: mãe, desempregada e doméstica. “*Eu levei a esta opção, não é bem uma opção. (...) É mesmo que tem que ser. Eu até gostava de ‘tar a trabalhar, mas neste momento não há nada.*” (pág.1). A narradora começa por nos dizer no início da conversa que, só se tornou doméstica porque ficou desempregada, não foi uma opção pensada e decidida por vontade própria.

Ao relatar o seu dia-a-dia em Beja, apercebeu-se de que o dia começa às sete da manhã (pág.6) e termina por volta das onze da noite (pág.7). Por entre as idas às escolas dos filhos (infantário e creche), o seu tempo está sempre preenchido a tratar da casa (lavar loiça, estender roupa, passar a ferro - pág.6). A única tarefa que não faz é cozinhar e alegra-se por, de facto, não saber fazê-la, acrescentando que, caso soubesse, seria mais uma a acumular a tantas outras: “*não sei cozinhar, não gosto de cozinhar, e era mais uma coisa que eu tinha que fazer, e então dispenso.*” (pág.7). Desta feita, explica que, por não saber e nem querer aprender a cozinhar, durante a semana quando está na casa dos pais, é a mãe quem cozinha, embora A. assuma todas as outras tarefas domésticas que ficam a seu cargo, como nos esclarece: “*a minha mãe chega e faz o jantar, é a única coisa que a minha mãe faz.*” (pág.6). No discurso da narradora transparece um certo sentimento de dívida para com os pais, uma vez que, estando casada, ainda continua a depender deles; A. diz-nos mesmo: “*tendo em conta que ‘tamos aqui em casa, eu sinto-me na obrigação de fazer as coisas.*” (pág.8). Pelo mesmo motivo, quando vão de fim-de-semana a Serpa, à casa do casal, acaba por ter garantidas as refeições na casa da sogra e quando não saem é o marido quem cozinha. A. afirma que, “*a única coisa que ele faz bem é o comer, mas como ‘tamos na casa dos meus pais, a comida não faz, só faz ao fim-de-semana quando vamos a casa.*” (pág.5). Mais adianta a narradora: “*no sábado, vamos almoçar à da minha sogra. (...). Depois no domingo, vamos almoçar à da minha sogra (...). Ele só, praticamente só faz uma refeição, faz o jantar de sábado à noite.*” (pág.7). Perceba-se que A. divide o seu tempo entre Beja e Serpa. Diz-nos a narradora que, durante a semana os seus dias são passados em Beja na casa dos seus pais, estando ela e a sua família dependentes dos pais, derivado a dificuldades financeiras (pág.4): “*durante a semana ‘tou à dos meus pais, sem pagar qualquer tipo de alimentação,*

nem de luz, nem de água, nem de coisíssima nenhuma (...).” (pág.4). Entendeu-se ao longo do discurso da jovem que, muito embora tenha uma casa em Serpa (pág.4), devido à sua precária situação económica, não a podem habitar diariamente, o que os leva ir para Serpa, somente aos fins-de-semana: *“ao fim-de-semana, vou p’a minha casa (...).*” (pág.4). Segundo palavras da mesma, são inclusive os seus pais, quem garante o sustento de todos eles em casa, portanto, da jovem, do seu marido e dos seus dois filhos (pág.4). O que, naturalmente, não deixa a narradora nada confortada, pois, está casada, e mesmo assim, não tem capacidade financeira para conseguir viver na sua própria casa, mas adianta a jovem *“nós quando casamos, o melhor é irmos p’a nossa casa, (...), com os nossos, com o nosso marido, com os nossos filhos, é, é completamente diferente, do que ‘tar a viver com os pais.”* (pág.21). Para além do desconforto que é, sentir-se dependente monetariamente, pois, não contraindo qualquer rendimento mensal, é a mãe da jovem A. quem lhe dá uma mesada (pág.15), chamemos-lhe assim, que lhe permite suportar os seus gastos e necessidades. Mediante palavras da mesma, *“eu recebia dinheiro do fundo de desemprego, agora há cerca de... cinco, seis meses que não recebo... é a minha mãe que me dá. Tenho que, pra além de me dar comida e de, de... pronto, suportar todas as despesas (...). Ainda tem que me dar dinheiro p’ra eu ter as minhas despesas pessoais.”* (pág.15-16). Há uma certa tristeza no discurso e algum desânimo, quando afirma *“isto é complicado, porque ‘tar casada e ter que ‘tar dependente dos pais, é muito complicado (...).*” (pág.16). A jovem A, fala do pai como um homem que, mesmo trabalhando fora de casa, sempre ajudou a mãe em casa (pág.8). Ao contrário do seu marido que só colabora ao fim-de-semana no cuidado dos miúdos e na cozinha, quando tem de ser. Para além disso, é a própria narradora a reconhecer que, diariamente, o seu marido sai de casa muito cedo e regressa muito tarde, o que naturalmente não tem favorecido muito a relação entre o casal (pág.5-22-23). Esta ausência do marido, reflete-se na jovem, como uma sobrecarga, quer na educação, quer no cuidado diário com os filhos.

Neste Momento 2 podem elencar-se os Territórios Sócio-Identitários afetados aquando do seu casamento, e são eles: i) **os territórios habitacional e geográfico**, com a saída da casa dos pais e retorno 1 mês depois: ao saber que estava grávida, a narradora foi para Serpa viver com o seu marido, deixando assim a cidade onde tinha nascido e vivia desde sempre – Beja – para ir morar com o seu futuro marido em Serpa. No entanto, foi pouco o tempo em que permaneceu fora da casa dos seus pais e a viver somente com o seu marido, uma vez que, passado um mês estava de volta. Tal como refere a narradora: *“eu ‘tava*

grávida do A., tive um mês em casa, depois vim logo p’ra cá. Porque, passava, passava muito tempo sozinha em casa, o M. como é vendedor passava muito tempo fora de casa.” (pág.21).

Se estar grávida já era um acontecimento inesperado e marcante na trajetória da narradora, podemos entender a confusão psicológica inerente a ter de voltar à casa dos pais, trazendo consigo o marido e posteriormente um filho e, assim, voltar a depender novamente daqueles;

ii) **o território do estilo de vida**, de menina-filha a mãe-filha: todo um conjunto de hábitos que sofreram alterações, quer ao nível das saídas, quer na compra de roupas, nos cuidados com o corpo (esteticista/cabeleireiro). Este é um território do qual se trata da desqualificação de um estilo de vida marcado por ruturas aquando da gravidez: lazer, corpo e saídas – muitas foram as alterações de hábitos e no estilo de vida que a jovem A. teve de encarar aquando da gravidez. A jovem relata mudanças a diversos níveis: saídas/lazer – através do seu discurso percebe-se que ia jantar fora todos os fins-de-semana (pág.18), neste momento, nem consegue ir todos os meses. Denota-se através do seu discurso que, A. teve de mudar e muito o seu estilo de vida, o que a deixa também um pouco triste, *“é muito complicado... eu tava habituada pelo menos, todos os fins-de-semana ir jantar fora, e isso já não, hoje em dia já não se consegue. Se for uma vez no mês, é o muito, tenho meses que nem vou, nem com eles consigo ir. Consigo ir ali ao mac, ou assim... mas é preciso não poder esticar muito, (...).”* (pág.19); corpo e sensualidade – a narradora ia com muita regularidade ao cabeleireiro e esteticista (pág.20), o que agora leva algum tempo a cumprir-se. É nítida a tristeza no discurso da narradora ao lembrar-se dos hábitos que tinha e dos quais teve de abdicar, porque o orçamento familiar não permite, *“(...) era completamente diferente. Agora sinto-me cansada, agora já não dá. (...) É dolorante, muito complicado. Complicado p’ra nós...”*. (pág.20). O seu poder de compra também diminuiu significativamente, A. gostava muito de comprar roupa/sapatos, mas agora as suas prioridades são os filhos, *“(...) não tem sido fácil p’ra mim, porque eu tudo o que via comprava.”* (pág.24) Ainda no que respeita às questões do corpo, é a narradora a assumir que o seu aspeto físico mudou muito, isto porque também dispõe de pouco tempo para cuidar de si (pág.14). Com a gravidez A. ganhou algum peso e entretanto, a sua imagem física mudou: *“o que você tá a ver aqui hoje, eu não era assim.”* (pág.14); saúde – como seria de esperar, todas estas mudanças na vida de uma jovem de vinte e quatro anos, feitos no presente ano de 2012, têm repercussões ao nível da saúde, A. ainda se encontra em fase de recuperação de uma depressão pós parto (pág.14).

2.3. MOMENTO 3 (2012): O FUTURO DESEJADO – POSSÍVEL ENTRADA NA UNIVERSIDADE?

A curto prazo, este poderá ser o terceiro momento marcante da vida desta jovem, uma vez que planeia agora ingressar na universidade, para concretizar um sonho que teve de ser adiado, ou melhor que por circunstâncias da vida (gravidez), não pode ser efetivado mais cedo, “ (...) *agora inscrevi-me p’ra, p’a universidade, vamos ver.* ” (pág.3). A sua entrada na universidade, poderá então desencadear algumas ruturas na sua vida, nomeadamente ao nível do seu casamento.

2.3.1. – ETAPA 1 do Momento 3 (2012): Latente rutura do Casamento

Esta poderá ser uma etapa presente na vida da jovem, uma vez que, ao longo do seu discurso, é claro o seu desabafo sobre a sua dedicação sem reconhecimento/agradecimento e ainda, o desgaste do seu casamento, “ (...) *chego à cama, ‘tou cansada, só me apetece é descansar e ele tamêm (...). (...) tempo p’ra nós sozinhos não há.* ” (pág.22).

É nesta fase que A. decide voltar a estudar, curioso ou não, esta vontade de refazer algo que havia ficado pendente surge, precisamente, uma semana depois de ter sido mãe. Facto é que a mesma retomou o seu percurso escolar e, em 2011, passados três anos, conclui com sucesso o ensino secundário (pág.3). Esta foi uma meta muito desejada pela jovem, como a mesma reconhece, “*durante três anos, mas consegui.*” (pág.3). Esta tomada de decisão, articulada ao conteúdo de todo o relato, faz-nos interpelar o discurso superficial de A.. Outras questões podem estar associadas a este interesse “imediato” de retomar os estudos e de querer voltar à escola. Não esqueçamos que A. tinha acabado de ser mãe quando recomeçou o seu percurso escolar. Pode, pois, admitir-se que também ela sentia necessidade de sair de casa. Ou que, ela se terá apercebido da importância que os estudos teriam no seu futuro. Outra interpelação seria, quanto ao papel e influência da mãe nesta decisão. Ao longo do seu discurso, transparece que A. anulou a sua vida; e diz-nos também que um dos sonhos da mãe, era que ela entrasse na universidade. Então, talvez todas estas opções de A. estejam sempre relacionadas com, (dependentes de) aquilo que os outros querem que faça, uma vontade/necessidade de agradar aos pais/filhos/marido, ou, até mesmo, só à mãe: “*que ela sinta orgulho de mim.*” (pág.11). Repare-se que, inerente a todas estas interpelações estão as

transações identitárias, quer as interiores – se pensarmos que a jovem já havia programado esta decisão de retomar os estudos; quer exteriores – quando falamos na vontade da mãe ao querer que a filha frequente a universidade. No presente ano de 2012, com vinte e quatro anos de idade (pág.1), A. está a estudar para realizar os exames nacionais e já perspectiva, inclusive, o ingresso na universidade (pág.3). Como acabámos de analisar, trata-se, não apenas da concretização de um sonho pessoal mas, e como sublinha A. no seu discurso, de demonstrar à mãe que conseguiu, independentemente dos percalços que a vida lhe proporcionou. Com efeito, a entrada na universidade sempre foi um desejo muito grande de sua mãe, como nos diz: “ (...) *o maior desgosto da minha mãe foi eu não ter seguido a escola. Que é isso que eu ‘tô a tentar agora, pelo menos dar-lhe uma coisa que ela sinta orgulho de mim.*” (pág.11). Portanto, compreender-se-á agora melhor que, mais do que uma realização pessoal, a narradora pretende demonstrar à mãe as suas capacidades: “*p’á sentir que eu fui capaz.*” (pág.11). Mas A. ainda expressa que também está preocupada com o futuro dos filhos e é neles que pensa. E, de novo, para justificar a sua identidade de mãe, acrescenta: “*quero dar o mesmo que a minha mãe me conseguiu dar a mim, quero dar aos meus filhos.*” (pág.11). Neste sentido, é clara a reprodução do modelo materno que é posto em prática pela jovem A., ao afirmar-nos: “*quero tentar dar tudo aos meus filhos, como a minha mãe sempre me deu a mim.*” (pág.11);

No Momento 3 da trajetória identitária de A., o Território Sócio-Identitário afectado foi: *o escolar*, com a retoma do percurso escolar: vontade adormecida ou modelo materno – pouco tempo depois de ter sido mãe, despertou na narradora o interesse em voltar a estudar.

3. AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

3.1. Com a vida de casada as tarefas domésticas e o fim do romantismo: avaliação negativa

Ao avaliar a vida de casada, a narradora utiliza um discurso muito negativo, sob a forma de expressões marcantes. Para A. a vida de casada tornou-se um pesadelo, como de resto expressa e define, “ *péssima. (...). Péssima, a namorada é um espetáculo, a gente vai a todo o lado, pronto fazem tudo. Casada, é o dia ao pé da noite. E depois com moços então, é horrível, mas pronto...*”. (pág.4). Ao longo do discurso entende-se que houve um abdicar muito grande de certas rotinas que, para a jovem, eram importantes para sentir-se bem

diariamente. Foi a própria a relatar que gostava muito de sair e que agora, simplesmente não o pode fazer, está presente ainda, uma certa nostalgia de uma juventude que não foi vivida a cem por cento, repare-se no discurso da narradora, *“é muito complicado, muitas horas de sono, pensar no que é que me meti. Com esta idade era p’a ‘tar a viver coisas que não, não vivi, né?”* (pág.10). Admite ainda esta jovem, ter dedicado estes quatro anos da sua vida (período que medeia o seu casamento, nascimento dos filhos), em exclusivo ao marido e aos filhos, esquecendo-se muitas das vezes de si, enquanto mulher. Através das palavras da própria, sente-se que houve uma anulação identitária durante estes quatro anos, muitas vivências perdidas, rotinas completamente modificadas e uma entrega total à família, com a clara noção de que não existirá recompensa futura. Ou não fossem tão fortes as suas palavras, *“tenho anulado a minha vida, é verdade, enquanto mãe, não sei se sou boa mãe ou não, se ‘tou a agir certo ou errado, mas tenho anulado a minha vida um bocado, em função deles, deles os três, dos meus filhos do meu marido. Tenho anulado, durante estes quatro anos, tem sido só p’ra eles e... acho que eles não me vão agradecer (...).”* (pág.10).

3.2. O que é ser Doméstica: Avaliação negativa

Esta etapa retrata uma avaliação negativa daquilo que entende a narradora ser uma Doméstica. O discurso utilizado pela mesma é forte e releva muito descontentamento pelo facto de ser doméstica, transmite-nos ainda uma vontade expressa de preferir uma atividade laboral fora de casa, a ser doméstica diariamente. Parafraseando a própria: *“aí, o que é ser doméstica...? Eu sei lá... não dá p’a explicar, aliás, até dá, mas... é péssimo (risos), é péssimo. Eu dava tudo p’a não ser doméstica, eu acho que até por trezentos euros eu já ia trabalhar p’a não ser doméstica. (risos) Não sei bem explicar, o que é que é ser doméstica, é muito complicado, é uma profissão que, não dá, nós ‘tamos em casa, não ganhamos e pronto.”* (pág.23).

A narradora reconhece o trabalho doméstico como uma profissão, apesar de considerar que não depende de qualquer regalia monetária, ou seja, uma profissão da qual não deriva um ordenado, o que a faz desanimar e não gostar de estar em casa. *“Eu não acho que a doméstica deveria receber, eu acho é que, se o estado diz que tem uma população envelhecida, nós jovens p’a termos filhos, precisamos ter meios p’a poder sustentá-los. E eu acabo por não ter, quer dizer, tenho, eu sustento os meus filhos, o M. recebe não é?”* (pág.23). Considera a narradora que a doméstica não deveria receber qualquer vencimento

mensal, o que deveria existir era um apoio que ajudasse na educação dos filhos, para que a mesma conseguisse de forma mais desafogada tratar dos filhos sem colocar as dificuldades financeiras como algo que também interfere no melhor ou pior tratamento e cuidado dos mesmos. Por isso, diz-nos que, *“nós como mães podiam dar mais uma ajuda, p’a nós conseguirmos criar os nossos filhos, sem haver tantas necessidades (...)”* (pág.23).

3.3. O que é ser Doméstica segundo a Sociedade em Geral?

Quanto à avaliação que é feita sobre a mulher doméstica, pela sociedade em geral, segundo palavras da narradora, ela considera que não existe valorização: *“aí não dão valor. (...) Não. Nada, não dão valor nenhum, pensam que a gente nunca faz nada, ‘tamos em casa, ‘tamos descansadas.”* (pág.16-17). Reforça ainda mais a ideia, ao afirmar: *“ser mulher doméstica eu acho que nunca, nunca mudou muito, essa mentalidade das pessoas, acho que, as pessoas todas pensam, há ‘tá em casa, ‘tá descansada.”* (pág.17). Aos olhos da narradora, a sociedade não atribuiu à mulher doméstica qualquer sentido de responsabilidade nem de reconhecimento pelas inúmeras tarefas que diariamente executa.

3.4. A criação da sua própria identidade é um processo moroso e de percalços.

Esta é a história de uma jovem que viu a sua vida mudar quando soube que estava grávida. A. foi mãe pela primeira vez aos vinte anos e, desde essa altura, começou a viver para a família, esquecendo-se muitas vezes de si própria, até porque, dezoito meses depois era mãe pela segunda vez. A. permite-nos conhecer um exemplo de uma mulher que se dedica diariamente à família. Uma jovem que tem noção do sacrifício que está a fazer, mas que quer tratar da melhor forma possível os filhos e o marido, admitindo: *“ (...) , não sei se sou boa mãe ou não, se ‘tou a agir certo ou errado, mas tenho anulado a minha vida um bocado, em função deles, deles os três, dos meus filhos do meu marido. Tenho anulado, durante estes quatro anos, tem sido só pra eles (...)”*. (pág.10). Uma mulher que tem consciência de que não terá retorno, por parte dos filhos de tudo aquilo que tem feito por eles, que se sente desvalorizada, mesmo dando o melhor de si, *“acho que eles não me vão agradecer, sei que um dia mais tarde os meus filhos não me vão agradecer por o que eu ‘tou a fazer, mas eu acho que é a opção mais, mais adequada porque assim a minha mãe também*

o fez.” (pág.10). Mesmo não esperando qualquer agradecimento dos filhos no futuro, sente-se na obrigação de sacrificar-se por eles, pois já sua mãe se sacrificou por si, existem valores que derivam da própria educação que recebeu, que tal como recebeu também quer passar aos filhos – reprodução do modelo familiar (materno). A. sente que a sua obrigação é manter o seu compromisso de boa mãe, boa esposa e boa filha, embora tenha a noção de que nunca vai ter o retorno de toda esta sua entrega: “ (...) *os meus pais viveram só p’ra mim, era tudo em função de mim, e foi assim que eu fui educada, e é assim que eu tento fazer com os meus filhos.*” (pág.10-11). Repare-se nesta relação mãe-filha que acaba por não se desligar e reforçar-se cada vez mais, no sentido de reprodução de tudo aquilo que a mãe fez consigo, mas também de nunca deixar de ser filha e ter a mãe sempre presente a “controlar” todas as suas decisões e opções.

A história de A. dá-nos também a conhecer a trajetória de vida de uma jovem bonita, elegante, vaidosa, que cuidava muito de si e que, usufruía de um estilo de vida consideravelmente estável mas e que, com a gravidez, assiste a transformações no seu aspeto físico, nomeadamente, com o ganho de peso. Ao mesmo tempo, apercebe-se também de que a vida de casada não é tão perfeita como por vezes se idealiza e chega a sofrer uma depressão, o que acentua o seu estado de preocupação. Enfim, trata-se de uma jovem que admite no seu discurso ter anulado parte da sua vida durante estes quatro anos, tempo que medeia o seu casamento e o nascimento dos seus dois filhos. Chega até a ser paradoxal o seu discurso ao afirmar: “*é muito complicado, muitas horas de sono, pensar no que é que me meti. Com esta idade era p’a ‘tar a viver coisas que não, não vivi, né?’*” (pág.10). E depois ao concluir que, “*temos uma coisa boa, que compensa bastante, temos duas coisas lindas. É a luz dos meus olhos, e eu por eles faço tudo, é assim é que eu me tento compensar.*” (pág.10). Mais uma vez, o espírito de sacrifício e dedicação total aos filhos, tendo presente porém que, é uma dedicação sem retorno futuro.

APÊNDICE D: Análise Descritiva do Relato da Narradora Ana

1. APRESENTAÇÃO DE ANA

Nascida na Cidade de Moura em 1987, Ana é uma jovem alentejana, com vinte e cinco anos de idade completos no actual ano de 2012 e, cuja trajectória identitária pode ser analisada segundo dois Momentos Marcantes.

Esta é a trajectória de vida de uma jovem, cujo sonho de ser manequim foi desfeito, devido a problemas pessoais, uma jovem que casou aos vinte anos e que, descobriu com a maternidade que os filhos merecem toda a dedicação dos pais, uma jovem que, nos dias de hoje, vive essencialmente para a família.

Relativamente ao contexto da realização desta entrevista, deve reter-se que, a concretização de uma entrevista em profundidade não foi de todo possível, uma vez que, no dia em que foi realizada a primeira sessão, a entrevistadora tinha em sua casa, os filhos, o marido e o pai, deste modo, não tendo sido possível estar a sós com a narradora. Ainda neste contexto, foi agendada uma segunda sessão, na qual não existiria a presença de nenhum dos elementos do agregado familiar de Ana, mas a poucos minutos do encontro a jovem desmarcou. Deve registar-se ainda que, no dia da entrevista, a narradora completava os seus vinte e cinco anos e encontrava-se vestida de preto, tendo as unhas pintadas de cor cinzenta, mais adiantou, sem estar em modo de gravação, que iria aproveitar a tarde para dormir.

2. ANÁLISE DA TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA

2.1. MOMENTO 1 (1987-2007): A criança, filha, neta, irmã e prima.

Este é o relato de uma menina que recorda com muita alegria uma infância passada no campo, na casa dos avós, com os primos todos reunidos. Uma menina que sonhava ser manequim, mas que, embora tenha tido de desistir do seu sonho, hoje se sente feliz por ser mãe de três crianças e poder estar em casa a dedicar-se a elas a tempo inteiro.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1987-2000): Nascimento e infância.

Ana nasceu em 1987, na Cidade de Moura, sua área de residência até aos dias de hoje: “ (...) *foi sempre a zona onde, onde residi. (...) nunca vivi fora desta localidade.*” (pág.1). Ao recordar a sua infância, a narradora descreve-a como uma fase muito feliz da sua vida: “ (...) *tive uma infância feliz, posso dizer que sim.*” (pág.1). Conta que tem uma irmã mais

velha, com seis anos de diferença (pág.2) e é *“filha de pais, de pais casados.”* (pág.1). Da sua infância, recorda as férias passadas no campo, na casa dos avós, juntamente com a irmã e com os primos: *“na minha infância tinha a casa da minha avó. Que é, portanto, tem a casa no meio d’um terreno de árvores e de flores. (...) Isso era muito bom. (...) p`ralém dos momentos que nós tínhamos, era toda aquela natureza e toda aquela... tudo aquilo de puro que nós tínhamos ali. Não só por a educação que a minha avó nos dava (...) como também (...) nós disfrutávamos da companhia deles, da companhia de todos, entre nós, éramos seis (...).”* (pág. 22-23). A narradora apresenta-nos claramente, uma avaliação positiva da sua infância e, sobretudo, dos tempos passados na casa dos avós, a disfrutar do ambiente do campo, na companhia dos seus primos. Mediante o seu relato, a jovem esclarece que, durante a sua infância, embora, soubesse fazer as tarefas domésticas, dispôs sempre de empregada doméstica em casa dos pais, o que fazia com que pouco ou nada fizesse em casa: *“ (...) na casa dos meus pais, a maior parte do tempo nós sempre tivemos empregada. (...) ajudava, sim, mas não ´tava habituada a fazer comer, não... (...) tinha quem fizesse (...) não era coisa que me preocupasse, só se tivesse de desenrascar, desenrascava.”* (pág.6).

Esta é uma etapa que nos transmite de facto, o relembrar de uma infância feliz, com a família sempre presente e muito unida. A transição para a etapa seguinte permite-nos compreender o percurso escolar da narradora, bem como conhecer o seu sonho profissional que em pouco anos deixou de existir.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (2004-2005): O percurso escolar e o abandono do sonho de manequim

Através do relato de Ana, sabe-se que, antes mesmo de concluir o décimo segundo ano, foi manequim (ano de 2004-2005), tendo feito alguns trabalhos pelo país, sem nunca ter alterado a sua área de residência, *“ (...) não vivia lá, portanto, ia p`ra Lisboa, ia p`ra outros lados, mas sempre esporadicamente. (...) só quando tinha algum trabalho p`ra fazer.”* (pág.2). É ainda em 2005 que Ana conclui o décimo segundo ano mas, tal como refere, não ingressou na universidade devido a dificuldades financeiras por parte dos pais (pág.8); no entanto, como o seu sonho era ser manequim, *“ (...) não foi coisa que me deixasse muita pena, porque cá está, é... eu gostava era de ser manequim (...).”* (pág.8). O seu discurso transmite também a vontade e gosto que tinha por sair à noite e dançar nas discotecas (pág.24); desta feita, diz-nos a narradora que no ano em que completou os seus dezoito anos

foi quando mais aproveitou para se divertir. As palavras utilizadas pela mesma são marcantes, pois fala dessa fase da sua vida, como o último ano; possivelmente, estará a adotar esse discurso pelo facto de no ano seguinte ter saído da casa dos pais. Para melhor compreendermos: “ (...) *o meu pai era um bocado rígido connosco com as horas. (...) Mas o último ano, como também já, já tinha outra vida, já era diferente, já trabalhava tamêm, acabei por fazer assim, por sair mais e aproveitar mais.*” (pág.24).

Ora, este abandono de um sonho e a decisão de juntar-se e começar a partilhar casa com o namorado traduzir-se-á num fator de mudança na vida desta jovem, como de resto, de seguida se apresenta.

2.1.2.1. FACTOR DE MUDANÇA (2006): Juntar-se com o namorado

Em 2006, diz-nos a jovem que é um ano decisivo na sua vida, pois, começou a planear o seu futuro e optou por deixar a carreira de manequim. Segundo afirmação da mesma, “ (...) *um dia tive que pensar a minha vida como deve ser, porque, era um trabalho que também não me dava (...) grande base, grande... estabilidade.*” (pág.2). Ao referir a sua procura de estabilidade, acrescenta ainda, ser neste mesmo ano, tendo completos dezanove anos de idade, que decidiu juntar-se com o namorado, com quem mantinha o namoro há três anos e meio (pág.2). Paradoxalmente, ao longo do seu discurso, é a mesma quem afirma ter abandonado o sonho de ser manequim para se tornar independente (pág.7), referindo a existência de problemas pessoais, os quais a narradora não quis abordar: “*foi mais também a nível de problemas pessoais que acabou..., acabei por ser um bocado pressionada a ter que tomar essa decisão, a ter que deixar de ser manequim, porque era a única coisa que eu fazia questão até ao dia de hoje, realmente, de querer ser e querer fazer.*” (pág.8). Porém, apesar de Ana não aprofundar, sabemos, pela observação efectuada, que o namorado dela terá recusado que a mesma continuasse na carreira de manequim, o que até terá levado a uma ruptura na relação durante um tempo. Não deixa de ser curiosa esta pressão do namorado e também de um pai conservador, uma afinidade das figuras masculinas na sua vida.

Esta foi, claramente, uma fase de transição/adaptação na vida da narradora, pois tinha agora de se adaptar à vida de casada que contou com a ajuda da mãe e da irmã mais velha no ensino de algumas tarefas domésticas que não estava apta a realizar, “ (...) *a minha mãe e a*

minha irmã na altura ajudaram-me, ensinaram-me certas coisas que eu não sabia.” (pág.7). Não obstante, a jovem considera que esta não foi uma fase de muita dificuldade, “ (...) *foi fácil, aí foi... porque eu acho que acima de tudo, tem que haver vontade. (...) E quando há vontade a pessoa, vai e faz, e aprende (...) se não houver vontade por mais que seja habituada a fazer uma vida toda, não vai ser assim tão fácil.” (pág.8).*

Quanto à gestão dos ordenados do agregado familiar, segundo Ana, é a própria quem assegura essa tarefa. O seu método processa-se da seguinte forma: “ (...) *o dinheiro entra cá em casa e tem que sair logo p`as despesas mais... (...) as despesas certas.” (pág.13).* A preocupação principal da narradora diz respeito “*ao pagamento da casa, luz, água (...) a mensalidade da creche, e no gás (...). Daí p`ra frente, vemos se há alguma despesa extra (...) muitas das vezes, há pediatra, há vacinas, há o meu médico (...) há as despesas da farmácia (...).*” (pág.13). E por fim, com o dinheiro que sobra, a narradora gere a alimentação: “ (...) *depois daquilo que sobra, come-se...*” (pág.13). Na eventualidade de sobrar algum dinheiro ao fim do mês, diz-nos Ana que o mesmo é aproveitado para fazer face a algumas despesas e satisfazer algumas necessidades que, nem sempre são possíveis de concretizar (pág.14); mais nos adianta ela que, a gestão influencia a possibilidade, ou não, desses gastos. Portanto, segundo a narradora, é importante gerir o dinheiro tendo presente a poupança, para que com isso consigam “ (...) *passar p`raqui ou p`rali, ou comprasse mais qualquer coisa que fazia falta cá em casa...*” (pág.15). Esta é uma gestão que tem vindo a desenvolver, sem ter em conta qualquer modelo ou vivência dos pais, como refere “ (...) *fui aprendendo por mim mesma.*” (pág.14).

Nesta fase de mudança, ao longo do relato de Ana, vão sendo enumerados os Territórios Sócio-Identitários mais afetados: i) *o familiar*, se pensarmos na pressão que o pai de Ana exercia sobre as filhas no sentido de não as deixar sair muito à noite, de controlar as horas a que deviam chegar a casa e, por ventura, de também não concordar com a sua decisão de ser manequim, claramente a relação familiar sofreu alterações; ii) *o geográfico e habitacional*, é afectado quando a narradora se deslocava, ainda que dentro do país para outras cidades, a fim de realizar o seu trabalho como manequim; e também se pensarmos também na mudança que ocorreu na vida de Ana ao decidir sair da casa dos pais e viver com o namorado e posteriormente, marido; iii) *o das sociabilidades/imaginário (simbólico-representacional)*, sofreu alterações pois a narradora conseguiu fazer alguns trabalhos

enquanto manequim, tendo convivido e se relacionado com pessoas que não conhecia, apesar de nunca ter realizado o sonho que tinha de ser manequim de profissão.

O primeiro passo estava dado, já vivia com o namorado, e passado um ano decidem então oficializar a relação, dando lugar ao Momento 2 da vida da narradora.

2.2. MOMENTO 2 (2007): Casamento e a vida de casada

No ano seguinte, em 2007, com vinte anos, dá-nos conta do seu casamento: “ (...) *passado um ano casámos, por duas vezes. (...) casámos numa altura por civil e noutra fizemos então, a festa na igreja, a festa religiosa.*” (pág.2).

Concretizado o casamento, novamente passado mais um ano, a narradora fica grávida, definindo-se assim mais uma etapa da sua vida.

2.2.1. ETAPA 1 do Momento 2 (2008-2012): Mãe pela 1.^a vez

Segundo Ana, passado pouco mais de um ano a seguir ao casamento, em Março de 2008, é mãe pela primeira vez: “ (...) *passado um ano e qualquer coisa, então, é que veio a nascer o meu primeiro filho.*” (pág.2). A maternidade era, segundo nos esclarece, um plano a muito longo prazo: “*tava muito longe p`ra mim a ideia de ter, de ter um filho.*” (pág.9). E, tão longínquo era esse projecto que de resto, é a própria a admitir que era um desejo programado para os seus trinta anos, “*queria ser mãe, só a partir dos trinta, (...) depois acabou por acontecer de ficar grávida do meu primeiro filho.*” (pág.9). E foi nesta fase, como nos relata que, “ (...) *descobri uma coisa curiosa, é que gostei tanto, de ver o primeiro que, passado quatro anos tenho três.*” (pág.9).

A maternidade despertou na narradora uma vontade muito grande de voltar a ser mãe bem como de, passado algum tempo, abandonar a sua carreira profissional e dedicar-se à família, como podemos compreender, pela apresentação do factor de mudança seguinte.

2.2.1.1. FACTOR DE MUDANÇA (2011): Ruptura – Saída do Mercado de Trabalho: a Doméstica a tempo inteiro que opta pela Dupla Tarefa

A pensar nos filhos e também naquilo que gostava realmente de fazer, Ana apresenta o seu despedimento, em Janeiro de 2011 (pág.4).

Atendendo à condição da narradora perante o trabalho sabe-se, por via da mesma, que já trabalhou numa das lojas de calçado do seu pai (pág.3). Fez ainda saber que “*aproveitava as férias para ir trabalhar p`ro campo.*” (pág.3); e que o seu último trabalho foi na oficina dos sogros, onde desempenhou funções no escritório (pág.3), desde 2008 a 2011, isto porque, é esclarecedora ao afirmar: “*(...) os meus dois filhos, os mais velhos nasceram na altura, `tava eu lá a trabalhar.*” (pág.3). Como tal, também nos refere ter trabalhado fora de casa, somente até Janeiro de 2011, altura em que se despediu (pág.4), “*(...) fiquei lá com a minha sogra até ao, ano ano passado. Portanto, até Janeiro do ano passado (...).*” (pág.3).

Ao falar-nos da sua tomada de decisão relativamente a deixar de trabalhar fora de casa, apresenta-nos duas razões muito esclarecedoras. Por um lado, um dos fatores terá sido ter iniciado um curso de manicura, uma área de formação da qual já gostava, mas sentia não ter os conhecimentos suficientes para exercer com sucesso a atividade, “*(...) tirei o curso, (...) comecei a aprofundar os conhecimentos nessa área, porque eu já tinha alguns do tempo de ser manequim.*” (pág.4). O seu gosto revelou-se tão grande que Ana afirmar mesmo: “*(...) decidi deixar o trabalho que tinha e dedicar-me só a isto.*” (pág.4). Por outro lado, outro factor que terá sido preponderante, diz respeito aos filhos, dado que a jovem sentia que os filhos estavam “*(...) um bocado desamparados. (...) entravam na creche às oito da manhã e chegavam a sair de lá às seis e meia da tarde.*” (pág.4). Ana sentia que os filhos passavam muito tempo na creche e que essa rotina era prejudicial para as crianças, daí a sua decisão dever-se, em parte, ao facto de: “*(...) ver que, o meu filho me fazia birras a torto e a direito, porque `tava preso dentro d`uma creche o dia todo, porque quando chegávamos a casa, eu chegava dava-lhe banho, jantar, deitava-o. (...) era muito complicado, com, com a minha filha do meio, a R. não notei tanto, mas com ele, foi muito complicado, porque eu notava que o miúdo andava infeliz por isso.*” (pág.28). Confrontada com estas reacções por parte do filho, Ana entendeu que, se estivesse em casa, poderia gerir melhor os horários e passar mais tempo com os filhos, “*(...) acabo por passar mais tempo em casa, isso é verdade, mas também é melhor aproveitado.*” (pág.4). O curso de manicura apresentava-se como

vantajoso, pois a flexibilidade de horários seria uma atingida mais facilmente, segundo Ana: “ (...) *vi que tinha mais facilidade, em termos de horários, p`ra conseguir ir buscá-los e levá-los mais cedo, mais tarde (...).*” (pág.4). Para além disso, estando mais perto dos filhos, o tempo que dispense para eles acaba por ser maior; Ana reconhece que, agora, consegue dar mais carinho aos filhos do que na época em que exercia uma atividade profissional fora de casa (pág.6). Neste sentido, Ana sublinha que não é fácil conciliar a dupla tarefa: a acumulação de trabalho é inevitável e a gestão do tempo tem de ser bem planeada. Com efeito, lembra-se a narradora de na véspera de fim de ano de 2010 para 2011, ter terminado “ (...) *as últimas unhas aqui em casa, eram três da manhã. (...) E de manhã, começou tudo outra vez, p`a ter que ir trabalhar, p`ra deixar os miúdos na creche...*” (pág.15). Por isso, Ana tem consciência da dificuldade da dupla tarefa: “*fazer isso tudo, é, é um bocado complicado porque eu só podia fazer as unhas na hora do almoço e à noite.*” (pág.15). Não obstante o fim de semana ainda lhe garantia algum tempo livre (pág.15).

2.2.2. ETAPA 2 do Momento 2 (2012): O quotidiano da esposa, mãe e filha

Em Janeiro de 2012 foi mãe pela terceira vez, o que leva a narradora a não exercer qualquer actividade profissional neste momento (pág.5). Em 2012 é mãe de três filhos e, embora reconheça que o quotidiano não é fácil, acrescenta que, com esforço e dedicação, tudo se consegue: “ (...) *fácil não... não é, não posso dizer que é fácil, mas é uma vida de muito trabalho com eles, muitas dores de cabeça, mas que também é muito bem aproveitada se nós..., se for essa a nossa intenção e a nossa vontade.*” (pág.5).

Ao relatar-nos o seu quotidiano diário, compreende-se que o seu dia começa muito cedo e termina muito tarde, “ (...) *o normal dos dias é levantar-me às sete e deitar-me às tantas. Menos que a meia-noite nunca é!*” (pág.5). Sublinhando que o trabalho em casa nunca escasseia, “ (...) *há sempre, há sempre p`ra fazer, sempre, sempre, sempre...*” (pág.5). A agitação impera na casa de Ana diariamente: a começar pelas crianças, os maiores são levados à creche e à pré-primária, muitas vezes com a irmã pequenina também. Ao regressar a casa depois de ter deixado os dois filhos mais velhos na escola, a jovem explica como gere o seu tempo: “ (...) *dependendo das marcações que tenha, faço o trabalho, ou de manhã, ou de tarde. (...) roupas, é os almoços, os jantares e a limpeza. (...) São as três coisas que, todos os dias há sempre p`ra, p`ra fazer. (...) esporadicamente (...) tem que se tirar uns borbotos da roupa (...) cozer um botão das calças (...) fazer umas bainhas (...).*” (pág.10). Depois, à

tarde, as crianças regressam a casa e mais algumas tarefas se acrescem ao seu dia, como sejam, preparar o lanche das crianças, dar-lhes banho, preparar o jantar, jantarem, após o que, “*por volta das nove da noite, (...) vão p`ro quarto dormir.*” (pág.10). Contudo, convém salientar que o dia da narradora ainda continua, pois, ao deitar as crianças ainda tem algumas horas de trabalho pela frente, com a realização de tarefas domésticas, como seja, passar a ferro (pág.10).

Ao falar na partilha das tarefas domésticas, Ana diz-nos que o marido colabora nas tarefas, principalmente no cuidado da filha mais pequena do casal, “*(...) ajuda-me muito a ficar com a mais pequena p`ra eu fazer as coisas.*” (pág.10). Acrescentando que, até ao nascimento da filha mais pequena, quando os dois filhos mais velhos já estavam a dormir, o marido também ajudava Ana na realização das tarefas domésticas (pág.11). Contudo, é a mesma a assumir: “*(...) não posso exigir muito ao meu marido, porque ele não tem horários. (...) nem para entrar, nem para sair.*” (pág.10).

A sobrecarga de trabalho é assumida pela narradora, sendo a própria a reconhecer que, quando trabalhava fora de casa e, para isso, conciliava a dupla tarefa, contava com o apoio de uma senhora que a ajudava na realização das tarefas domésticas, “*(...) eu já trabalhei fora de casa, e tinha que ter uma pessoa a ajudar-me de quinze em quinze dias, a ajudar-me em casa.*” (pág.5). No entanto, afirma preferir ser ela a tomar conta de tudo sozinha, “*hoje em dia gosto, porque faço eu à minha maneira, à minha vontade, não tenho que `tar a dizer a ninguém, faça assim, ou desta maneira ou da outra.*” (pág.6).

Com este conjunto de mudanças ocorridas na vida de Ana, não seria de estranhar que o seu estilo de vida também tivesse de se alterar e adaptar à vida que escolheu, por isso, o momento seguinte esclarece-nos quais os hábitos que teve de alterar.

2.2.2.1. FACTOR DE MUDANÇA (2012): Ruptura do Estilo de Vida – Saídas, espaços, tempos livres, corpo

Relativamente aos tempos livres, tempo para si é algo que a narradora tem tido muito pouco, tal como refere “*(...) tempo p`ra mim foi coisa que eu nunca mais tive.*” (pág.16). Ana diz mesmo, “*tempo p`ra mim não tenho*” (pág.26), percebe-se pelo seu discurso que os filhos lhe retiram muito tempo, sendo a própria a esclarecer, “*(...) a última vez que tive tempo p`ra mim, a A. tinha quinze dias, portanto, isto foi há quinze dias atrás, levei-a p`ra,*

p`ra cabeleireira.” (...) `tou lá, mas tou sempre a pensar no que vou ter que fazer a seguir (...) porque entretanto, atrasei-me, demorei (...) porque já devia `tar despachada e, é um stress. (...) vou à cabeleireira de três em três, ou de quatro em quatro meses.” (pág.26). Reforça ainda mais a ideia de dedicação aos filhos e à família e de ausência de tempo para cuidar de si, ao relatar: “ (...) não tenho muito tempo. (...) por exemplo, p`ra arranjar as minhas unhas que, é uma das coisas que tenho que ter sempre em conta, nã tenho muito tempo. É tentar fazer o mais simples e o melhor que possa, porque tenho sempre algum deles a chamar por mim...” (pág.26). Ao longo do seu discurso demonstra que o seu tempo livre é passado com os filhos e com a família, valorizando espaços verdes e naturais, como refere: “ (...) p`ra mim, eu acho que tudo aquilo que é campo, p`ra além deles gostarem bastante, é muito bom, é muito saudável p`ra eles.” (pág.21). Ana admite valorizar o tempo passado em família, sobretudo quando passado a apreciar a natureza, porque foi algo que também recebeu em criança e quer passar aos filhos, “ (...) tento fazer sempre p`ra conseguirmos ir e disfrutarmos da companhia uns dos outros tamêm.” (pág.21). É a narradora quem reconhece que os seus planos nos dias de hoje, centram-se muito nos seus filhos, “ (...) hoje em dia, faço programas com os meus filhos.” (pág.23). Neste momento, no ano de 2012 a mãe de Ana encontra-se emigrada, no entanto, refere: “ (...) enquanto tive cá a minha mãe, acabava por os deixar de vez em quando, e ia beber um cafezinho e, ia... fazia uma noitada de vez em quando.” (pág.23). Até porque, sair à noite era algo que a narradora gostava muito de fazer, como nos disse: “ (...) umas das coisas que adoro é meter-me numa discoteca e dançar até de manhã.” (pág.24). Contudo, como a cidade onde vive não tem espaços que a agradem (pág.24), a sua opinião foi-se alterando e hoje admite: “ (...) aprecio muito mais a companhia dos meus filhos, hoje em dia, do que isso.” (pág.24).

A partir do Momento 2 é possível elencar alguns do Territórios Sócio-Identitários que se alteraram ao longo da trajectória de A.: i) *o laboral*, é claramente afetado, tendo em conta que Ana já trabalhou nas lojas de comércio da família, que nas férias de verão realizava trabalhos no campo, bem como, o trabalho que exerceu no escritório dos seus sogros; ii) *o escolar*, destaca-se porque Ana não pode dar continuidade ao seu percurso escolar, nomeadamente, ingressando na universidade devida a dificuldades financeiras da família; iii) *o estilo de vida*, alterado tendo em conta todos os hábitos e rotinas da narradora que tiveram de ser repensados devido à maternidade e vida de casada.

Este estilo de vida alterado e todas estas mudanças no quotidiano de Ana, dão origem à pertinência do ponto seguinte, na medida em que se pretende compreender qual a sua avaliação enquanto doméstica.

3. AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

3.1. Maternidade e Dedicação à Família – Esposa, mãe: a Doméstica

Ao falar-nos da sua decisão de tornar-se doméstica, dá-nos conta de que nunca quis sê-lo a tempo inteiro: “ (...) *nunca quis ser doméstica a cem por cento. Quis ter sempre nem que fosse um... um hobbie, quase como é as unhas, um part time. (...) em que conseguisse, ter qualquer coisa que eu dissesse que não tava, que não era só doméstica.*” (pág.26-27). Até porque a narradora sente que as pessoas não valorizam o trabalho da mulher doméstica, “*ser doméstica hoje em dia, é um bocado complicado porque, as pessoas (...) não lhe dão valor, não dão valor a isso.*” (pág.27). Como vimos mediante o relato de Ana, esta tornou-se doméstica, sobretudo, devido à preocupação que sentia perante os filhos e por estes passarem muito tempo na creche: “*de eu ver que, o meu filho me fazia birras a torto e a direito, porque `tava preso dentro duma creche o dia todo, porque quando chegávamos a casa, eu chegava dava-lhe banho, jantar e deitava-o. (...) passadas duas ou três horas ele `tava deitado, e era muito complicado (...) com a minha filha do meio, a R. não notei tanto, mas com ele (...) notava que o miúdo andava infeliz (...).*” (pág.28). Para a narradora, ser doméstica é acima de tudo, dedicar-se aos filhos e sentia que “ (...) *havia pouco tempo p`ra nós nos dedicarmos a ele.*” (pág.28). Como tal, poder acompanhar o crescimento dos filhos e participar diariamente na educação dos mesmos, é o que mais valoriza a narradora (pág.27), “ (...) *sermos capazes de `tar atentos, àquilo que eles passam na escola, sermos capazes de ver se eles estão felizes, ou não (...).*” (pág.27). Ana reconhece, por isso, o trabalho doméstico como sendo uma profissão. Mas, ao mesmo tempo, o seu discurso não deixa de ser paradoxal ao associar esta actividade (profissão) com a condição de mãe (naturalismo?). De facto, Ana afirma que se não tivesse sido mãe, provavelmente, hoje não era doméstica: “ (...) *no meio desta profissão que, pode ninguém lhe dar valor (...) há uma parte muito boa que é, nós podermos disfrutar dos nossos filhos, isso acima de tudo. (...) se não os tivesse, acho que não, acho não, tenho a certeza, acho que não `tava em casa.*” (pág.27). É neste contexto que Ana considera a maternidade um acto de muita responsabilidade, onde sublinha que os filhos carecem de

muita dedicação e que se não houver vontade ou intenção de dedicar-se a eles, o melhor, mesmo, é não tê-los (pág.29).

Ao refletir sobre a avaliação que a família atribui ao trabalho desempenhado pela mulher doméstica, Ana considera que a sua família reconhece o seu trabalho, “*eu acho que eles avaliam bem, porque eles vêem bem que, que eu não tenho tempo p`ra nada.*” (pág.15). Ao longo do seu discurso até expressou que estando o seu pai a viver em sua casa, houve um dia em que “*(...) eu `tava aqui a passar duas máquinas de roupa. (...) já às tantas, e lembro-me que o meu pai passou por mim, ia se deitar e disse-me: “- foge, tu não páras, é de manhã até à noite.” E é mesmo.*” (pág.16). Portanto, daí conclui a narradora que a sua família reconhece o seu trabalho e empenho diário na realização de todas as tarefas domésticas. Até porque, quando comparando com a opinião no passado, esta assegura: “*(...) antigamente, a mulher tinha sido feita p`a trabalhar em casa. (...) não havia, nem pensar, uma valorização como, como há hoje, embora hoje em dia ainda seja um bocado esquecida.*” (pág.16). Ora, o discurso de Ana torna-se ambivalente quando, por um lado, admite que a sua família valoriza o trabalho, e por outro, afirma existir ainda uma falha quanto ao reconhecimento, o que nos leva a interrogar melhor sobre o significado, para Ana, de ser Doméstica.

3.2. ETAPA 1: O que é ser Doméstica?

Ana diz-nos que ser doméstica: “*(...) é termos uma profissão que todas as outras têm, ou encarregam alguém, mais a responsabilidade das pessoas que nós temos a nosso cargo. Os filhos, o marido, o pai, quem for, quem esteja a viver connosco.*” (pág.30). Ao refletir temporalmente, Ana considera que, no passado, a valorização atribuída à mulher doméstica era ainda mais negativa, quando comparada com os dias de hoje, pois: “*(...) no passado, já era a profissão com que as mulheres tinham que nascer. (...) se calhar não havia essa valorização, porque (...) era um facto consumado (...) a mulher a partir do momento em que casava, a mulher ficava em casa.*” (pág.28). Mediante o seu discurso, Ana avalia o trabalho doméstico desenvolvido no passado como um naturalismo, algo que estava inato à mulher, na sua condição de mulher, sendo claramente contraditória, isto porque, quando questionada sobre o futuro, a narradora fala de uma mulher, cada vez mais preocupada com a carreira profissional, “*(...) cada vez as mulheres mais ao poder*” (pág.29), e uma mulher que também adia cada vez mais a maternidade, o que traduzirá uma alteração na vida e no trabalho doméstica (pág.29). Não podemos por isso, esclarecer que, profissão é diferente de

carreira profissional, neste sentido, dizer-se que a mulher era doméstica inata e admitir-se que hoje é uma mulher preocupada com a carreira profissional, é incoerente e ao mesmo tempo, contraditório.

Ana entende que haverá uma atitude mais descontrainda no que respeita à realização das tarefas domésticas, dado que ela mesma refere que a mulher quer, cada vez mais, trabalhar fora de casa, e consequentemente, considera que o trabalho doméstico sofrerá algumas alterações no sentido, de se optar por comprar e querer tudo previamente feito, pelo que, e o próprio papel da mulher em casa também sofrerá alterações, segundo as suas palavras: “ (...) *no futuro, vai haver cada vez mais essa tendência, portanto, as pessoas vivem num nível de stress muito grande, e não `tão muito p`ra se ralar. Eu acho que hoje em dia, aliás, é quase uma vergonha a mulher `tar em casa, a mulher nã trabalhar, ou a mulher dedicar-se, um ano ou dois da vida, não, vou ficar em casa, vou...* ” (pág.16). Neste contexto, diz-nos a narradora que, a mulher hoje em dia, aposta mais na carreira profissional, esquecendo muitas vezes a família e os filhos, o que se reflete posteriormente, na maternidade que é adiada e muitas vezes nem é concretizada (pág.17). Apreendida a avaliação de Ana sobre o que é ser doméstica, é igualmente pertinente, compreender qual a opinião da sociedade no geral, quando falamos na mulher doméstica, como de resto, se compreenderá de seguida.

3.3. ETAPA 2: O que é ser Doméstica segundo a Sociedade em Geral?

É também a narradora a admitir que a sociedade não valoriza o trabalho da mulher doméstica, “*a sociedade não avalia. A sociedade não dá valor nenhum a isso (...).*” (pág.17). Mais adianta, ser um problema também da mentalidade mais nova, “*é da geração, é a mentalidade que vai, que vai mudando e infelizmente nã se dá valor (...).*” (pág.20). Ana dá-nos conta de um conflito civilizacional a que se assiste nos dias de hoje, se pensarmos no papel da mulher e na sua condição social perante a sociedade, uma sociedade que exige cada vez mais dos indivíduos, e então, podemos falar, por exemplo, da condição da mulher perante o trabalho (ao assumir-se como doméstica a tempo inteiro ou conciliar uma actividade laboral fora de casa), ou da maternidade, o querer ter filhos, ou adiar esse desejo/vontade/projecto.

3.4. O fim de um sonho e o gosto pela Maternidade

Esta é a trajectória identitária de uma jovem que sonhava com uma carreira profissional como manequim, que apesar de ter conseguido realizar alguns trabalhos na área, não pôde dar continuidade ao seu sonho, devido a problemas familiares, nomeadamente, devido à posição conservadora do pai, bem como, a não aceitação do namorado (pág.8). Não deixa de ser curiosa esta “cedência” por parte da jovem, uma vez que, o seu discurso revela claramente o quanto queria ser manequim, *“nunca me conheci a gostar de fazer outra coisa. Era aquilo. (...) eu gostava de ser manequim (...) nunca gostei de, de nada, como gostava disso.”* (pág.8).

Este é um caso exemplar de uma manequim, que ambicionava uma carreira nessa mesma área, mas que, num curto espaço de tempo se desfez dela, tanto mais que, planeava ser mãe, somente, a partir dos trinta anos de idade (pág.29) e que, com vinte e cinco completos recentemente, já é mãe de três crianças, como refere Ana, *“(...) `tava muito longe da minha ideia que, com vinte e cinco anos tivesse três filhos”* (pág.8).

Abandonado o sonho de ser manequim, Ana decide juntar-se com o namorado, o que faz com que saia da casa dos pais. Repare-se que esta decisão pode ser encarada como um refúgio, ou fuga da casa paterna, ou se quisermos, uma “última alternativa”, visto não ter dado continuidade àquilo que realmente queria fazer do seu futuro. De facto, as mesmas resistências e a pressão paterna.

Ao longo deste relato, percebe-se também que a narradora não tencionava de modo algum tornar-se doméstica, *“(...) nunca quis ser doméstica a cem por cento”* (pág.26), no entanto, alega que a maternidade despertou em si essa necessidade. Por outras palavras, ao ser mãe, Ana refere ter começado a aperceber-se que o melhor para os seus filhos era que ficasse em casa, para conseguir dar-lhes mais atenção (pág.28), então despediu-se (pág.4) e tornou-se doméstica a tempo inteiro, isto porque, a narradora entende que ser doméstica é sobretudo, dedicar-se à família, segundo a mesma: *“é termos uma profissão que todas as outras têm, ou encarregam alguém, mais a responsabilidade das pessoas que, nós temos a nosso cargo. Os filhos, o marido, o pai, quem for, quem estiver a viver connosco.”* (pág.30).

É, sobretudo, a história de uma jovem que vive hoje uma vida completamente diferente daquela com que sonhou e perspectivou, mas que diz ter descoberto na maternidade uma alegria e um gosto muito grande: é essa a mensagem que transmite no seu relato. Mesmo não dispondo de tempo livre para si, para cuidar de si e estar sozinha, requer as suas atenções para os seus filhos (pág.23), os seus tempos livres são pensados em função deles e para eles.

Uma jovem que gostava de dançar e de frequentar discotecas e que, hoje tem noção que os seus hábitos se alteraram, mas que prefere a companhia dos filhos a uma saída à noite, como nos diz Ana: “ (...) *aprecio muito mais a companhia dos meus filhos, hoje em dia, do que isso.*” (pág.24).

APÊNDICE E: Análise Descritiva do Relato da Narradora Bety

1. APRESENTAÇÃO DE BETY

Bety é uma jovem alentejana, nascida na Cidade de Beja em 1977, a completar 35 anos de idade no presente ano de 2012.

Esta é a trajetória de vida de uma mulher que afirma sentir-se realizada e feliz com a vida que tem e com a família que construiu. Com uma capacidade de organização muito vincada, é mãe, esposa, doméstica e profissional fora de casa.

2. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA: 2 Momentos Marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1977-2012): A criança, filha e irmã

O presente relato diz respeito a uma mulher que já foi criança e filha, mas não filha única pois, muito embora não tenha referido no seu relato, tem um irmão poucos anos mais velho que ela. Mediante o relato da sua trajetória de vida, conhece-se uma mulher que sempre conseguiu alcançar os seus objetivos, uma jovem que, com a ajuda dos pais, investiu na formação e que, rapidamente conseguiu colocação profissional. Posteriormente casou e, hoje, é mãe de uma bebé de quatro meses que, segundo o seu testemunho, se sente feliz e realizada.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1977-1999): Nascimento, infância, percurso escolar e académico

Esta foi a entrevista mais curta realizada ao longo desta pesquisa. Apesar do Guião ser o mesmo e de existirem casos mais longos, a presente entrevistadora não falou muito sobre a

sua infância, centrando-se mais na sua trajetória de vida, a partir do momento em que entra na universidade.

Com efeito, da infância, salientam-se os dois conteúdos mais significativos para a nossa pesquisa: a avaliação positiva e a ausência de tarefas domésticas. De facto, Bety caracteriza-nos a sua infância como uma época normal: “*a minha infância foi uma infância normal.*” (pág.1). Quanto às tarefas domésticas nesse período, lembra-se a narradora de ter começado a participar nas tarefas domésticas em casa dos pais, por volta dos seus: “*treze, catorze anos.*” (pág.1), o que nos permite retroceder a 1991, sensivelmente.

Saltando quatro anos, foi em 1995 que a narradora entrou para a universidade, mediante o relato da mesma compreende-se que, estudou em Beja durante dois anos, portanto, até 1997 e que, nessa altura decidiu-se mudar para Lisboa, para poder terminar o curso noutra universidade. Como então a avó materna estava a residir em Lisboa, Bety foi morar com ela: “*(...) fui p´a Lisboa no terceiro ano e fui viver com a minha avó.*” (pág.2). É a própria a admitir que, estando a residir com a avó, as tarefas domésticas eram serviços com que não tinha de se preocupar, visto que, a avó tratava de tudo, “*(...) eu aí não fazia rigorosamente nada de tarefas domésticas. (...). A minha avó fazia-me tudo, fazia-me o comer, tratava da roupa e isso tudo. (...), eu aí participava pouquíssimo nas, nas tarefas domésticas.*” (pág.2). Estando a morar em Lisboa e sendo natural de Beja, Bety voltava a casa aos fins-de-semana; no entanto, como relatou, acabava por também não ajudar muito em casa, porque o tempo era reduzido (pág.2).

Concluído o ensino superior e, também, esta etapa da vida da narradora, assiste-se à transição para a etapa seguinte, quando teve oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos, através da entrada no mercado de trabalho.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (1999-2010): Entrada no Mercado de Trabalho

Sabe-se que a narradora termina o curso de psicologia em 1999 e ingressa, no mercado de trabalho em Lisboa, o que lhe permite continuar a morar na casa da avó (pág.2). Bety estava nesta altura, a exercer a sua actividade profissional, até que, em 2005 regressa à sua terra natal, para morar novamente na casa dos pais, relatando inclusive ser essa uma fase em que retomou com maior frequência a realização das tarefas domésticas, embora houvesse

a colaboração de todos em casa. Como nos diz a narradora: “*quando vim p’á Moura viver com os meus pais novamente, aí já ajudava mais a minha mãe (...). (...) todos colaborávamos e fazíamos as tarefas domésticas. (...).*” (pág.2). Sabe-se, mediante observação feita ao longo do processo investigativo que, este regresso da narradora à casa dos pais, esteve relacionado com o início do namoro com o seu actual marido. Repare-se que a colaboração era mesmo feita por todos os membros do agregado, uma vez que Bety também nos diz que o pai sempre ajudou a mãe em casa, “*(...), o meu pai sempre (...) sempre ajudou a minha mãe.*” (pág.5).

Nesta fase da trajectória de vida da narradora são visíveis algumas alterações a que esteve sujeita, neste sentido, podem enumerar alguns dos territórios que, naturalmente, acabaram por ser afectados: *o habitacional e geográfico*, este território pode ser analisado, através de três alterações significativas: i) quando a narradora decide deixar a casa dos pais, indo estudar para Lisboa. Apesar de voltar a casa ao fim-de-semana, como relata, teve de se adaptar a outra cidade e afastar-se assim da família; ii) regressa para a casa dos pais novamente, relembre-se que, em Lisboa vivia somente com a avó, essa alteração assume outros contornos, pois teve de haver uma nova adaptação ao contexto familiar; iii) o momento em que sai da casa dos pais para partilhar casa com o seu marido, logo após o seu casamento; *o familiar*, este território foi naturalmente afectado, porque a menina deixava assim a casa dos pais. No entanto, Bety foi viver com a avó, o que lhe garantiu algum conforto, até porque como refere, a avó tratava-lhe de tudo, desde a roupa, à comida: “*a minha avó fazia-me tudo, fazia-me o comer, tratava da roupa e isso tudo.*” (pág.2); *o escolar*, deve ser tido também em conta, uma vez que, a jovem transitou do liceu para a universidade, e mais tarde, descontente com o ensino que estava a frequentar, a decisão de mudar de universidade e concluir o seu curso superior em Lisboa; *o laboral*, é afectado pelo facto da narradora ter vindo a experienciar diversos locais de trabalho, tendo inclusive, trabalhado em Lisboa, e posteriormente, no Alentejo, na cidade de Moura; *o do estilo de vida e sociabilidades*, é visível a sua alteração, nomeadamente, quando Betty foi mãe, muitos dos seus hábitos e rotinas diárias tiveram de ser alteradas em função da filha, bem como, ao nível da sociabilidade, isto porque, começou a sair menos, quer para espaços divertir-se à noite, quer mesmo para cuidar de si, no sentido de espaços públicos, lazer (cabeleireiro...).

Sublinhadas todas estas alterações territoriais, chegamos ao Momento 2 da vida de Bety, quando a mesma decide casar.

2.1. MOMENTO 2 (2010-2012): CASAMENTO – a mulher e esposa

Bety casa em 2010 e, por isso, sai da casa dos pais. Como tal, também nos refere que as tarefas domésticas aumentaram: “ (...), casei e aí então, (...), mais ainda tem que se, tem que se fazer.” (pág.2). No entanto, diz-nos não ter sentido dificuldade em adaptar-se à vida de casada, porque já costumava realizar as tarefas domésticas em casa dos pais, já estava habituada (pág.3). Não deixa de ser um pouco paradoxal que a mesma narradora nos diga que, depois de casada, a responsabilidade com a casa e com as tarefas domésticas é acrescida, embora complementemente esta constatação com o facto de, nessa nova vida, ela contar com a ajuda do marido. A bem ver, Bety confirma esta mudança na sua vida, pois, embora na casa dos pais já ajudasse, no entanto, “ (...) não fazia com um carácter tão regular, por exemplo, (...) a preocupação de fazer os comeres todos os dias, é uma coisa que eu fazia pontualmente, não, não cozinhava diariamente. Hum... o organizar a casa, acaba por ser uma responsabilidade, embora o meu marido me ajude.” (pág.3). É claro o destaque que a narradora atribui à sobrecarga da mulher aquando do casamento; isto porque admite que muitas das tarefas que via a mãe executar, têm hoje de ser realizadas por ela, na sua casa: “acaba por ser uma responsabilidade maior p`ra mim. E, eu na casa dos meus pais, quem orientava era a minha mãe, (...). (...) Aqui, quem orienta tem que ser eu, é uma carga maior (...).” (pág.3). Advertindo, ainda, para a organização que deve existir por parte da mulher, enquanto doméstica, profissional e também enquanto mãe: “ (...) temos que ser organizados, porque trabalhamos e temos o trabalho, temos que ir às compras. (...) no tempo disponível tem que se arrumar, limpar, passar a ferro, e tem que se gerir muito melhor o tempo. (...).” (pág.3-4).

Sendo a organização uma prática adoptada pela narradora, é extremamente relevante perceber como é que a mesma procede ainda à gestão do dinheiro auferido pelo casal, tanto mais que ela inaugura uma nova etapa da trajectória identitária de Bety.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 2 (2010-2012): Gestão/Organização do dinheiro do casal

A necessidade de organização do quotidiano e da vida doméstica deste casal está muito presente no relato de Bety. De fato, quando conhecemos a forma como são geridos os

ordenados de ambos sabe-se, através da narradora que é feita uma gestão em conjunto dos recursos indiferenciados, “ (...) *os dois ordenados vão p`a uma conta. (...) vai tudo p`a mesma conta e, e vamos gerindo o orçamento dali.*” (pág.10). Segundo Bety, não existe por parte do casal qualquer divisão de valores, nem rigor quanto ao dinheiro ganho por um, ou por outro, no momento em que “cai” na conta, passa a ser dos dois e para os dois: “ (...) *não temos aquele procedimento de, tu pagas umas coisas, eu pago outras, há muitos casais que têm.*” (pág.10). A narradora reforça a ideia ao dizer que “ (...) *dali paga-se as contas mensais, paga-se o supermercado, e paga-se tudo (...). (...) é uma gestão em conjunto, se vai ele ao supermercado paga dali, se vou eu pago dali, as compras saem dali (...).*” (pág.10). Havendo ainda lugar para alguns gastos extra, considerados pela narradora como “miminhos” (pág.11), o casal estipula um valor mensal que cada um deles pode gastar em despesas pessoais, como nos clarifica a narradora: “ (...) *nós tínhamos um procedimento que era, cada um tirava um x para as despesas normais, p`aquelas despesas que nós gostamos, no meu caso, roupa, calçado, ele, coisas que ele gostasse.*” (pág.10).

O casamento associado a uma relação feliz entre o casal, deu lugar a um factor de mudança para ambos, a gravidez tão desejada e o nascimento de uma menina.

2.1.2. FACTOR DE MUDANÇA (2011): Gravidez e a vida de casada

Passado pouco mais de um ano após o casamento, Bety é mãe de uma menina, que nasce em Dezembro de 2011 (pág.3). No momento da entrevista, em Abril de 2012, a mesma encontra-se em casa de licença de maternidade a cuidar da sua bebe. Pelo seu discurso percebe-se que os seus dias se centram no cuidado da filha: “ (...) *a prioridade é ela.*” (pág.4). Como a própria afirma: “ (...) *as tarefas domésticas p`a terceiro, quarto plano, (...) faz-se quando se tem tempo, faz-se o indispensável (...).*” (pág.4). Mais uma vez nos adianta a narradora que a organização é fundamental e que a consegue também com a ajuda do marido: “ (...) *vou organizando como pode ser com a ajuda do meu marido (...). (...) Somos nós que fazemos tudo cá em casa, e portanto, vai-se organizando como se pode (...).*” (pág.4). Percebe-se, por isso, a partilha muito bem organizada por parte do casal, não só das tarefas domésticas, como no cuidado com a filha: “*Se é necessário aspirar a casa, ele aspira, pronto, ele participa (...). (...) há uma partilha, mesmo com o bebe ele ajuda bastante, é um pai preocupado e... ajuda muito, sem dúvida.*” (pág.5). Actualmente, não dispõe de tempos livres para cuidar de si, nem para estar sozinha. O fato de ter sido mãe recentemente leva-a a

dedicar-se em pleno à filha e, quando assim não é, aproveita para tratar da casa; daí que afirme que o único tempo disponível para si, é: “*sinceramente é quando `tou a tomar banho.*” (pág.7), pois, “ (*...*) *quando não estou com o bebe, se o meu marido `tá em casa e fica com ela, eu nesse tempo livre, vou aproveitar p`a dar um jeito à casa (...). Ou passar uma roupa a ferro, ou limpar qualquer coisa (...), arrumar, e então, eu acabo por ficar p`a quarto, quinto, sexto plano. E, é mesmo assim, e neste momento, p`ra mim, é só quando `tou a tomar banho, ou dormir.*” (pág.8). Ela própria reconhece que, neste momento, gere o seu tempo conforme a filha lhe permite, porque tudo é pensado em função da bebe (pág.8); e exemplifica com o facto de os locais públicos frequentados pelo casal, também já serem pensados em função da filha: “ (*...*) *procuro cafés que não se fume, não é verdade? Por causa dela.*” (pág.9). E é também a narradora que nos diz que, não obstante o tempo para cuidar de si, neste momento ser escasso, a maternidade é compensadora de todas essas exigências e alterações no estilo de vida, “*a alegria de ter a bebe compensa a falta de tempo p`ra mim.*” (pág.9). Será compreensível que, nesta fase se assista a alterações ao nível do **território sócio-identitário do estilo de vida**: a narradora teve de mudar os seus hábitos e rotinas em função desta fase da maternidade, como nos relatou tudo é pensado e planeado em função da bebe. O tempo que dispõe para tomar banho, é o único que considera ter só para si, pois com uma criança pequena ao seu cuidado é impossível conseguir tempo para estar sozinha. Mediante o seu relato, percebeu-se também que Bety gosta muito de trabalhar e como tal, está com muita vontade de voltar a sair de casa para trabalhar, por outras palavras, pretende rapidamente voltar ao seu ritmo diário e estilo de vida a que estava habituada.

3. AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

3.1. Mãe, Esposa, Doméstica e Profissional: a realização e a felicidade

Apesar de adorar esta fase da maternidade, de gostar muito de estar em casa com a sua filha, Bety já sente falta do seu ritmo de trabalho e estilo de vida diário, sente mesmo necessidade de sair de casa, “ (*...*) *eu `tou há quatro meses em casa, e adoro ser mãe, adoro `tar com a minha filha, mas já sinto falta de, de `tar no trabalho, de conversar com as minhas colegas de trabalho, de trabalhar em si e de ter aquela agitação.*” (pág.15). A narradora sublinha mesmo que prefere conciliar um trabalho fora de casa, a ter que ser doméstico a tempo inteiro, pois tal como explica: “ (*...*) *nós, temos o nosso trabalho, das*

nove às cinco, (...), vamos p`ra nossa casa e aquele trabalho `tá arrumado. A doméstica não, vive no trabalho, há sempre coisas p`a fazer (...), e não é fácil, sinceramente, não é fácil.” (pág.15). E, por isso, considera que prefere conciliar tudo, sente-se inclusive mais completa, admitindo que, *“se fosse só doméstica, não seria uma mulher realizada (...).”* (pág.15-16). Embora reconheça que caso fosse o único cenário da sua vida, seria feliz por estar em casa, por ser mãe. Bety expressa a vontade de ser mais do que doméstica, ao admitir claramente que *“ (...) não seria completamente, era feliz, mas não me sentia realizada se tivesse em casa, isso não me sentiria, (...).”* (pág.19). É uma jovem esposa e mãe que demonstra gostar muito de trabalhar, pois admite ter uma equipa de trabalho muito boa, *“tenho uma equipa de trabalho fantástica, onde me dou super bem e pronto, conseguimos trabalhar bem e, vou p`o trabalho com vontade de trabalhar que, é muito importante.”* (pág.19). É, sem dúvida, uma profissional que gosta daquilo que faz, pelo que assume claramente apresentar uma avaliação positiva da sua actividade profissional e do seu grupo de trabalho.

Portanto, Bety reconhece que não é fácil, ser mãe, esposa, doméstica e profissional fora de casa mas, mais uma vez, sublinha a importância da organização: *“ (...) com organização, sim concilia-se.”* (pág.16). Sendo ela psicóloga, na sua actual actividade profissional dispõe de um horário flexível, o que lhe permite uma melhor gestão, quer do tempo, quer das tarefas que tem para fazer. Com efeito, relata-nos ainda a diferença entre a sua semana e o seu fim-de-semana agora e, comparando com o tempo em que não era mãe. Antes de ter sido mãe, durante a semana fazia somente o indispensável em casa, *“ (...) basicamente é compras, comeres, e o indispensável de... aspirar, lavar umas casas de banho (...), (...) passar a ferro, lavar roupa.”* (pág.17). Enquanto, ao fim-de-semana, *“ (...) no sábado, normalmente, fazia as limpezas maiores e, ao domingo aproveitava sempre p`a, p`a descansar.”* (pág.17). No entanto, agora com a bebe, terá de repensar esta gestão e organização, na certeza de que, *“ (...), vai correr tudo bem.”* (pág.17). Ou, não fosse ela uma mulher que se considera realizada e feliz: *“ (...), sinto-me realizada, ser mãe, foi o... foi o topo dessa realização, dessa felicidade, sem dúvida nenhuma, posso me considerar uma pessoa feliz.”* (pág.21).

Neste sentido, e a partir da visão da narradora sobre as alterações do seu quotidiano aquando da maternidade, é de todo pertinente compreender como é que a mesma define a mulher Doméstica, como de seguida se poderá ler.

3.2. O que é ser Doméstica: Avaliação negativa

Quanto questionada sobre o que é ser doméstica, Bety revela uma avaliação negativa da actividade que define como sendo um trabalho: “*ser doméstica é o pior trabalho que existe, na minha opinião. Porque, nunca se dá feito, há sempre trabalho por fazer.*” (pág.12). O discurso caracteriza de forma clara a opinião da narradora e reforça, ainda mais, a sua ideia de não querer ser doméstica em exclusivo, e preferir conciliar a dupla tarefa.

Conhecida a definição pessoal é importante perceber qual a opinião da Sociedade em geral, quando falamos do trabalho realizado pela mulher Doméstica.

3.3. O que é ser Doméstica segundo a Sociedade em Geral?

Para além da sua avaliação negativa, Bety também acrescenta que a sociedade não valoriza o trabalho desenvolvido pela mulher doméstica: “*não têm noção, uns pensam que, ser doméstica é não fazer nada. (...) não se tem a noção de, `tar em casa, tratar dos filhos e da casa, do trabalho que dá. Eu acho que as pessoas de fora, acabam por não ter noção da, da realidade, só quem passa mesmo é que tem. (...) o trabalho doméstico não é, nem metade do que deveria ser valorizado.*” (pág.12). Ao expressar-se acerca da opinião da sociedade em geral, o discurso é igualmente negativo; esta coerência de argumentos demonstra-nos que de facto, para Bety, a desvalorização do trabalho doméstico existe e que ainda está longe de alcançar-se algum reconhecimento.

3.4. A felicidade e a realização são possíveis, quando associadas à Dupla Tarefa

A síntese conclusiva deste relato e da trajectória de vida de Bety, traduz-se na concretização de um conjunto de objectivos que, à medida que foram sendo planeados, puderam ser efectivados em simultâneo. Falamos, por exemplo, no curso superior que realizou, na sua entrada no mercado de trabalho, sem nunca ter ficado desempregada, de posteriormente ter casado e, neste momento, de se sentir uma mulher feliz e realizada, pois acabou de ser mãe e sente que esse era o ponto máximo da sua felicidade. Ou, reformulando o discurso da narradora, considerando o ponto quase máximo, visto ser Bety a valorizar a

dupla tarefa e a admitir que a sua realização da sua capacidade de conciliação de uma actividade laboral fora de casa com as tarefas associadas à casa.

Este é um caso em que se assiste claramente à reprodução do modelo familiar no qual viveu, e é a própria quem o admite: “ (...) *acabo por reproduzir o modelo que vi, p`ra mim, na minha opinião foi uma modelo bom e que, acabo por tentar, acho que inconscientemente, estes modelos que nos passam, nós acabamos por fazê-los sem, sem nos apercebermos.*” (pág.11). No caso concreto, toda a gestão doméstica (tarefas, tempos, espaços, recursos-ordenados), a narradora reproduz muito do que viu em casa dos pais e acrescenta que o marido também partilha do mesmo modelo, “ (...), *se calhar se eu visse os meus pais gastarem cem, terem cem, gastarem cem, ou pedirem empréstimos p`a tudo e mais alguma, se calhar teria esse hábito e achava perfeitamente normal, e iria fazê-lo. (...) Mas eu não, e ele também, por acaso na casa dele nunca viu isso. Hum, e então nesse sentido, tamos de comum acordo.*” (pág.11). Portanto, a educação transmitida pelos pais é também algo que a narradora preserva muito e, neste contexto de reprodução, salientar que o pai sempre ajudou na execução das tarefas domésticas em casa: “ (...), *em casa já via isso, já via uma partilha de tarefas. O meu pai sempre foi uma pessoa muito... que ajudava sempre muito a minha mãe.*” (pág.6). O que no seu caso, enquanto esposa também acontece, existe uma partilha por parte do casal: “ (...), *ele colabora, às vezes nós refilamos por assim dizer, porque achamos sempre que é pouco, que nos ajudam pouco, mas é bastante, não, nisso... se é preciso umas compras ele vai fazer, não tem problema nenhum, um jantar ele faz, um almoço. (...) E, sim e colabora muito, nessas situações e em todas as outras, sim, sem dúvida.*” (pág.6).

Neste momento da sua vida, em que foi mãe recentemente, está muito feliz apesar de ter reconhecido que, ultimamente não tem tempo, nem para cuidar de si, nem para estar sozinha: mais adianta como se sublinha, que, o único tempo que dispõe para si cinge-se a, tempo para tomar banho: “*sinceramente é quando `tou a tomar banho.*” (pág.7). Neste sentido, é pertinente reflectir sobre a seguinte componente do seu discurso: “*o meu marido até me diz: - tanto tempo que levas a tomar banho.*” (pág.7). Repare-se no comentário do marido: sendo este o único momento que a narradora usufrui sozinha e acaba por aproveitá-lo por mais alguns minutos, no entanto, o marido não deixa de a questionar. Segundo a mesma: “*é o único momento que eu tenho só p`ra mim (risos). `Tou me a rir, mas é verdade, neste momento é.*” (pág.7). Ao analisar este discurso, é claro o questionamento do marido, em torno das questões do corpo, para o mesmo, é incompreensível que a esposa possa demorar

muito tempo no banho, até porque, o que estará a fazer tanto tempo sozinha na casa de banho!? Ora, esta questão permite também perceber que, o tempo para si, é fundamental, e claro está, para esta mulher que foi mãe tão recentemente, a casa de banho e o momento do banho, são momentos que gosta de aproveitar, porque são os únicos de que dispõem verdadeiramente para si.

Não obstante, Bety tem a noção de que esta é uma fase passageira e diz-nos que se sente muito feliz e realizada. Podemos tomar o caso como um exemplo de quem ao longo da vida foi conquistando os seus sonhos, trabalhou para concretizar os seus objectivos e, hoje, se define como uma mulher feliz e realizada, mas só afirma, na certeza de que, tornar-se doméstica em exclusivo seria sempre uma hipótese de último recurso. Bety exemplifica a vivência das mulheres que só se sentem completas se puderem conciliar a actividade profissional, com o serem domésticas, mães e esposas. Como ela afirma, “ (...), *não seria completamente, era feliz, mas não me sentia realizada se tivesse sempre em casa, isso não me sentiria, mas...*” (pág.19). Acrescenta ainda, “(...), *sinto-me realizada, ser mãe, foi o... foi o pico dessa realização, dessa felicidade, sem dúvida nenhuma, posso me considerar uma pessoa feliz.*” (pág.21)

APÊNDICE F: Análise Descritiva do Relato da Narradora O.

1. APRESENTAÇÃO DE O.

O. nasceu em 1976 na Cidade de Moura, que conta hoje com 36 anos de idade.

A presente trajectória de vida assenta em dois momentos principais: o Momento 1 que retrata a infância da narradora e o Momento 2, quando a jovem decide partilhar casa com o seu companheiro. Este é o relato de uma jovem que se tornou doméstica devido à sua situação de desemprego.

2. ANÁLISE DA TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA: 2 Momentos Marcantes

2.2. MOMENTO 1 (1976): A criança, filha e irmã.

Através do relato de O. sabe-se que a mesma nasceu em Moura, que por lá passou a sua infância junto dos seus pais e de duas irmãs mais novas.

2.2.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1976-1994): Desde o nascimento, infância até aos 18 anos de idade: vida familiar e escolar.

O. é uma jovem alentejana que descreve a sua infância como tendo sido boa (pág.1), referindo, inclusive que, passou toda a sua infância nesta mesma cidade: “ (...) *a minha infância foi passada aqui em Moura (...) nasci aqui, fui criada aqui (...).*” (pág.1).

Quanto à família, a jovem diz-nos que tem duas irmãs mais novas (pág.1). Lembra-se a narradora de ter começado a colaborar na realização das tarefas domésticas em casa quando tinha entre treze ou catorze anos de idade (pág.9), remetendo aos anos de 1989/1990. E diz-nos que os pais sempre a incentivaram a ela e às suas irmãs para a importância da realização das tarefas domésticas, estipulando um dia para as responsabilizar (pág.9), como a própria nos adianta: “ (...) *lembro-me que era sempre aos fins-de-semana, era sempre ao sábado. (...) Tínhamos que limpar o nosso quarto, de fazer a cama, de limpar o pó, o nosso quarto `tava entregue a nós.*” (pág. 9). E, como relata, à medida que foi crescendo as tarefas foram aumentando, tornando-se, tanto ela como as irmãs, responsáveis por algumas divisões da casa, “ (...) *com o passar do tempo, já era, já tínhamos uma divisão só por nossa conta, uma ficava com um quarto, outra limpava uma salinha mais pequena.*” (pág.9). Diz-nos mesmo O. que, a educação dos pais sempre foi pensada no sentido da responsabilização e importância da realização das tarefas em casa: “ (...) *houve sempre aquela necessidade de, de nos fazerem perceber (...) de nos ensinarem que, são coisas que têm que começar a ser feitas, logo desde pequenas, porque vai ser uma coisa que vai ser útil no, no futuro (...).*” (pág.9). Não deixa de ser curioso o discurso de O., quando reconhece o quão importante foi o papel dos seus pais no incentivo à aprendizagem e realização das tarefas domésticas, reforçando a sua ideia ao afirmar: “ (...) *cabe aos pais esse papel de nos preparar para o futuro e p`a sermos boas donas de casa, e boas mães, eu acho que é muito importante. No meu caso foi muito importante e, sou muito agradecida aos meus pais (...).*” (pág.13). Chega mesmo a ser paradoxal, para uma jovem que diz nunca ter sequer ponderado ser doméstica, que só o é porque não tem trabalho.

Ainda no contexto familiar, sabe-se que o pai de O. sempre ajudou e colaborou nas tarefas de casa, como nos refere: “ (...) *em casa dos meus pais, eu sempre vi o meu pai e a*

minha mãe a fazer e, ainda hoje, o meu pai participa muito nas tarefas domésticas.” (pág.13). Portanto, O. assistiu sempre em casa à partilha das tarefas por todos, sendo inclusive ela e as irmãs, incentivadas a colaborar mais não fosse um dia por semana. De facto, a avaliação feita pela jovem, relativamente à partilha das tarefas domésticas é positiva, pois o seu pai sempre foi um homem disponível a colaborar, tal como refere: “ (...) *é uma coisa que eu me lembro desde sempre. (...) sempre teve iniciativa e vai ele fazer, não precisa que ninguém lhe diga e, às vezes, chega a fazer muito mais que a minha mãe.*” (pág.13).

É positiva a avaliação que O. faz do seu percurso escolar, ao reconhecer que mesmo não tendo sido uma aluna brilhante, nunca reprovou de ano até concluir o ensino secundário: “ (...) *sempre fui uma aluna razoável, nem muito boa, nem muito má. (...) nunca repeti nenhum ano.*” (pág.2). Foi em 1994 que a jovem concluiu o ensino secundário (pág.1); posteriormente, concorreu à universidade mas, tal como refere: “ (...) *candidatei-me ao ensino superior, não consegui entrar no curso que pretendia (...).*” (pág.2). Segundo o relato da jovem, ainda tentou o seu ingresso durante dois anos, mas ambas as tentativas sem sucesso (pág.21). O. reconhece que talvez o seu esforço não tenha sido suficiente, deveria ter tentado “*com mais vontade.*” (pág.20). Isto porque, de alguma forma sente-se em desvantagem perante as suas duas irmãs, visto que as mesmas não desistiram, “ (...) *baixei os braços demasiado cedo, porque depois tenho as minhas duas irmãs que são formadas (...) sinto que fiquei um bocadinho p`ra trás (...).*” (pág.20). Para além disso, por via do seu relato a jovem diz-nos que “*era qualquer coisa que os meus pais tinham gosto em fazer, tal como fizeram por elas as duas, tê-lo feito por mim (...)*” (pág.20-21); pode, por isso, entender-se esta tristeza por não ter conseguido entrar na universidade mediante duas razões: i) entrar na universidade era uma realização pessoal, que hoje reconhece lhe traria mais regalias a nível profissional, “ (...) *tenho pena de, de não ter entrado, não ter estudado, principalmente, porque a minha vida agora seria completamente diferente.*” (pág.21); ii) para além de, ao nível pessoal reconhecer que este era um desejo dos seus pais.

Caracterizada a infância da narradora, conhecida a sua vida familiar enquanto vivia com os pais e irmãs, e também o seu percurso escolar, ainda que feito de alguns percalços por não ter conseguido ingressar na universidade, passamos à etapa seguinte que nos dá conta do modo como a jovem conseguiu ultrapassar tal limitação, dando entrada no mercado de trabalho.

2.2.2. ETAPA 2 do Momento 1 (1996-1997): Formação e Entrada no Mercado de Trabalho

Apesar de não ter conseguido ingressar na universidade, O. não deixou de investir na sua formação, e rapidamente começou a frequentar um curso tecnológico de informática (pág.2), que deu por terminado em 1996 quando entra no mercado de trabalho. O facto de ter realizado o curso de informática, foi uma mais valia para a sua inserção profissional conseguindo, sem dificuldade, trabalho nessa mesma área, como afirma a própria: “ (...) *comecei então (...) a minha carreira profissional (...) derivado ao facto de ter tirado o curso, tive algumas oportunidades de trabalho. Trabalhei na área da informática (...).*” (pág.2). Como nos diz a narradora, “ (...) *quando entramos no mercado de trabalho, depois já fica mais fácil.*” (pág.2). Ou seja, ao conseguir-se o primeiro emprego, a narradora considera que a facilidade em ascender ao seguinte é mais facilitada; na verdade, em 1997 a narradora começa a trabalhar numa associação de desenvolvimento em Moura (pág.2). Para O. os sete anos passados a trabalhar nesta mesma associação foram muito enriquecedores (pág.3), sendo a própria a avaliar positivamente a experiência profissional que adquiriu ao longo deste período (pág.3). No entanto, para uma jovem com aspirações de progresso na carreira, era chegada a hora de adquirir novas experiências, como nos relata: “ (...) *ao fim destes sete anos (...) com o tempo mais reduzido, e redução de salário e eu aí passei a ver que já não me interessava, não havia progressão (...).*” (pág.3). Porque O. sentia que o seu trabalho não estava a ser reconhecido, despediu-se: “*uma pessoa trabalhar e se calhar ganhar um bocadinho mais, ou chegar a um cargo diferente (...) então resolvi ir-me embora (...).*” (pág.3).

Nesta sequência, como jovem que era, com muitos sonhos por alcançar, O. optou por deixar a sua cidade de residência e ir trabalhar no Algarve, onde encontra emprego, registando-se mais uma mudança na sua vida, como se pode compreender no ponto que se segue.

2.2.2.1. FACTOR DE MUDANÇA (2005-2008): Instabilidade Laboral e da Vida entre Algarve e Moura

Desta feita, em 2005 O. apresenta o seu despedimento e resolve mudar de cidade, “ (...) *deixei a associação e foi quando fui p`o Algarve, trabalhar (...).*” (pág.3). Ainda no contexto desta decisão, percebe-se segundo o discurso da narradora que, estando a mesma no Algarve não houve qualquer dificuldade em conseguir uma colocação profissional, menos ainda, em gostar daquilo que iria desenvolver, como nos indica: “ (...) *trabalhei lá durante três anos (...) foi a experiência profissional da qual eu mais gostei, de, com a qual eu mais me identifiquei.*” (pág.3). Apesar de ter sido uma experiência profissional muito positiva para a jovem, o tempo em que esteve empregada não passou dos três anos e, em 2008, esclarece-nos: “ (...) *fizeram-me uma proposta p`a eu sair de lá, ou seja, fui despedida, pronto. (...)*” (pág.3). A jovem diz não ter percebido qual o motivo do seu despedimento, pois considera ainda hoje que, “ (...) *`tava a fazer um bom trabalho (...).*” (pág.4).

Após ter sido despedida, O. Decide regressar à cidade de Moura onde residia desde sempre, então, ainda no mesmo ano de 2008 deixa o Algarve, na altura não reflectindo muito sobre a sua opção, convicta de que essa era a decisão mais acertada, e volta para Moura. Desta fase da sua vida, não obstante, hoje, a sua opinião diverge: “ (...) *vim muito chateada e tomei a opção (...) voltar p`ra cá, e hoje em dia tenho consciência de que foi uma má opção. Deveria ter continuado lá, porque independentemente de eu ter ficado sem trabalho, mas eu vim p`ra cá e a situação foi a mesma.*” (pág.4). No presente, a narradora considera que lá as oportunidades certamente seriam maiores (pág.4). Nessa época, de volta a casa, desempregada e sem qualquer perspectiva de emprego, O. inscreve-se no centro de emprego para poder receber o subsídio de desemprego do qual tinha direito (pág.4), passado pouco tempo consegue colocação profissional, e segundo a mesma: “ (...) *fui chamada p`ra vir trabalhar p`ra câmara, aqui p`ra câmara de Moura.*” (pág.4). Rapidamente altera a sua condição perante o trabalho e passa a empregada (pág.4); no entanto, a proposta que recebeu não era o que O. pretendia, por se limitar a um curto espaço de tempo (pág.5), “ (...) *aquilo eram os antigos POC`s do centro de emprego (...) seria com tempo limitado (...) comecei a trabalhar em Abril, seria até ao final do ano.*” (pág.5). Passados quatro meses ao serviço da câmara, ainda no ano de 2008, mas no mês de Agosto conforme nos relatou, O. apresenta a sua demissão porque decidiu acompanhar o seu namorado para Alverca/ Vila Franca, dado que este havia recebido uma proposta de trabalho por um limite de tempo superior ao seu (pág.5).

Neste 1.º Momento podemos ainda registar alguns dos Territórios Sócio-Identitários que se foram alterando, nomeadamente: **o familiar** alterou-se quando O. decidiu mudar-se para o Algarve a fim de conseguir melhores condições laborais; **o geográfico/habitacional** sofreu alterações, pois a narradora teve de sair da sua cidade, a quando da sua ida para o Algarve para trabalhar. **o laboral** também se modificou no sentido em que O. já teve várias experiências profissionais que, muito embora tenham sido em áreas profissionais muito distintas, a obrigaram a uma adaptação quer a espaços, quer a pessoas; **o escolar** alterou-se porque até ao 12.º ano O. concluiu sempre de forma positiva a sua aprendizagem e, a partir desse momento teve de ultrapassar a decepção de não ter conseguido ingressar no ensino superior.

A sua ida para Vila Franca de Xira vem, assim, dar lugar ao Momento 2 da sua trajectória de vida, pois é quando inicia a sua vida junto do seu companheiro, como podemos perceber na continuidade da nossa análise.

2.3. MOMENTO 2 (2008-2012): Despedimento e União de Fato

O 2.º Momento dá-nos conta da opção de O., de apresentar o seu despedimento devido a uma proposta de emprego do seu companheiro, desta feita, foi para Vila Franca de Xira viver (Etapa 1 do Momento 2). Assim, é em 2008 que a narradora passa a viver em União de Fato, registando ainda a sua primeira gravidez.

2.3.1. ETAPA 1 do Momento 2 (2008): Ida para Vila Franca de Xira e partilha da casa com o companheiro – União de Facto

Como aquela proposta de trabalho, feita ao namorado de O. implicava uma deslocação geográfica por um determinado espaço de tempo, aquele só aceitaria a colocação profissional se ela o acompanhasse, como de resto nos afirma: “ (...) *ele `tava disposto a aceitar, mas no caso de eu ir com ele.*” (pág.5). A jovem ia na certeza de que em Vila Franca as oportunidades de emprego fossem mais favoráveis; no entanto, a avaliação que faz aos próprios serviços do centro de emprego não são de todo positivos, pelo contrário, como nos descreve O., “ (...) *o centro de emprego lá, `tava sempre a rebentar pelas costuras, sempre. Há muita oferta mas são trabalhos, ou de substituições, ou de férias (...) tudo, três, quatro meses de trabalho (...) não ia além disso.*” (pág.6). Ao despedir-se e seguindo com o seu namorado para Vila Franca, a jovem pensava que arranjar trabalho seria uma tarefa fácil.

Mas, não foi isso que aconteceu: “ (...) *foi muito difícil de conseguir trabalho, ainda fui a duas ou três entrevistas, mas não (...) não trabalhei (...) enquanto estive lá (...).*” (pág.6). Com efeito, não só foram desfavoráveis as propostas de emprego, como o próprio contrato do namorado de O. não foi renovado passado um ano de serviço (pág.6). O ano de 2008 foi de facto um ano de grandes mudanças para a narradora: i) por um lado, foi neste mesmo ano e aquando da sua ida para Vila Franca de Xira que decide partilhar casa com o companheiro, “ (...) *foi aí que nós começámos a viver juntos.*” (pág.22); ii) por outro, foi também a partir deste momento que a jovem ficou desempregada e sublinhar nunca mais conseguiu qualquer garantia de empregabilidade, “ (...) *realmente daí, desde essa altura p`ra cá tem sido um custo, um impasse (...).*” (pág.22).

Devido ao desemprego do casal, viver em Vila Franca de Xira passava a ser muito dispendioso, então optam ambos por regressar a Moura, tendo ainda relatado O. que, quando regressou a Moura já estava grávida, como de resto se compreende de seguida.

2.3.1.1. FACTOR DE MUDANÇA (2009): Gravidez e Regresso a Moura

Desta feita, o desemprego do casal, foi motivo para que decidissem regressar a Moura, isto já no ano de 2009 (pág.6), como nos diz a narradora: “ (...) *voltámos p`ra Moura. (...) `távamos os dois desempregados (...).*” (pág.7). Mediante o seu relato, sabe-se que o regresso não foi fácil, até porque encontravam-se ambos desempregados (pág.7). No entanto, segundo O. o apoio familiar foi crucial, pois os pais do casal prontificaram-se a ajudá-los, como de resto nos diz a própria: “ (...) *ambos temos cá os pais (...) e temos esse apoio.*” (pág.7). O apoio foi fundamental, na medida em que rapidamente conseguiram uma casa cedida pelos pais da narradora, podendo dar continuidade à sua vida de casal, “ (...) *a casa onde nós estamos, a casa é dos meus pais, que nos emprestaram a casa, que não nos cobram renda (...) é uma enorme ajuda (...).*” (pág.7). De facto, este foi um ano marcante para o casal, pois, enquanto estiveram a viver em Vila Franca, O. ficou grávida e, tal como refere, quando regressou a Moura, “ (...) *`tava praticamente no final da, da gravidez.*” (pág.7).

2.3.2. ETAPA 2 do Momento 2 (2009-2012): No regresso a Moura: Tornar-se Doméstica devido ao desemprego

Tal como nos relata, O. tornou-se doméstica em 2009, devido à sua situação de desemprego (pág.6), no entanto, sublinha que vir a ser doméstica, era uma decisão que não fazia parte dos seus planos, como de resto constatamos pelo seu discurso: “ (...) *jamaís, jamaís, jamaís, `tava completamente a anos luz de...*” (pág.10). De facto, o desemprego sistemático foi o que levou O. a tornar-se doméstica, pois é a própria quem admite que, ao regressar a Moura, vinda de Vila Franca, “ (...) *nunca mais consegui trabalho (...).*” (pág.7). Apesar da sua constante procura, O. sente que o facto de ter sido mãe e ter uma criança pequena ao seu cuidado é motivo para que não a contratem (pág.8), pelo menos, é essa a leitura que faz sobre todas as entrevistas a que foi convocada, aquando da maternidade em 2010. Tal como afirma a mesma, a situação económica do casal tem-se mantido estabilizada porque o seu companheiro conseguiu colocação profissional em 2011; caso contrário, a hipótese de emigrar poderia ser uma alternativa para este casal (pág.8).

2.3.3. ETAPA 3 do Momento 2 (2012): Gestão/Organização da casa e do orçamento

Quanto à gestão dos rendimentos do casal, sabe-se através da narradora que as contas são divididas pelo casal (pág.27); para além disso, e como não pagam renda de casa, as despesas de supermercado são alternadas, ou seja, “ (...) *uma vez pago eu (...) a próxima paga ele (...)*” (pág.27). Percebe-se, pois, que o casal realiza uma gestão em conjunto o que faz com que não olhem muito aos valores (pág.27); ou seja, apesar de dividirem todas as contas (pág.28), não restringem os valores gastos por cada membro do casal (pág.27).

Apresentado o Momento 2 da trajectória identitária de O., devem ter-se em conta alguns dos Territórios Sócio-Identitários que foram sofrendo alterações: **o familiar**, alterou-se também quando a jovem foi para Vila Franca de Xira viver e acompanhar o namorado e, quando do seu regresso novamente para Moura, porque contou com o apoio dos seus pais; **o geográfico/habitacional** modificou-se com a ida de O. para Vila Franca de Xira, sendo crucial a sua adaptação a novos locais; **o laboral**, sofreu alterações, pois a partir do momento em que a narradora foi para Vila Franca de Xira, nunca mais conseguiu trabalho, passando a desempregada; **o das sociabilidades**, um território afetado aquando da sua gravidez, devido aos hábitos que teve de alterar, ao tempo para cuidar de si, que passou a ser reduzido, bem como ao nível dos espaços públicos que deixou de frequentar e das pessoas com quem deixou de conviver com tanta frequência.

3. AUTO AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

3.1. A vida de casada: mãe e esposa confinada a ser Doméstica

A adaptação à vida de casada é encarada por O. como positiva, considera a narradora que as alterações não foram muito significativas, a não ser o facto de ter de cozinhar todos os dias, “ (...) *não foi uma coisa que, que me custasse, foi... era natural. (...) a única coisa que, que passou a ser diferente (...) que eu não fazia com tanta regularidade, era ter que cozinhar.*” (pág.24). Essa passou a ser uma rotina diária da qual a jovem não estava habituada, e que se alterou após a decisão de viver com o companheiro, como exemplifica: “ *todos os dias (...) almoço e jantar e pensar e entrar naquela rotina, porque quando `tava no Algarve se não me apetecia fazer, não fazia, comia qualquer coisa, comia umas torradas (...) aqui não, (...) implica outra pessoa (...) `tá a trabalhar fora e que não fica satisfeito com umas torradas (...).*” (pág.24). Para a narradora, o que de facto se alterou no seu quotidiano foi, sobretudo, ter de cozinhar e planificar as refeições todos os dias: “ *ter de fazer uma comida (...) isso é que mais (...) diferença fez no meio disto tudo (...) às vezes aborrece ter que `tar a pensar o que é que faço p`o almoço ou p`o jantar, mas faz parte da rotina (...).*” (pág.24). Muito embora, seja a mesma a admitir que, com o tempo essa planificação torna-se mais fácil, como as tarefas são muito repetidas, O. considera que, “ *tem que haver alguma preparação (...) algum planeamento da, daquilo que tem que ser feito (...) já `tá uma coisa tão mecanizada.*” (pág.25). Neste sentido, é claro o discurso de O. ao referir que os seus dias são demasiado repetitivos e que se tornam muito cansativos, “ (...) *é uma rotina mesmo (...) às vezes cansa a mente, mais a mente do que, do que propriamente o corpo. (...) acaba por ser sempre a mesma coisa (...).*” (pág.26). Segundo O. o mais pesado é, sobretudo, esse cansaço psicológico, daí que a mesma entenda que é mais vantajoso a mulher conciliar uma actividade laboral fora de casa, porque assim convive com outras pessoas, não estando, como é o seu caso, cingida à casa, como nos esclarece: “ (...) *o facto de sair de conviver com outras pessoas e não estar sempre em casa (...).*” (pág.26).

Ao falar sobre o seu companheiro, a jovem dá-nos conta de que existe partilha das tarefas domésticas entre o casal; não obstante admitir que tem de ser ela a solicitar a ajuda ao seu companheiro, também não esconde que este não tem iniciativa, como evidenciam as seguintes palavras da narradora: “ (...) *ele ajuda, mas só se eu pedir (...) só que eu acho que*

nós não temos que pedir (...) acho que isso era uma coisa que devia `tar naturalmente inculcada tanto num homem, como numa mulher.” (pág.11).

Repare-se na consciência de O. ao falar na igualdade de deveria existir quer para homens, quer para mulheres, de ambos realizarem as tarefas domésticas, sem qualquer condição de género associada. Neste sentido, é de todo pertinente perceber como é que O. define a mulher Doméstica.

3.2. O que é ser Doméstica

Ao reflectir sobre o trabalho da mulher doméstica, O. considera que as domésticas são, sem dúvida, grandes mulheres: “ (...) *nós somos umas super mulheres, todas, eu acho que todas (...).*” (pág.11).

Ao falar-nos sobre a avaliação que a família atribui ao trabalho da mulher doméstica, O. considera que no seu caso, a sua família sempre o avaliou positivamente. Ao entender que é uma aprendizagem crucial a qualquer pessoa, mais nos adianta: “ (...) *sempre viram como uma parte importante da nossa vida e uma coisa que tem que ser feito e p`a qual nós devemos estar preparados.*” (pág.17). Para O. os pais entendem a responsabilização pela realização das tarefas domésticas como algo fundamental, assim sendo: “ (...) *se não sentissem que era importante (...) não nos tinham incentivado, nem nos posto a fazer as coisas desde pequenas e nos responsabilizar pelas nossas coisas (...) coisas que nós sujamos e temos que manter limpas e em condições. (...) Portanto, eu acho que valorizam, valorizam muito.*” (pág.17).

Para O. ser doméstica é: “ (...) *tentar gerir o melhor que se sabe e que se pode, tudo o que se confina com a nossa casa (...) com o espaço onde nós vivemos. Tentar tornar a nossa casa o mais acolhedora possível.*” (pág.28). Mediante o seu discurso, entende-se claramente que, para a narradora, definir doméstica está inteiramente associado a alguém que pretende fazer da sua casa o espaço mais acolhedor e agradável possível, diz-nos mesmo: “ (...) *ter uma casa funcional (...) que tenha tudo (...) o que seja necessário p`o bem-estar de quem cá vive (...) p`ra poder receber outras pessoas em casa (...) tentar fazer o melhor que nós sabemos (...) saber gerir o nosso espaço, p`ra viver pelo melhor.*” (pág.28). De facto, o cuidado com a casa e a organização são essenciais para O., esta considera mesmo que, independentemente do tempo em que nos encontremos, passado, presente ou futuro, ser

doméstica estará sempre associado a fazer e tratar a nossa casa, da melhor forma que conseguirmos (pág.28-29).

Compreendida a opinião de O. sobre o que é ser Doméstica, de seguida é apresentada a opinião da sociedade em geral.

3.3. O que é ser Doméstica segundo a sociedade em geral?

Quanto à avaliação feita pela sociedade, O. considera que a sociedade não valoriza as tarefas realizadas pela mulher doméstica, é que se, por um lado, a narradora entende o trabalho doméstico como uma profissão, por outro, diz-nos que, por parte da sociedade, não existe reconhecimento: “ (...) *nã sei até que ponto é que a sociedade valoriza as, as tarefas domésticas como um verdadeiro trabalho, porque é um trabalho (...) embora seja p`a dentro da nossa casa (...) a maior parte das pessoas não o vê (...) mas tem que ser feito.*” (pág. 18). É ainda mais claro o seu discurso ao afirmar: “ (...) *a sociedade ainda não, não valoriza o suficiente, o trabalho que, que faz em casa qualquer mulher, porque ao fim ao cabo, todas as mulheres fazem.*” (pág.18). Ora, a narradora dá-nos conta de uma avaliação negativa por parte da sociedade. A bem ver, segundo a mesma, a opinião comum sobre o trabalho realizado pela mulher doméstica diariamente ainda é, nos dias de hoje, muito desvalorizado. Para a jovem, a sociedade não analisa o trabalho doméstico como um trabalho e uma profissão, ao contrário dela que o considera como tal (pág.18). Tendo em conta uma perspectiva futura, O. acredita que a leitura dos jovens relativamente ao trabalho doméstico se pode alterar positivamente, não obstante ter noção do grau de dificuldade, como de resto nos esclarece: “ (...) *acho que é muito difícil que isso aconteça, mas eu espero que, que sim, espero que seja mais valorizado. (...) que os miúdos de agora (...) vejam isso como realmente um trabalho que, que tem que se ter e tem que ser feito e bem feito.*” (pág.19). No entanto, a narradora reforça o seu discurso dizendo que é necessário consciencializar os jovens e educá-los para que valorizem e saibam fazer as tarefas de casa, como refere: “ (...) *tem muito a ver com a educação e o que se vê em casa. (...) um menino em casa vê que o pai (...) não faz nada e que não ajuda, acho que é capaz de entender que assim é que deve ser (...) as crianças imitam os pais.*” (pág.19). Isto porque, as crianças no futuro reproduzirão a educação que lhes foi entregue, como tal, se em casa dos pais tiverem assistido à partilha das tarefas, certamente as partilharão também.

APÊNDICE G: Análise Descritiva do Relato da Narradora Natércia

1. APRESENTAÇÃO DE NATÉRCIA

Natércia é alentejana, nascida em 1960, mais precisamente na Amareleja, por isso, no presente ano tem 52 anos de idade.

A sua trajetória de vida pode ser analisada mediante três momentos de extrema relevância: o Momento 1 que abrange toda a sua infância e juventude; o Momento 2 que marca a passagem para o seu casamento e maternidade e o Momento 3 que retrata alguma insatisfação ou descontentamento com a vida de casa e a condição de desempregada. A história de uma mulher que, sem qualquer dúvida no seu discurso prefere conciliar a dupla tarefa, ao invés de estar em casa e sentir que o seu trabalho diário não é valorizado.

2. ANÁLISE DA TRAJECTÓRIA IDENTITÁRIA: 3 momentos marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1960-1981): A criança, filha única.

Segundo o relato de Natércia sabe-se que, é filha única; como tal, sempre viveu com os seus pais, sem ter irmãos para lhe fazer companhia até aos seus vinte anos de idade, aquando do seu casamento (pág.1).

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1960-1971): Nascimento, infância e percurso escolar.

Ao falar sobre a sua infância, Natércia descreve-a como tendo sido “*uma infância feliz*” (pág.1). É com muito carinho que a narradora fala dos pais: “ (...) *o meu pai muito brincalhão (...) um bom pai, uma boa mãe, nã tenho nada que dizer. Muito bons, e p`os netos, adoram os netos. (...) foi sempre assim, com muito carinho (...).*” (pág.9).

Ao falar do seu percurso escolar, a narradora diz-nos que deixou a escola aos onze anos (pág.1), concluindo apenas a quarta classe (pág.10), visto ser o obrigatório (pág.1). Através do seu discurso percebe-se ainda que, a razão da sua desistência não esteve relacionada com dificuldades económicas dos pais, mas sim, devido à escassez de maíos de

transporte, mais nos adianta, *“não continuei, porque os meus pais `tavam no campo, não havia possibilidades de transportes, `tava longe (...).”* (pág.1).

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (1971-1974): Realização das tarefas domésticas e início do namoro

Tal como nos relata, foi em 1971 que deixou a escola e desta feita, começou a participar nas tarefas domésticas: *“ (...) comecei logo a ajudar os meus pais em casa (...).”* (pág.1). Natércia diz-nos que ajudava a mãe nos trabalhos domésticos, desde a alimentação (pág.15), até a limpeza, colaborava em qualquer que fosse a tarefa: *“ (...) ajudava a minha mãe a fazer a refeição (...) a alimentação, a limpeza de casa, a lavar que se lavava à mão, estendia, passava a ferro (...).”* (pág.2).

Mediante o seu relato, percebe-se também que em 1974 Natércia começou o namoro com o seu marido pois, tal como refere: *“ namorei seis anos e tal.”* (pág.25). Um namoro marcado pelo controlo dos pais – *“ (...) ele ia lá a casa, mas a minha mãe `tava lá ao pé de mim, a minha mãe e o meu pai (...).”* (pág.25) – como de resto, era frequente nessa época.

A narradora fez-nos ainda saber que, na sua juventude os seus tempos livres eram passados a bordar e a costurar, um ensinamento que aprendeu com sua mãe e que, lhe permitiria costurar a sua própria roupa (pág.5-6) e, para além disso, foi ela própria quem bordou o seu enxoval, do mesmo modo que, bordava ainda peças que vendia (pág.6), como afirma: *“ fiz sempre os meus naperons, as minhas colchas de renda, as minhas toalhas, fazia p`ra fora, ganhava alguma coisinha.”* (pág.6). Apesar de ter sempre muito que fazer, Natércia também ia aos bailes (pág.25) e festas da sua terra, sempre acompanhada de sua mãe: *“ (...) havia bai les, tamêm gostava d`ir (...) com as minhas amigas (...) era só nas festas, carnaval, páscoa, a Santa Maria que é a festa de lá (...).”* (pág.6). Ao recordar-se da sua juventude, dá-nos conta da mudança que considera ter vindo a desenvolver-se até hoje ao nível das saídas dos jovens: *“ (...) hoje há mais liberdade (...) naquele tempo, por exemplo, tinha que pedir aos meus pais, se eles me deixavam ir e ao princípio eu ia, mas a minha mãe também ia aos bailes comigo (...) agora é tudo diferente, eu nunca fui com a minha filha a um baile (...).”* (pág.7). Outra mudança assinalada pela narradora diz respeito às férias, pois tal como refere: *“ (...) antigamente (...) nunca tínhamos férias (...) hoje, já há férias, (...)*

vamos à praia (...) enquanto fui moça nunca fui à praia (...) depois de casada e já com os dois filhos é que comecei a ir à praia.” (pág.8).

Na transição do Momento 1, para o Momento 2 salientam-se as seguintes nos Territórios Sócio-Identitários: i) o *escolar*, tendo sido afetado quando a narradora teve de abandonar a escola devido à falta de acesso a meios de transporte que tinha na zona onde vivia.

Para além do território escolar ter sofrido alterações, bem como das idas à praia nos momentos de lazer, haverá outra mudança com o casamento da narradora, como de seguida se compreende.

2.2. MOMENTO 2 (1980): O Casamento

Em 1980, com vinte anos de idade, Natércia casa e sai da casa dos pais. Segundo o seu relato informa-nos que, quando casou já estava grávida (pág.2), embora o pai não soubesse; e percebe-se que o casamento foi bem aceite pelas famílias do jovem casal (pág.24).

2.2.1. ETAPA 1 do Momento 2 (1981-1983): Maternidade e Conciliação da Dupla Tarefa

Natércia foi mãe de um rapaz no início de 1981. Durante a gravidez e depois do nascimento do seu primeiro filho, a narradora refere que era só o seu marido quem trabalhava, uma vez que, ela tinha a seu cargo uma criança pequena; só depois do filho completar nove meses em 1982, é que Natércia começou a trabalhar (pág.2-26). Este seu primeiro trabalho foi em actividades rurais, como na apanha da azeitona e na vindima – o qual realizou até ao princípio do ano de 1983, ano em que ficou grávida pela segunda vez (pág.2). Pode por isso compreender-se que é nesta altura que a narradora começa a conciliar a dupla tarefa, uma vez que ia trabalhar no campo e, quando chegava a casa, ainda tinha a seu cargo as tarefas da casa, como de resto nos refere: “ (...) *à noite, quando chegava, tinha que fazer o jantar, o almoço p`a levarmos no outro dia (...) tinha que lavar à mão, não havia máquinas ainda. (...) tinha que fazer a limpeza, (...) fazer tudo, deitava-me um pouco mais tarde (...).*” (pág.3). Ou seja, era um acumular de tarefas que recaíam todas sobre a narradora,

o que fazia com que as suas noites fossem passadas a trabalhar para que no dia seguinte estivesse tudo orientado e pronto a repetir. Até porque Natércia diz claramente que sabia não ter quem a ajudasse: “ (...) *ninguém faz por mim, aí é que tá, não posso deixar e pensar, eu não faço, mas logo o meu marido faz, não posso pensar assim, se não fizer eu, tenho que fazer logo eu (...).*” (pág.68). Apesar disso, a narradora reconhece que, nos dias de hoje, as condições de vida são melhores, quando comparadas com as daquela época em que vivia na casa dos pais, ao nível, por exemplo, do avanço tecnológico: “*luz elétrica que não tínhamos (...) acho que é uma boa ajuda (...) p’a máquina de lavar, p’a passar a ferro, nós passávamos com lume.*” (pág.15). E mesmo acarretando maiores despesas monetárias, pois é necessário pagar tudo o que se gasta (pág.16), ela admite que “ (...) *em questão de ajuda, propriamente, acho que, hoje até é mais facilitado (...) há máquinas já p’ra tudo (...) muito melhor, é muito diferente.*” (pág.16).

Foram três anos que mediarão a primeira da segunda gravidez de Natércia e, em 1983 a narradora é mãe pela 2.^a vez o que a leva a interromper a sua atividade laboral para cuidar dos seus dois filhos pequenos.

2.2.2. ETAPA 2 do Momento 2 (1983-1985): Ida e Vida no Algarve

Aquando da ida para o Algarve, como vimos, a narradora não trabalhava. Diz-nos que, enquanto lá esteve, não trabalhou fora de casa (pág.26). No entanto, fazia alguns trabalhos em casa, conciliados com a atenção dada aos filhos e a realização das tarefas domésticas, como nos explica: “ (...) *tinha os dois miúdos não podia trabalhar (...) ficava em casa, mas eu trabalhava em casa, fazia bordados, rendas (...) arranjos de costura.*” (pág.3). Depois de deitar as crianças, aproveitava para bordar e costurar uma vez que recebia encomendas de uma loja de roupa de lá perto (pág.26). Quando viviam no Algarve, os tempos livres eram passados com os filhos e com o marido, “ (...) *ao fim-de-semana (...) íamos à praia, íamos dar uma voltinha, um bocadinho os quatro (...)*” (pág.27), no entanto, os horários do marido nem sempre lhe permitiam muito tempo livre, então, durante a semana era Natércia quem levava as crianças a passear, como nos revela: “ (...) *ia com eles quase todos os dias ao jardim, tinha um mesmo em frente da minha casa, ia dar uma voltinha com eles p’a não tarem sempre em casa.*” (pág.27).

2.2.2.1. FATOR DE MUDANÇA (1983): Mobilidade Geográfica da Família e reorganização dos territórios laborais dos esposos

O marido de Natércia é polícia e, como tal, foi chamado em 1983 para ir para a escola de polícias do Algarve (pág.26), o que implicou a deslocação familiar (pág.3).

2.2.3. ETAPA 3 do Momento 2 (1985): Regresso Familiar a Beja

Como nos refere, “ (...) *tivemos lá volta de dois anos (...)*” (pág.2), o que nos permite compreender que, a família só regressa a Beja em 1985. Portanto, estando Natércia desempregada e com os filhos ainda pequenos, começou a cuidar de crianças em sua casa (pág.3 e 65); a par, vendia roupa (pág.4 e 65) para poder ganhar algum dinheiro, apesar de reconhecer que, não sendo o valor muito elevado, era melhor do que nada (pág.65).

Posteriormente, tendo passado o tempo de cuidar dos filhos, quando os mesmos já se encontravam na escola, Natércia volta a trabalhar fora de casa, desta vez como cozinheira num restaurante (pág.5).

2.2.3.1. FATOR DE MUDANÇA (1986-1988): Retorno ao Mercado de Trabalho Formal – a dupla tarefa

A data de retorno ao mercado de trabalho não é precisa no pensamento da narradora: diz-nos que foi entre 1986 e 1988, que se iniciou esta outra fase marcada pela dupla tarefa na rotina diária de Natércia, uma vez que os seus horários eram muito exigentes, pelo que trabalhava durante o dia e noite (pág.35). Assim sendo, passava muito tempo a trabalhar sem ver os filhos, pois: “ (...) *quando eu chegava eles já `tavam deitados.*” (pág.4). Como nos referiu ao longo do seu relato, quando trabalhava como cozinheira, entrava às dez da manhã e só tinha uma pausa à tarde, das dezasseis às dezoito horas (pág.4), pois, hora fixa para sair era algo que Natércia também não dispunha (35). Nas duas horas que lhe eram atribuídas para almoço, disse-nos a narradora que aproveitava para ir a casa tratar do jantar para o marido e para os filhos, de modo a deixar tudo organizado e poder regressar ao restaurante como nos esclarece o seu relato: “ (...) *tinha que deixar o almoço feito e o jantar p`ra eles, p`o pai e p`os dois filhos.*” (pág.4). Neste contexto, percebe-se que, gozando a narradora de um dia de folga à segunda-feira, este não era aproveitado para descansar, como de resto de compreende

com o seu discurso: “ (...) *à segunda-feira tinha que ser limpeza a fundo, lavar e passar a ferro, tinha que deixar tudo orientado (...) p`a durante a semana (...).*” (pág.4-5). Portanto, não dispunha de tempos livres efectivamente porque, quando não tinha de estar no restaurante, aproveitava para adiantar as tarefas de casa, como se depreende das suas palavras: “ (...) *tempos livres não tinha quase nenhuns (...) tempos livres era bordar à máquina, fazer croché.*” (pág.5).

Segundo Natércia, conciliar a dupla tarefa não é fácil, requer muita organização, pouco descanso e muito trabalho; ao relembrar os tempos em que trabalhava como cozinheira, sublinhou: “ (...) *deitava-me tarde (...) levantava-me cedo, dormia pouco (...) como era nova, pronto, ia-se fazendo, mas é um bocado difícil.*” (pág.35). Isto porque, quando chegava a casa ainda tinha muito que fazer, sabe-se através do seu relato que quando começou a trabalhar como cozinheira, ainda não tinha em casa máquina de lavar (pág.39), o que fazia com que há noite chegasse a casa e, entre outras tarefas, tivesse que lavar a roupa à mão, isto por volta das onze horas ou meia-noite (pág.40). É possível perceber-se também que, o marido mesmo passando mais tempo em casa, não fazia qualquer tarefa, o que só acrescia o trabalho de Natércia, segundo a mesma, quando chegava a casa: “ (...) *ainda lavava a louça do almoço, porque o meu marido não a lavava. E muitas das vezes, nem a mesa `tava arrumada (...) arrumava a roupinha (...) no outro dia levantava-me um bocadinho mais cedo p`a passá-la a ferro.*” (pág.40). Apesar de ela recordar que quando o horário do marido era favorável, diz-nos a narradora: “ (...) *íamos jantar (...) íamos um bocadinho passear, dar uma voltinha com eles (...).*” (pág.5), o que é fato é que, ao falar em horas, Natércia relembra que, a sua hora de saída, normalmente, variava entre as onze e meia e a meia-noite, no entanto, se fossem épocas festivas, poderia trabalhar até às duas da manhã, repare-se que, por mais longo que fosse o seu horário, ao chegar a casa tinha sempre trabalho à sua espera (pág.40).

De facto, percebe-se que a partilha das tarefas domésticas em casa de Natércia não existe, pois recaem sobre ela todas as tarefas e, como a própria nos disse, o marido só ajuda em casos de doença (pág.46). Ou seja, na eventualidade da narradora estar de cama e não poder levantar-se, caso contrário não contará com qualquer apoio por parte do marido (pág.42), como nos clarifica: “ (...) *é preciso eu não me conseguir levantar, porque em me conseguindo levantar, mesmo que esteja doente, eu faço o almoço, eu faço o jantar (...).*” (pág.46-47). É claro o seu discurso quando afirma: “ (...) *tirando isso (...) nem a cadêra*

arruma no seu lugar.” (pág.42). Por outro lado, não deixa de ser curioso que Natércia nos diga que, quando o marido sai com os amigos para uma caldeirada, “ (...) *ele ajuda os outros a fazer a caldeirada, aqui não faz (...)*” (pág.46), mas em casa não faz nada. De facto, percebe-se que o marido em casa não colabora em qualquer que seja a tarefa doméstica, sendo o seu discurso, a este respeito extremamente negativo. Ao falar sobre o seu marido, Natércia diz-nos mesmo que ele é muito autoritário, “ (...) *ele é aquela pessoa que quer e que diz: eu quero, posso e mando. (...) gosta muito de espezinhar (...) pessoas de fora não, mas a mim em casa (...)*” (pág.50). Esta é uma situação que incomoda a narradora porque em casa dos pais o exemplo era outro, assim como o ambiente: “ (...) *nunca vi isto na casa dos meus pais (...) tinha tudo (...) até sem pedir eu tinha.*” (pág.51). De facto, a narradora sente que o comportamento e as atitudes do marido se alteraram muito desde o tempo em que eram namorados (pág.55), como refere: “ (...) *é muito mal, quando se apanha feitios assim (...).*” (pág.52), se bem que Natércia também reconheça que o feitio do marido pode ter-se alterado devido à sua profissão de polícia (pág.52). Por isso, acaba por ir aceitando os seus comportamentos menos agradáveis como, de resto, refere: “ (...) *que remédio tenho eu em não aceitar (...) não se vê com bons olhos essas atitudes (...) como não fui criada nesse ambiente, e os meus pais sempre se deram bem muito bem um com o outro (...) o meu pai não garreia com a minha mãe, nunca vi (...) na minha frente, nunca vi os meus pais discutirem.*” (pág.53). Por nunca ter visto tais reações na casa dos pais, Natércia não reage muito bem e diz mesmo que esta situação “ (...) *é revoltante (...) aguento (...) mas (...) não é o meu feitio, não fui criada assim, não é a minha maneira de ser. (...) vou suportando (...)*” (pág.53).

Tendo a sua actividade laboral incidido num restaurante como cozinheira, deve compreender-se como avalia a narradora a profissão de que tanto gosta.

. Auto-Avaliação da Profissão de Cozinheira

Segundo Natércia para ser-se cozinheira, tal como para ser-se doméstica, é preciso gostar muito daquilo que se faz, nesse sentido, quando questionada sobre como é ser cozinheira, respondeu: “ (...) *tem que ser um trabalho de pessoa que goste de trabalhar naquele ramo (...) não há horários, não há sábados, não há domingos, não há feriados. (...) há sempre entrada a horas (...) mas as saídas não (...) é a louça, é arrumar cozinha (...) é despejar lixos (...).*” (pág.36). Para além disso, diz-nos também que ser cozinheira é, sobretudo, “ *um trabalho muito complicado, de muita responsabilidade (...)*” (pág.36). Para

ela não era fácil, porque o tempo com a família também acabava por ser afetado, pois as refeições deixavam de ser feitas com os familiares (pág.36) e, para quem tem filhos como ela era mais difícil ainda, porque quando chegava a casa eles já estavam dormindo (pág.36 e 39). Daí que a mesma nos diga: “ (...) *só ao dia de folga é que se almoça com a família (...) e janta, porque de resto nos outros dias não se consegue (...).*” (pág.39).

Ao longo do relato de Natércia percebe-se que a mesma sempre gostou de ser cozinheira, ou não afirmasse ser a cozinha a divisão da casa onde mais vezes se encontra, seja “ (...) *a cozinhar, ou a lavar a loiça, ou pôr a mesa, ou levantar mesa (...) a divisão onde passo mais tempo é a cozinha.*” (pág.29).

Tendo em conta todos estes acontecimentos no Momento 2 da vida da narradora torna-se importante refletir sobre alguns dos Territórios Sócio-Identitários que até este momento foram sendo afetados: **o geográfico/habitacional**, este sofreu alterações aquando do casamento da narradora e consequente saída da casa dos pais, bem como, no momento em que decidiu acompanhar o marido para o algarve e no retorno a Beja; **o familiar**, foi alterado pois, Natércia passou a partilhar casa com o seu marido, e não com os seus pais como havia feito até ao casamento. Para além disso, deve ter-se em conta, o fato desta ter ficado em casa com as crianças sob a sua responsabilidade; **o laboral**, que se modificou sendo certo que, pouco tempo depois do seu casamento a narradora foi mãe e teve de deixar de trabalhar, retomando nove meses mais tarde e tendo de suspender mais uma vez, quando cerca de três anos depois foi mãe pela segunda vez; **o das sociabilidades**, que se alterou, não só quando passou a viver com o marido, mas também pelo facto de ter de se adaptar a novas cidades, e conviver com pessoas que não conhecia. Os seus tempos livres eram passados com as crianças.

Sendo conhecidos alguns dos Territórios Sócio-Identitários que foram afectados ao longo de todo o Momento 2 da trajetória de Natércia, chegamos ao 3.º Momento que nos dá conta da situação de desemprego actual da narradora.

1.1. MOMENTO 3 (2011-2012): Desemprego e descontentamento com a vida de casada

No Momento 3 é possível compreender a situação laboral actual da narradora, sendo certo que esta encontra-se desempregada desde 2011 (pág.35). Este engloba ainda a avaliação da vida de casada de Natércia.

1.1.1. ETAPA 1 do Momento 3 (2011-2012): Desemprego e restrição às tarefas domésticas

Para Natércia, a inserção laboral acumulando as tarefas de casa (dupla tarefa), é uma vivência preferencial comparativamente à situação de desemprego. Contudo, ao relatar o seu dia-a-dia, percebe-se que Natércia tem estruturada toda a sua rotina diária, como de resto nos esclarece: “ (...) *de manhã, é logo assim (...) arranjo-me e depois tenho logo por hábito ir arranjar o quarto, é a primeira coisa (...) depois venho, tomo o pequeno-almoço (...) se tenho que ir à loja comprar alguma coisa (...) pão ou assim (...) vou (...) depois faço o almoço (...) porque eu gosto logo de preparar as coisas.*” (pág.12-13). Orientada a refeição, a narradora começa a tratar das limpezas, “ (...) *a varrer, a limpar o chão, a limpar o pó (...)*” (pág.13), e, então, depois do almoço é que pode dedicar-se um pouco à costura, “ (...) *na parte da tarde (...) é que eu costumo sentar ali p`a fazer a costura.*” (pág.13 e 28). Posteriormente, e controlando em simultâneo o seu tempo, chegada a hora de preparar o jantar, Natércia suspende a costura: “ *vou fazer o jantar p`a quando o M. chegar termos o jantar feito (...).*” (pág.13). Segundo a narradora, normalmente depois do jantar o casal sai para tomar um café e, depois, voltam para casa e, ou vêem um pouco de televisão juntos ou, então, a narradora vai distrair-se um pouco no computador (pág.13). Repare-se que, embora entenda que a organização depende muito da pessoa, a narradora assume: “ (...) *tenho sempre tudo organizado (...)*” (pág.17). Mesmo não conciliando a dupla tarefa, é a própria a reconhecer ter “ (...) *horas marcadas p`ra tudo (...)*” (pág.17), considerando ser esse o seu método de trabalho, “ (...) *apesar de `tar em casa, tenho horas (...) dá-me jeito assim (...) oriento assim as coisas (...).*” (pág.17). Esta acaba por ser a sua rotina semanal, porque ao fim-de-semana recebe os filhos e netos em casa, “ *vêm sempre cá, ao sábado (...) vêm jantar (...) e depois no domingo é almoçar (...)*” (pág.56). Depreende-se, assim, um aumento de trabalho para Natércia, pois tem de cozinhar para a família, como nos disse: “ (...) *no fim-de-semana, em lugar de descansar, é mais trabalhoso do que os dias normais (...).*” (pág.56). Contudo, e como gosta verdadeiramente de cozinhar a narradora fá-lo por gosto, ou não fosse esclarecedor o seu discurso: “ (...) *faço mesmo porque gosto (...) é uma coisa que me satisfaz*

(...) sinto-me bem, sinto-me alegre (...), sinto-me feliz quando ando trabalhando nas cozinhas, gosto de trabalhar num restaurante (...) agora não tenho nada, o pior é isso.” (pág.56). Ao longo do seu relato está patente a tristeza por, neste momento, não conseguir uma atividade laboral fora de casa, nomeadamente, como cozinheira num restaurante, como as suas palavras clarificam: “ *(...) tenho pena de não `tar a trabalhar, `tar aqui fechada (...) fico sozinha (...).*” (pág.57). Percebe-se, neste sentido que os dias de Natércia são predominantemente passados em casa, como ela admite: “ *(...) é casa, só casa, casa, casa (...)*” (pág.54); “ *(...) ir ali beber um cafezinho, são os meus passeios agora*” (pág.55). E ela própria reconhece: “ *(...) `tou melhor se sair, se for a trabalhar, saio, vejo, converso um bocadinho (...).*” (pág.65). É, notória a necessidade de Natércia em poder voltar a trabalhar fora de casa, “ *(...) gostava muito, muito mais do que `tar em casa.*” (pág.67).

No seguimento de toda esta rotina devidamente estruturada pela narradora, a mesma explica que quando conciliava uma atividade laboral fora de casa, a programação variava: “ *(...) como andava a trabalhar (...) era diferente (...) nunca tinha uma orientação de começar logo de manhã na limpeza (...)*” (pág.13), isto porque, logo de manhã, o seu tempo era exclusivo para preparar os filhos, levá-los à escola e, posteriormente, seguir então, para o seu local de trabalho (pág.13). Não podemos deixar de ter em atenção que, mesmo trabalhando fora de casa, antes de sair de casa a narradora tinha de deixar o almoço preparado para o seu marido e para os seus filhos (pág.14). A sua preocupação era tal que não só deixava a mesa posta, como também lhes deixava: “ *(...) um termo aqui na mesma p`a não andarem a mexer no fogão, deixava-lhe o almoço já preparado dentro do termo.*” (pág.14).

Tendo sempre muita vontade de aprender, Natércia não se satisfaz pelo facto de ter apenas a quarta classe e, em 2011 concluiu com sucesso o 6.º ano de escolaridade através do centro de novas oportunidades (pág.35) em Moura, e é clara a sua disponibilidade para novas aprendizagens: “ *(...) tirei o sexto ano, agora depois de adulta (...) com 51 anos (...) e gostei. (...) se aparecer mais alguma gostaria d`ir tamê.*” (pág.10). Apesar de não nos ter precisado as datas, também nos disse que, para além do sexto ano já tirou o curso de cozinha, o curso de costura e ainda, o curso de higiene e segurança no trabalho (pág.36).

. Avaliação, por Natércia, das alterações na gestão do orçamento familiar

Quando refletindo sobre a gestão do orçamento familiar e, retrocedendo ao tempo em que vivia na casa dos seus pais (Momento 1- etapa 1e2), a narradora considera que, apesar das dificuldades monetárias, antigamente toda a gestão era mais facilitada, pois as pessoas tinham muitos dos recursos em casa, nomeadamente ao nível de bens alimentares, como nos exemplifica: “ *na horta semeava-se (...) não se gastava tanto dinheiro (...) tinha-se as galinhas com uns ovos (...) quando apetecia matávamos uma galinha (...) poupava-se, era diferente, orientava-se as coisas com aquilo que havia (...) o meu pai também tinha cabras (...) porcos, fazíamos a matança (...) tínhamos linguiças (...) presunto, pronto, toucinho (...) não vinham a comprar-se tantas coisas como hoje se compra (...).*” (pág.11). Posteriormente, e nos tempos em que já trabalhava (Momento 2 – etapa 4), diz-nos a narradora que juntava o seu ordenado ao do marido, “ *(...) era só uma carteira (...)*” (pág.47), e com esse dinheiro pagavam a casa, as despesas da casa, tais como: água, luz, telefones; e depois era gerir na alimentação, nas compras que tinham de fazer (pág.47). Ora, a narradora considera que nos dias de hoje (Momento 3) essa gestão tem de ser realizada “ *(...) com um bocadinho de sacrifício (...)*” (pág.12), uma vez que, as despesas mensais são variadas: “ *(...) tem que se pagar a casa, água, luz e gás, portanto, é uma vida que fica mais cara do que ficava antigamente.*” (pág.12). Natércia admite que, estando ela desempregada, dispondo apenas do ordenado do marido (pág.47), o sentido de orientação (pág.12) é fundamental, isto porque, têm mesmo de comprar tudo o que faz falta, não tendo qualquer horta em casa (pág.12). Depois de pagar as despesas já mencionadas, a narradora revela como orienta a alimentação: “ *(...) costume (...) ir ao supermercado, quando o meu marido recebe e compro, normalmente, o avio, normalmente p`ro mês (...) acho que me oriento melhor.*” (pág.12). No decorrer da conversa, Natércia refletiu sobre o seu poder de gestão e de capitalização, uma questão de todo pertinente: é que enquanto trabalhava fora de casa, a gestão do orçamento familiar estava a seu cargo, mas essa situação alterou-se pouco tempo antes de ficar desempregada, visto ser o marido quem hoje orienta todo o orçamento (47-48). É claro o seu discurso de descontentamento perante a situação: “ *(...) antes (...) quem punha e dispunha era eu (...) agora não (...) não trabalho não tenho direito a orientar (...).*” (pág.48). Esta gestão realizada pelo marido fez com que, nos dias de hoje Natércia não possua qualquer poupança monetária do seu trabalho, uma vez que, enquanto trabalhou no restaurante e devido aos seus horários, era o marido quem ia ao banco depositar os seus cheques mensais, como tal, a narradora acabou por perder o acesso ao seu dinheiro (pág.48). Assim sendo, é claro o seu desânimo ao afirmar: “ *(...) agente quando ganha, e quando trabalha gosta de ter*

o nosso dinheiro, gosta de comprar qualquer coisa (...) uns sapatos, pronto, uma bata (...) é diferente.” (pág.48-49). Esta, é de facto, uma situação de difícil aceitação por parte de Natércia: “ (...) *aceito isso muito mal, porque eu nunca vi isto na casa dos meus pais, e na nossa nunca foi hábito (...) faço trinta e dois anos de casada e eu geri sempre o dinheiro em casa e nunca houve falta de nada, nunca fui uma pessoa de espalhar dinheiro, uma pessoa orientada e ele tirou-me o dinheiro não sei porquê!? Ainda `tou p`a saber (...).*” (pág.49).

Neste 3.º Momento podem assinalar-se os seguintes Territórios Sócio-Identitários que se alteraram: **o laboral** que sofreu alterações quando a narradora ficou desempregada; **o escolar** alterado com o investimento na formação e aquisição de novos conhecimentos, nomeadamente, ao nível da informática; **os económico-materiais** terá se alterado a partir da época em que o marido de Natércia a terá privado de gerir o orçamento familiar; **o das sociabilidades** alterou-se quando a narradora deixou de trabalhar, pois deixou de sair de casa com a mesma frequência e como tal, passa muito tempo sozinha, para além disso, a relação com o marido tem vindo a revelar-se diferente do ideal defendido pela própria.

Posto isto, é fulcral perceber qual a avaliação que a própria narradora estabelece acerca da mulher Doméstica, bem como qual a avaliação feita pela sociedade a respeito da mulher Doméstica.

2. AUTO AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

2.1. O que é ser Doméstica

Para Natércia ser doméstica nos dias de hoje é “ (...) *um trabalho como outro qualquer (...) desde que a pessoa goste daquilo que faz (...)*” (pág.29). A narradora reforça a sua ideia sublinhando que é fundamental gostar daquilo que se faz: “ (...) *por acaso não me faz diferença, ou lavar o chão, ou varrer ou fazer comida. (...).*” (pág.29). Mais nos adianta: “ (...) *é bom, é bom no sentido de quem gosta de fazer, eu gosto de fazer as limpezas e o trabalho de casa, por acaso gosto.*” (pág.58). Não obstante gostar muito de ser doméstica, é claro o seu discurso quando nos diz que, sentir-se-ia melhor ao conciliar a dupla tarefa – “ (...) *gosto de fazer o trabalho de casa (...) mas preferia andar trabalhando (...) a pessoa sai, ganha e distraiu mais do que `tar sempre em casa.*” (pág.31); “ (...) *gosto de ser doméstica*

(...) mas, gosto de sair, trabalhar e quando se chegar logo se faz, as coisas fazem-se à mesma em casa.” (pág.32). Diz-nos mesmo a narradora: “ *(...) em vez de me deitar às onze, deito-me à uma, ou uma e meia, mas, faz-se à mesma (...) gosto de trabalhar (...) ter as coisinhas de casa orientadas.”* (pág.32). Apesar de ela própria considerar que existe hoje mais facilidade (pág.29), do qua havia antigamente, ao nível por exemplo, dos eletrodomésticos como sejam os aspiradores, a máquina de lavar roupa, ajudam na realização das tarefas domésticas (pág.29).

Reconhece não ter hoje a energia e saúde que tinha há vinte anos atrás, “ *(...) já é com um bocado mais de dificuldade, (...) com a idade que tenho já me custa mais (...)*” (pág.31), ao tentar descrever como será ser doméstica no futuro, Natércia entende que, os jovens nos dias de hoje vivem numa exagerada correria, o que nem lhe permite tempo para cozinhar, muitas vezes as suas refeições cingem-se a sandes (pág.33) e, nesse sentido, considera que as tarefas domésticas também se vão alterando.

Uma das questões da narradora versou sobre o ordenado, pelo facto da mulher doméstica trabalhar muito em casa e não receber qualquer valor monetário por esse trabalho (pág.23-24). A narradora diz-nos que, se for para casa de alguém fazer essas tarefas é remunerada mas, estando em casa, não. Paradoxalmente, considera que não deve receber salário pois o trabalho que faz é para casa, encarando-o, em certo ponto, como uma obrigação ou um dever que lhe está associado: “ *(...) aqui em casa, não recebemos. Tem que se fazer, é a nossa casa, temos que a ter limpa e temos que fazer, receber não recebemos nada.”* (pág.23).

Da visão paradoxal de Natércia quanto às tarefas domésticas, passamos à sua visão da representação familiar.

2.2. O que é ser Doméstica segundo a família?

Ao refletir sobre qual a avaliação feita à mulher doméstica pela família, a narradora diz-nos que, na generalidade, encontramos sempre pessoas que valorizam e pessoas que desvalorizam (pág.17), não obstante e centrando-se no seu caso e na opinião da sua família, relativamente ao trabalho que diariamente desenvolve em casa mediante o discurso da própria, compreende-se que os mesmos o valorizam: “ *acho que sim, a minha família que vê que eu trabalho e que faço o possível p`ra ter tudo orientado e organizado, a tempo e horas*

de fazer falta. (...) acho que compreendem isso, penso eu que sim.” (pág.17-18). Já na casa dos pais Natércia sentia que havia essa valorização, segundo palavras suas: “*(...) eu falo pelo exemplo dos meus pais (...) sempre foram umas pessoas compreensivas e, tudo o que eu fazia (...) deram sempre valor àquilo que eu fiz (...).*” (pág.18). Apesar desta sua avaliação positiva, o seu discurso é paradoxal afirma que, actualmente, o marido desvaloriza o trabalho da mulher doméstica, mas desvalorizava ainda mais quando ela conciliava a dupla tarefa: “*(...) não dá valor a quem trabalha, ao trabalho de casa (...) eu chegava a casa, tinha que fazer tudo como se eu tivesse em casa. (...) ele não despejava um balde do lixo (...) não lavava uma louça, não punha a mesa (...) não dá o valor, ainda hoje não dá, sinceramente não dá.*” (pág.40-41). Natércia considera que, estando os dois elementos do casal a trabalhar fora, o marido podia colaborar mais se chegasse a casa primeiro, começando a orientar o jantar, por exemplo (pág.42); no entanto, não era o que acontecia, como nos esclarece: “*(...) ele trabalhava fora, eu também, quando chegávamos a casa ele podia me dar uma mãozinha, entre os dois, mas não, não me ajudava.*” (pág.42-43).

Apesar de defender a partilha das tarefas domésticas pelo casal, Natércia acaba por tornar paradoxal o seu discurso quando nos diz que a partilha só deve existir no caso da mulher não desenvolver qualquer atividade laboral fora de casa: “*(...) se ela `tá o dia inteiro em casa, e se tiver tempo de fazer limpezas e isso tudo, acho que não vale a pena o outro `tar a ajudar.*” (pág.22). Considera, por isso, que o marido pode, sim, ajudar no cuidado com os filhos, durante as refeições, nos banhos (pág.22); porém, reforça a ideia de que “*(...) se a pessoa tiver em casa, a mulher e, tiver tempo, vai ela fazendo durante o dia.*” (pág.23).

É forte o discurso de Natércia quando a mesma se refere à opinião do marido sobre o seu trabalho em casa, “*(...) ele só o que diz é que `tou em casa e que não faço nada.*” (pág.43). Ao longo do seu relato demonstra claramente que o marido o desvaloriza devido ao facto de não implicar qualquer ordenado, pelo que os comentários do mesmo perturbam a narradora: “*só se refere ao trabalho quando recebe um ordenado, como eu não trabalho agora (...) sinto-me mal, por não ganhar.*” (pág.43). Daí podermos compreender porque é que Natércia prefere conciliar a dupla tarefa, ao invés de estar em casa todos os dias: “*preferia, preferia. Além de ganhar (...) ando mais distraída, as coisas têm que se fazer da mesma maneira (...) faz-se, resolve-se. E assim, não tenho dinheiro, porque não ganho e `tou ouvindo coisas destas que não gosto.*” (pág.43). É mais clara ainda, ao referir: “*(...) depois aborrece-me, fico aborrecida, porque eu não trabalho, porque não ganho, e mesmo assim em*

casa, eu não `tou quieta um bocadinho, tenho sempre coisas p`a fazer, ou costura, ou renda, ou o bordado, ou passar a ferro, fazer limpeza, fazer almoço, fazer jantar.” (pág.44).

Como foi possível compreender, ao falar do reconhecimento da família Natércia é clara e reforça o seu discurso ao afirmar que os filhos e os pais valorizam o seu trabalho, já o marido desvaloriza constantemente. Desta feita, compreender-se-á qual a leitura feita pela narradora acerca da opinião da Sociedade em Geral.

2.3. O que é ser Doméstica segundo a sociedade em geral?

A narradora igualmente afirma que existem pessoas que reconhecem e outras não, por isso, nos explica que há quem defenda “ (...) *que a pessoa (...) `tá em casa, mas que faz, que arruma, que orienta, e há aquela pessoa que não dá valor a isso. (...) há pessoas que não dão valor.*” (pág.19). Natércia entende que, tais opiniões variam consoante a mentalidade de cada indivíduo e ainda a idade, pois é claro o seu discurso ao afirmar que os mais velhos valorizam menos a mulher doméstica, e que são os mais novos a começar a partilhar as tarefas (pág.44) e a atribuir maior valor ao trabalho realizado pela doméstica (pág.20), Natércia entende que a juventude valoriza mais devido à sua mentalidade mais aberta e renovada e também à educação (pág.59). O seu entendimento baseia-se, fundamentalmente, no exemplo do seu marido e do seu pai. No caso do marido, a narradora dá-nos conta que o mesmo não é capaz de colaborar em nenhuma tarefa de casa, nem mesmo quando a narradora conciliava a dupla tarefa, como de resto nos esclarece: “ (...) *eu tinha que fazer tudo sozinha*” (pág.20), até porque, é a mesma a referir que o mesmo não foi educado para fazer (pág.41). No caso do pai, Natércia diz-nos que é igual, “ (...) *é uma pessoa que na sabe fazer nada em casa.*” (pág.21). Face a estes exemplos, e quanto à perspectiva futura, reconhece a narradora que a educação é fundamental, assim sendo, a mesma incutiu nos filhos a importância para que aprendessem e soubessem fazer as tarefas de casa (pág.41 e 45), pois em certa medida também a ajudavam e no futuro saberiam fazer (pág.19-20). Neste sentido, considera a narradora que, as mães que conciliam a dupla tarefa são aquelas que com maior regularidade incutem aos filhos e os educam para a valorização e aprendizagem da realização das tarefas de casa, em contrapartida, as mães que são domésticas a cem por cento, consideram que os filhos homens não devem fazer as tarefas de casa, ficando tudo a seu cargo e a cargo das filhas, como de resto foi o caso do seu marido (pág.63-64).

APÊNDICE H: Análise Descritiva do Relato da Narradora Rita

1. APRESENTAÇÃO DE RITA

Rita é uma mulher alentejana, nascida em 1950 na cidade de Moura. No presente tem completos 62 anos de idade (pág.1). Este é o relato de uma mulher profundamente marcada pela doença do seu marido. Aquele que considera ser o homem da sua vida, encontra-se neste momento sem falar e com a mobilidade completamente condicionada; assim sendo, Rita passa os seus dias a cuidar dele.

A presente Trajetória de vida pode ser analisada mediante 3 Momentos Marcantes: o Momento 1 das vivências da infância e juventude; o Momento 2 iniciado com o casamento da narradora e consequente vida de casada, dando lugar à maternidade; e o Momento 3 que é assinalado pelas mudanças ocorridas na rotina diária da narradora com o surgimento da doença do marido, a debilitação física e psicológica do mesmo, fizeram com que, Rita abdica-se do seu trabalho para se dedicar inteiramente ao cuidado do marido.

2. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA: 3 Momentos Marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1950-1973): Do nascimento à juventude

Sabe-se que Rita nasceu na cidade de Moura em 1950 e que lá passou a sua infância e juventude até aos 17 anos de idade, quando o seu pai decidiu mudar-se com a família para Lisboa. Durante o seu discurso, Rita fez-nos ainda saber que tem mais 4 irmãos, todos eles rapazes.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1960-1973): Infância num meio social carenciado: Iniciação às tarefas domésticas, abandono escolar e entrada no mercado de trabalho e, início do namoro.

Segundo Rita, em 1960 com 10 anos de idade, concluiu a 4.^a classe, não tendo dado continuidade aos estudos por decisão de seu pai. Pois, este considerava que as mulheres não precisam de estudar (pág.1). No que respeita às tarefas domésticas, a narradora recorda que desde cedo começou a ajudar em casa, mesmo enquanto estudava: “ (...) *comecei desde pequenina a trabalhar nas tarefas domésticas (...) porque a minha mãe ia trabalhar (...) ao sair da escola tinha que ir cozer feijão ou qualquer coisa (...) adiantar o comer (...).*” (pág.1). Como o pai tinha uma taberna, Rita era quem cozinhava os petiscos que ele ali servia. Tendo em conta todas as tarefas que fazia, com tão pouca idade, é a própria narradora a reconhecer: “ (...) *às vezes pensava, faço coisas que uma mulher casada não faz.*” (pág.2). Uma vez que a mãe trabalhava no campo, ela também cuidou muitas vezes dos dois irmãos mais pequenos.

Quanto às condições habitacionais da família o relato evidencia que eram muito carenciadas, até porque, não tinham água canalizada em casa. Assim sendo, a narradora e os irmãos tinham de ir buscar água à bica e, a roupa era lavada em tanques públicos pela mãe (pág.2). No que respeita ao ambiente familiar Rita reconhece que o pai era um homem rígido em casa, bebia muito o acabava por proporcionar um ambiente extremamente desagradável a todos, como nos relatou: “ (...) *o meu pai (...) tinha mau feitio p`ra nós (...) ele tamêm bebia um pedacinho (...) sofreu um bocado com isso (...).*” (pág.6). Mais nos adianta: “ (...) *era uma pessoa muito, muito incompreensível, não sabia ler nem escrever mas, isso não era causa.*” (pág.18).

Aos quinze anos de idade (1965), diz-nos Rita que começou a trabalhar numa fábrica em Moura. E, embora acrescente: “ (...) *o (...) pai não foi muito de acordo.*” (pág.6), Rita refere que foi trabalhar porque se sentia “ (...) *saturada de `tar em casa, só a fazer a lida da casa (...)*” (pág.6). Repare-se que, mais uma vez, o pai não queria que a filha trabalhasse fora de casa; já anteriormente não permitira que ela estudasse pois, nessa época o seu objetivo era que a filha fosse somente uma boa dona de casa (pág.6). Ora, foi na fábrica que Rita conheceu o seu atual marido, também empregado ali, tendo começado o namoro em 1966. Mas, se tudo parecia correr bem, foi por pouco tempo, pois, como se compreende de seguida, o namoro acabou quando Rita se mudou para Lisboa juntamente com a família, mediante decisão do pai.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1: Deslocação Geográfica da família fim e retoma do namoro.

Em 1967 o pai decide mudar-se com a família para Lisboa, mais precisamente para a Baixa da Banheira, tendo, Rita tido de abandonar o emprego na fábrica. Essa mudança geográfica contribuiu também para que o seu namoro terminasse, por opção do seu, então, namorado. (pág. 2-6-7). Se bem que, por pouco tempo, como nos relata a própria: “ (...) *ao fim de dois meses pediu perdão que voltássemos (...) e eu como levantava-me a pensar nele, deitava-me a pensar nele (...) então depois pronto, voltámos, entretanto, correu tudo bem.*” (pág.7). Desta feita, a narradora faz-nos saber que o namoro foi extremamente controlado pelos pais, Rita só namorava à janela e sob vigilância da mãe (pág.8). Pode dizer-se que, até ao casamento, a narradora considera ter vivido sempre muito controlada, sobretudo, pelo pai: “ (...) *vivia num cativoiro, era trabalho casa, casa trabalho.*” (pág.41). Na verdade, nem no trabalho ela podia demorar muito; caso isso acontecesse, o pai mandava um irmão à sua procura, sendo certo que, às vezes a vontade de Rita era mesmo ficar a trabalhar, pois tal como nos disse: “ (...) *já sabia o que lá tinha à espera, aquilo era todos os dias bêbado, todos os dias.*” (pág.41).

No contexto do M1 podem elencar-se alguns *Territórios Sócio-Identitários* que foram sofrendo alterações ao longo da Trajetória de vida de Rita: i) o *Território S-I Escolar*, alterado com a decisão desta não continuar a estudar; ii) o *Território S-I Laboral*, alterando-se com a entrada de Rita no mercado de trabalho (fábrica); iii) o *Território S-I Habitacional/geográfico*, que se alterou com a ida da narradora e da família para a Baixa da Banheira.

Depois de alguns percalços com o namoro, Rita casa, sendo esse o principal acontecimento que dá lugar ao M2 da sua Trajetória Identitária.

2.2. MOMENTO 2 (1973-2010): Casamento, Maternidade e vida de casada

O Momento 2 é marcado pelo casamento de Rita, pelo seu regresso à cidade de Moura e consequente maternidade e vida de casada.

2.1. ETAPA 1 do Momento 2 (1973): Casamento: regresso à cidade de Moura e Maternidade

Apesar da interrupção do namoro e da distância geográfica em 1973 Rita casa com aquele que considera ser o seu grande amor: “ (...) casei-me aos 23 anos, casei com o amor da minha vida. Uma jóia de pessoa, muito bom marido, muito bom pai (...).” (pág.2). Apesar dos comportamentos sempre muito rígidos de seu pai, a narradora descreve como engraçado o fato de ter sido ele quem lhe pagou a primeira viagem depois de casada: “ (...) como nunca ia a lado nenhum, disse sempre, se um dia casasse a primeira viagem (...) gostava de ser a Fátima, por acaso, aconteceu e foi paga pelo meu pai.” (pág.10). Ainda no que respeita ao casamento, Rita admite que, para ela, casar foi sinónimo de liberdade, uma vez que, estando na casa dos pais nunca podia sair. Ela mesma sublinha e faz análise com a revolução dos cravos: “ (...) muitas raparigas queixavam-se de perder a liberdade ao casarem, eu ganhei a liberdade quando me casei, casei-me a 13 de Abril e devia ter sido a 25 de Abril (...).” (pág.18).

Apesar de não nos informar sobre a data precisa, sabe-se que, depois do casamento, Rita e o marido regressaram a Moura, terra natal de ambos. Neste contexto, Rita, não arranhou qualquer atividade laboral, até porque a maternidade veio a constituir-se uma ocupação para si quando, em 1975, foi mãe pela primeira vez e, em 1977, mãe pela segunda vez. O nascimento dos filhos não foi um assunto muito desenvolvido ao longo do relato da narradora. Não obstante, fez-nos saber que o 1.º filho foi o rapaz e o 2.º foi a rapariga. Uma vez que não trabalhava fora de casa, sabe-se que foi Rita quem cuidou dos filhos em pequenos, daí que considere importante que as mães possam ter esse tempo e dedicação aos filhos: “ (...) hoje compreendo que foi muito bom ter ficado com os meus filhos nessa fase.” (pág.2) – de certo modo, a narradora confere, por isso, o cuidado dos filhos à mulher. Ao recordar a maternidade, Rita reconhece: “ (...) foi um bocadinho complicado, tamém me ia abaixo às vezes, nã tinha cá ninguém, não tinha uma irmã, nã tinha (...) mãe (...)” (pág.10) e, tal como nos disse, embora estivesse perto da sogra, a relação entre ambas não era de grande proximidade. Com os filhos pequenos ao seu cuidado, Rita comprou uma máquina de malhas, com o intuito de costurar e ganhar algum dinheiro; no entanto, rapidamente deixou de o fazer, para não desagradar ao marido: “ (...) deixei as malhas, ele chateava-se com isso, nunca tinha apanhado tantas chatices com ele como apanhei nessa altura (...)” (pág.3). Repare-se que, ao longo de todo o relato, este é o único excerto que demonstra uma briga do

casal, decorrente pelo que nos diz, do fato de Rita costurar à noite. Como ela explicou, o marido aborrecia-se, pois entendia que ela trabalhava e não obtinha qualquer lucro (pág.3).

Foi, no seguimento do casamento mas, com os filhos já crescidos que Rita decidiu voltar a trabalhar e, como tal, passou a conciliar a dupla tarefa, como de seguida se apresenta.

2.2. ETAPA 2 do Momento 2: Atividades Laborais: a dupla tarefa

Com os filhos já crescidos a frequentar a escola, Rita decidiu retomar ao mercado de trabalho, indo trabalhar para um salão de móveis que pertencia ao patrão do seu marido, mas o certo é que também não foi um trabalho muito duradouro: “ (...) *`tive lá seis meses, entretanto, o senhor faleceu e aquilo deu uma grande volta.*” (pág.3). Rita ficou desempregada e embora não nos informe por quanto tempo, fez-nos saber que, alguns anos mais tarde, abriu uma pastelaria, conciliando novamente a dupla tarefa: “ (...) *trabalhava lá, trabalhava aqui em casa (...)*” (pág.3). Apesar de reconhecer que trabalhava muito, Rita admite que, quer nas limpezas, quer na comida, o marido sempre a ajudou em casa: “ (...) *ajudava naquilo que sabia e que podia (...)*” (pág.39), e foi também um grande pilar aquando do negócio da pastelaria: “ (...) *o meu marido sempre me ajudou muito (...) ao dia de folga da pastelaria ele ajudava-me também (...)*” (pág.2-3), para além disso, durante a semana, quando ele chegava do seu trabalho, tomava banho, jantava e ia para a pastelaria, de modo a que Rita pudesse ir para casa e, claro está, esse tempo era aproveitado para adiantar algumas tarefas domésticas, como nos refere a própria: “ (...) *eu vinha p`ra casa, tratar das minhas coisas, passava a ferro (...) orientar a minha casinha.*” (pág.4). Segundo a narradora, a abertura deste negócio fez-se sobretudo para auxiliar os filhos quando frequentassem o ensino universitário, não obstante, essa ajuda só foi dada à filha, uma vez que, o rapaz não quis continuar os estudos. Para Rita, esta decisão não foi bem aceite pelo marido, como nos esclarece: “ (...) *deu um desgosto ao pai de não querer estudar, ele não se apercebeu, eu é que sei. O meu marido desmotivou-se de trabalhar, andou uma altura sem vontade de trabalhar na pastelaria, como quem diz, abrimos isto p`a conseguirmos algum dinheiro p`a conseguir dar um futuro aos filhos (...) dar ao filho aquilo que ele nunca teve.*” (pág.11). Rita sublinha que esse era, de resto, o objetivo do casal: dar aos filhos aquilo que a eles não lhes tinha sido dado (pág.11). Para além disso, considera que tanto ela como o marido cumpriram bem o seu papel de pais e orgulham-se de ter uns bons filhos (pág.11-12), como reforça no seu discurso: “ (...) *sempre com respeito, bons filhos, eles também têm tido bons*

pais, compreensivos (...)” (pág.13). Visto ter sido a pastelaria a sua última actividade laboral fora de casa, Rita explica-nos como é que conseguia conciliar tudo: “ (...) *levava os serões orientando as coisas para o outro dia, por exemplo, à sexta feira adiantava a minha limpeza, p`a no sábado (...) dia da folga (...) dar uma voltinha (...)*” (pág.52). Ora, Rita e o marido aproveitavam o sábado para sair um pouco, visto que haviam trabalhado a semana toda, segundo nos revela: “ *íamos petiscar, ou íamos jantar fora (...) com o filho, ou com a filha se eles `tivessem iam connosco, senão íamos só os dois (...)*” (pág.52). Mais nos adianta que essa era também a forma encontrada para que ela tivesse pelo menos um dia da semana sem cozinhar. Ao recordar este episódio, é clara a tristeza no seu discurso: “ (...) *é verdade, saíamos dar uma voltinha e, petiscávamos, ou jantávamos (...) já não fazíamos (...) jantar.*” (pág.52). De facto, são saídas como estas que deixaram de existir na vida da narradora e de que tem saudade. Ainda em relação ao conciliar da dupla tarefa, Rita disse-nos que: “ (...) *por um lado, é complicado a gente ‘tar a trabalhar e ter tudo na casa a nosso cargo mas, por outro lado, se a gente ‘tá em casa, limpa e suja a toda a hora (...) porque a gente vem, arruma a loiça, em andando é hora de lanchar (...) hora de fazer o jantar (...) quando ‘tamos a trabalhar temos a preocupação, ou de noite, ou de manhã cedo, deixar o comer feito.*” (pág.52-53). Neste sentido, Rita entende que a mulher doméstica estando em casa a tempo inteiro encontra-se sempre tarefas para fazer, ao passo que, a mulher que concilia a dupla tarefa, faz de manhã ou à noite e mantém a casa arrumada por mais tempo.

Segundo a narradora, a vida de casada implicou algumas mudanças e novas aprendizagens, nomeadamente, ao nível da gestão do orçamento familiar, como de seguida se compreende.

2.3. ETAPA 3 do Momento 2: Mudanças ocorridas na trajetória de vida da narradora com o casamento: assumir a gestão dos recursos familiares.

Quando Rita compara a vida de casada à vida de solteira na casa dos pais, apresenta diferenças significativas: “ (...) *é sempre diferente, por mais que nós façamos na casa dos nossos pais (...) é a responsabilidade de uma casa. E gerir o ordenado, é um bocado complicado, faz uma diferença muito grande (...).*” (pág.9). Essa gestão, ainda se dificultou

mais pois, tal como relata: “ (...) *no início do casamento tivemos dificuldades (...) o meu marido tinha um ordenado muito pequeno (...) era complicado, ele ganhava pouco (...)*” (pág.9). Neste sentido, percebe-se que, o princípio da vida a dois deste casal não foi muito fácil; no entanto, para a narradora: “ (...) *em havendo amor, em havendo compreensão, tudo se resolve (...) compreensão de parte a parte, tem que haver cedências (...).*” (pág.9). Para além disso, Rita considera que, muita embora se associe o trabalho da mulher doméstica a pouco fazer, ao menos, ela é a dona de casa, como nos explica: “ (...) *é diferente (...) quer dizer, foi a responsabilidade de ser eu a dona de casa, ao menos somos donas de alguma coisa (...), não fazemos nada, a mulher tá em casa mas, não faz nada mas, somos donas da casa.*” (pág.9). Repare-se que, apesar de ser dona de casa, no sentido da realização de todas as tarefas domésticas, a mulher também é a dona da casa, uma vez que é ela quem assegura a casa, independentemente de ganhar um salário fora ou não, é ela quem gere, quem organiza, quem programa, quem decide, ainda que, seja o marido a garantir o sustento da família, o trabalho da mulher doméstica é fundamental para a família. Ao refletir sobre a gestão orçamental da família Rita admite ter já passado por várias fases a esse nível, como de forma clara nos exemplifica: “ (...) *quando casámos o meu marido ganhava muito pouco (...) tivemos (...) os dois filhos, só com o ordenado dele não era fácil mesmo. Depois (...) passei os seis meses na loja, praticamente não foi nada (...) apareceu isto da pastelaria, é claro, com o ordenado dele, a pastelaria também (...) correu bem (...) fazia-se ali algum dinheirinho, pronto, uma vida mais desafogada (...)*” (pág.13-14). Ora, se ao início a gestão tinha de ser mais rigorosa, com a abertura da pastelaria a família conseguiu alterar, para melhor, o estilo de vida, alterando-se inclusive, o modo de gestão, como de resto se compreende, mediante palavras da narradora: “ *eu orientava assim, o ordenado dele era p`a comermos, p`as despesas aqui de casa (...) da pastelaria tirava-se p`a vestir, calçar, p`as coisas deles (...) despesas extra (...)*” (pág.15); para além disso, sabemos que os gastos com o supermercado também não eram controlados de forma rígida: “ (...) *ia ao supermercado, quer dizer, enquanto que agora vou e olho aos preços (...) naquela altura (...) tinha uma vida desafogada e, não olhava a certas coisas (...) tinha uma vida diferente.*” (pág.14). Compreenda-se que, embora Rita tivesse o dinheiro da pastelaria, era ela quem geria o ordenado do marido, segundo a própria informa: “ (...) *ele dava-me o ordenado todo, alguma coisa que ele gastava era de horas que fazia (...) sempre teve o hábito de me dar o ordenado e eu orientava, toda a vida foi assim, mesmo tendo a pastelaria (...) o ordenado ficava p`ra eu orientar a casa, o outro (...) ao fim de semana fazíamos as contas, ele ia meter (...) no*

banco (...)” (pág.15-16). Desta feita, esse dinheiro colocado no banco só era utilizado mediante consenso de ambos. Para além de toda a gestão que Rita fazia em casa, estava também a seu cargo a gestão da pastelaria, sendo ela quem tratava das compras (pág.16). No entanto, com o desenrolar da doença do marido, a gestão de Rita teve de alterar-se novamente, isto porque, no presente gere, somente, a reforma do marido e a renda da pastelaria. Como sublinha: “ *sem a reforma dele não sei como era, é claro que tenho que orientar as coisas já de outra maneira, já olho a preços, já vejo.*” (pág.14). Neste contexto, diz-nos a narradora que também é muito importante saber orientar aquilo que se tem, para que não gastemos mais do que as nossas possibilidades. Apesar da sua vida económica ter sofrido algumas alterações, considera que conseguiu sempre gerir sem se endividar, o que para si tem muito valor (pág.15). Relativamente ao modo de aprendizagem desta gestão, Rita reconhece que não pôde contar com os ensinamentos da mãe para aprender essa tarefa, como afirma: “ *aprendi sozinha, porque a minha mãe tamém nunca tinha um ordenado, eles trabalhavam no campo (...) muitas vezes não tinham trabalho (...)*” (pág.17), mais nos adianta: “ *(...) minha mãe (...) era muito dominada (...) não tinha autonomia de mandar arranjar fosse o que fosse (...) era uma tristeza, por isso, não foi com ela que eu aprendi a gerir.*” (pág.17). Sendo a narradora proveniente de uma família carenciada, não teve em casa o melhor exemplo de gestão, pelo que, teve de ser ela a encontrar as suas regras e estratégias. Não obstante, Rita reconhece ter adquirido com a mãe alguns saberes, segundo, por exemplo: “ *(...) a fazer as coisinhas de casa (...) tinha que a ajudar (...) e (...) aprendi.*” (pág.18).

Neste sentido, com o seu regresso a Moura alterou: i) o *Território Sócio-Identitário Habitacional/Geográfico*; ii) o *Território S-I Laboral*, tendo trabalhado no salão de móveis, posteriormente na pastelaria e, finalmente com a sua decisão de deixar a pastelaria para cuidar do marido.

Da gestão dos recursos familiares à descoberta de um problema de saúde do marido, assistimos assim à transição do Momento 3 da vida da narradora.

3. MOMENTO 3: Mudanças ocorridas na trajetória de vida de Rita aquando da doença do marido

É a doença do marido de Rita que dá lugar ao Momento 3 da sua Trajetória Identitária.

3.1. ETAPA 1 do Momento 3: Descoberta da doença do marido leva a abandono da pastelaria

Esta não foi de todo uma fase muito animadora para a narradora, visto ter acompanhado, muitas vezes sozinha, o desenrolar da doença do marido. Com os filhos a estudar na cidade de Beja, quando o marido começou a apresentar os primeiros sinais de doença, os filhos não acreditavam naquilo que Rita lhes contava, e até ela, ao início, não queria admitir e atribuía vários comportamentos do marido a cansaço, como nos explica: “ (...) quando eu vi que ele não *‘tava realmente bem, foi quando ele resolveu sair da oficina (...)* eu notava mas, eu atribuía e depois certas cosas lá na pastelaria (...) *ele sempre foi uma pessoa muito arrumada, muito asseada, ele fazia a limpeza da pastelaria (...)* depois, vejo as garrafas do frigorífico (...) *umas p`ra cá, outras p`ra lá (...)* mas, *é assim, a gente aos cinquenta anos não tem a mesma força (...)* eu atribuía muito à pressa (...) *a cansaço.*” (pág.20). Conforme nos relatou Rita, tudo começou com o pedido de demissão que, de fato, acabou por se efetivar pouco tempo depois. Ora se, por um lado, Rita havia ficado preocupada com o pedido de demissão, uma vez que os filhos do casal ainda estudavam, por outro, ficou contente, pois sentia que o marido não estava a receber o reconhecimento que merecia no seu local de trabalho (pág.21). Tal como nos disse Rita, ao dar a notícia aos filhos, estes ficaram surpresos, tendo sido a filha mais compreensiva (pág.22). Rita, muito preocupada com o marido, achou por bem acompanhá-lo ao médico, para averiguar se o seu estado de saúde se encontrava normalizado. Não obtendo muitos esclarecimentos por parte da médica de família do casal, Rita resolveu recorrer a outro médico e a situação começou a mudar, tal como o estado físico do marido de Rita que, com o passar do tempo, foi enfraquecendo e debilitando-se (pág.22-23). Com o marido desempregado, Rita decidiu comprar-lhe uma pequena loja “ (...) *porque o sonho dele era comprar uma lojinha p`ra se entreter, assim com peças pequenas.*” (pág.23). Através de um leilão a narradora conseguiu o espaço para a nova loja do marido mas, o que parecia estar a correr bem, rapidamente se alterou e, mais uma vez, a doença apresentou sinais; isto, quando o marido de Rita lhe informou que no dia seguinte iria abrir a loja. Repare-se que, segundo a narradora, a loja ainda não dispunha de qualquer móvel, tinha sido pintada mas, ainda não estava pronta a ser aberta (pág.23). Para Rita esse era um comportamento muito estranho pois, o marido já tinha experiência adquirida na oficina onde trabalhou anteriormente: “ (...) *vindo de uma pessoa*

que, trabalhou naquela oficina toda a vida, teve contato com bancos, com finanças, a pastelaria (...) foi ele que tratou da papelada toda (...)” (pág.24). Para Rita eram incompreensíveis tais reacções apresentadas pelo marido; sabe-se que, a partir daí, a doença só foi piorando, como nos relata: “ (...) *aquilo foi um descalabro (...) ponha-se a montar uma mesa em cima d`outra (...) ele encomendava coisas, depois houve um vendedor que se aproveitou (...) era só comprar, comprar (...) já tinha a cave cheia (...)*” (pág.24). Tendo em conta todas estas situações, Rita considerou que o melhor seria arrendar a pastelaria. Com efeito, ao recordar esse tempo, Rita reconhece: “ (...) *houve uma altura em que pensei, `tou mêmo a cair no fundo, não sabia o que havia de fazer à minha vida. Ter de gerir a pastelaria, aqueles papéis, deixei tudo e vim p`ra casa cuidar dele e, vou cuidar até ao fim.*” (pág.50). Neste sentido, ficou em casa, sem trabalhar, desde 2007 “ (...) *`tou em casa há cinco anos por causa da doença do meu marido, tem sido muito complicado (...)*” (pág.4), porque o marido de Rita, ficou inteiramente dependente da esposa, por ter perdido a mobilidade. Rita explica assim, a sua tomada de decisão: “ (...) *entreguei a pastelaria (...) p`ra vir tratar do (...) marido. Achei que ele não merecia andar por aí sozinho, enquanto pôde andar, andei com ele na rua, depois na cadeirinha de rodas (...) enquanto pude, não posso já, de maneira nenhuma, as minhas costas não podem mais.*” (pág.4). É claro o seu relato ao referir que não conseguia deixar o marido em casa sozinho; desta feita, abdicou do seu trabalho para cuidar dele 24 horas por dia, pois entende que o marido é merecedor de todo esse cuidado: “ (...) *tudo quanto faço por ele é pouco e tudo quanto os filhos fazem por ele é pouco, é uma jóia de pessoa, muito bom pai, muito bom marido.*” (pág.4). Neste contexto, o seu discurso chega a ser paradoxal, pois, por um lado, diz-nos que foi muito difícil: “ *custou-me muito, principalmente porque a pastelaria foi (...) o trabalho que fiz ao longo da minha vida toda que mais gostei (...) costumava dizer que aquilo é um palco, porque ri-se, chora-se (...) uma porta aberta e entra tudo (...) é verdade, foi dos (...) que mais gostei (...)*” (pág.5); e por outro, sentia-se: “ (...) *um bocado cansada de `tar lá tanta hora, embora não fosse sempre a trabalhar, era o dia intêro. Depois chegava a casa tinha de orientar as coisas para de manhã, p`o almoço, p`o jantar (...).*” (pág.5). Digamos que, Rita gostava muito daquilo que fazia mas, em contrapartida, considerava a dupla tarefa demasiado desgastante para si. Posto isto, e depois de alguns acidentes de viação (relatados ao longo da transcrição da entrevista entre as páginas 26-31), numa das consultas em que Rita estava presente, o marido pede ao médico que o reforma, para espanto e, em simultâneo, satisfação da narradora, pois sabia que o marido já não estava capaz de exercer qualquer atividade

laboral. O médico foi muito claro e revelou que o marido de Rita estava com Alzheimer (pág.31). Estando os filhos afastados de casa durante a semana, estes não se apercebiam do avançar da doença do pai e, muito embora a mãe os tentasse informar, e não queriam acreditar: “ (...) *custou-lhes muito (...) a assumirem as asneiras que o pai fazia (...)*” (pág.26). Rita reconhece que esta situação foi de difícil aceitação para todos: “ *tem sido um sofrimento (...) um sofrimento muito grande p`ra gente.*” (pág.30). É forte e revelador de alguma tristeza, o discurso de Rita, ao avaliar todos estes acontecimentos: “ *no desenrolar das coisas (...) vi a minha vida dentro de um barco num rio à deriva sem saber onde ia encalhar (...) vinha p`ra casa (...) chorava (...) chorava horas seguidas. Sozinha, não os tinha cá a eles tão pouco p`a desabafar...*” (pág.25-26). Passado algum tempo, Rita começou a aperceber-se que o marido estava a esquecer-se dos nomes das ruas, depois de uma queda do mesmo, enquanto passeava na rua, passou Rita a acompanhá-lo nos seus passeios diários. Rapidamente, este perde a mobilidade e, a narradora começa a passeá-lo de cadeira de rodas, mas, tal como admite: “ (...) *as minhas costas já não deixavam (...)*” (pág.32), devido também ela a problemas de saúde nas costas, no presente, o marido passa os dias sentado numa cadeira, tendo sempre por perto a companhia e cuidado da esposa. Para Rita esta é uma situação difícil de enfrentar quer para o doente, quer para o cuidador: “ (...) *só tenho pena de não poder fazer mais por ele, porque, ao fim ao cabo a gente sofre, ele sofre (...) é que vê-se a vida passar-lhe à frente.*” (pág.32). Exemplo disso, é o fato de neste momento o casal já ter uma neta que, segundo Rita é muito prezada pelo marido, no entanto, entende que o marido sofre por não poder brincar nem conversar com ela: “ (...) *eu noto a tristeza nele, é um sofrimento muito grande (...)*” (pág.33). Repare-se que, todas estas situações contribuem para que Rita não se sinta capaz de sair de casa, por mais convites que receba das amigas para sair um pouco, tomar um café e conversar com elas, a narradora opta por ficar “ (...) *metida aqui em casa com o meu marido (...) não tenho vontade, nem alegria de ir a lado nenhum.*” (pág.33). Ora, a dedicação ao marido é tanta que, Rita acaba por não ter tempo para si. Apesar disso, e mesmo sabendo através do médico que podia mandar o marido para um lar, durante algum tempo para poder descansar, Rita diz-nos que, enquanto contar com a ajuda dos filhos, será ela a cuidar do marido mas, de momento, não consegue deixá-lo ao cuidado de terceiros (pág.34).

3.2. ETAPA 2 do Momento 3: Alteração de hábitos e rotinas em relação à: realização das tarefas domésticas, às saídas e cuidados pessoais

É também Rita a reconhecer que, com a doença do marido a realização das tarefas domésticas sofreu alterações, uma vez que a sua disposição também se alterou, segundo ela: “ (...) *tento fazer alguma coisa em casa, pouco, limpezas é quando... vai ficando como `tá (...) tenho as minhas costas desgraçadas, e tamêm (...) não me dá coisa de andar um dia inteiro e ele aqui sozinho, dá-me pena (...).*” (pág.4). Uma vez que a entrevista teve lugar na casa da narradora, mediante a observação realizada foi possível perceber que a casa não está suja, nem desarrumada; no entanto, Rita sente que não está tão limpa quanto estava antes da doença do marido. Ainda neste contexto, fez-nos saber que, há cerca de um ano, comprou uns novos cortinados e almofadas para a cozinha, com o intuito de renovar a cozinha, embora como ela nos revelou: “ (...) *ainda não os estreei, `tão lá em cima, a mudança da cozinha ainda não foi este ano.*” (pág.47).

Para além disso, nos dias de hoje e, devido ao avançar da doença do marido, Rita sente-se sem qualquer “ (...) *natureza p`a sair seja lá onde for (...)*” (pág.19), como nos disse: “ (...) *não vou beber um café (...) onde quer que íamos, (...) íamos e divertíamos (...) e, agora ninguém me vê (...) nem à minha família (...)*” (pág.19). Rita explicou-nos que deixou de ir à Baixa da Banheira visitar a família, pois sabe que o marido gostava muito da sua família e, principalmente dos cunhados. Como tal, não consegue estar com eles sabendo que o marido fazia muito gosto em acompanhá-la se a saúde lhe permitisse (pág.19). Ao longo do seu discurso são notórias as saudades que sente da família feliz que tinha. Isto porque, hoje, tanto ela como os filhos sofrem ao ver a debilitação do pai e marido. Conforme nos relatou: “ (...) *o nosso relacionamento, pais e filhos era sempre com o respeito de pais, sempre, sempre muito, muito aberto (...) a nível de família, tenho uns bons filhos, tenho um bom marido, fomos uns pais impecáveis.*” (pág.5).

Ao recordar os últimos tempos que passou na pastelaria, Rita fala-nos do quão difícil era olhar para as pessoas, vê-las felizes a viver a vida e ela pensar que, o tempo tinha parado só para si. São fortes as suas palavras ao afirmar: “ (...) *tanta gente a passear e eu nunca mais vou poder passear com o meu marido (...)*” (pág.46). É também inevitável a tristeza sentida nas suas palavras: “ (...) *ao fim ao cabo custava muito ver as outras pessoas continuarem a viver aquilo que eu vivi e eu tinha deixado de viver, só eu é que sabia (...)*” (pág.46). De fato, todos estes acontecimentos contribuíram para que Rita esquecesse de cuidar de si: ao longo

do seu relato, deu-nos conta de ter ido comprar uma roupa por insistência da filha, pois, segundo ela, se não sai de casa, não precisa de roupa nova (pág.47).

No presente, por mais que Rita tente falar com o marido – e fala muito, segundo ela – nunca obtém qualquer resposta, pois o marido já não fala. Rita reconhece que o casal passou a vida a trabalhar, isto porque quiseram sempre dar um futuro melhor aos filhos e porque planeavam gozar na reforma, aquilo que não tinham gozado ainda, como sejam as férias à Madeira, que a narradora tanto queria, e o cruzeiro que acabou por nunca ser realizado (pág.48-50). Ao relembrar como aproveitavam o tempo de férias, Rita apercebe-se que este foi passado sempre a trabalhar: “ (...) isto é estúpido, agora é que eu vejo bem, sempre a pensar nos filhos. A pastelaria quem a pintava éramos nós, as casas quem fazia as limpezas das pinturas, era ele (...) quando tínhamos as férias `távamos nós trabalhando (...)” (pág.48-49). Conforme o seu relato, Rita dá-nos conta de alguma tristeza por saber que, muito embora possa vir a fazer essas viagens, o marido não a acompanhará; como tal, sublinha: “ os sonhos ficaram e as recordações.” (pág.50).

4. AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL DE SER DOMÉSTICA

4.1. O que é ser Doméstica?

Mediante as palavras da narradora, conclui-se que, segundo ela, a mulher doméstica tem de fazer tudo. Quando questionada sobre o que é ser doméstica, respondeu: “ (...) é o que eu `tou a ser agora, eu sou doméstica, sou enfermeira do meu marido, sou barbeiro dele, corto-lhe o cabelo, faço-lhe a barba, faço tudo (...) ser doméstica é isto (...) é o que dizem, faz a lida da casa, é doméstica.” (pág.54). De fato, o discurso da narradora é revelador de um presente dedicado exclusivamente ao marido.

Ao refletir sobre o trabalho da mulher doméstica, Rita considera o trabalho doméstico: “ (...) uma tarefa muito ingrata (...) mulher que se dedique ao lar e à família tem uma tarefa muito ingrata. Porque nós acabamos por ser o pilar da casa, e acho que ninguém nos dá valor, por mais que digam que sim.” (pág.44).

4.2. O que é ser Doméstica, segundo a família e sociedade em geral?

É interessante a comparação de Rita quando questionada sobre a valorização da família em relação ao trabalho da mulher doméstica. Ora, Rita entende que, assim como o dia da mãe não deve ser valorizado apenas um vez no ano, a mulher doméstica também “*tem que ser todos os dias (...)*” reconhecido (pág.44). No seu caso, em particular, assume que “*(...) os (...) filhos (...) reconhecem um pouco (...)*” (pág.50-51). Não obstante, de um modo geral, a narradora entende que a família “*(...) continua a não valorizar (...)*” (pág.51), e exemplifica de modo simples, qual a opinião não só da família mas, também, da sociedade no geral, ora vejamos: “*(...) basta dizer, o que é que a tua mãe faz? Não faz nada, `tá em casa. O que é que a tua mulher faz? Ah, a minha mulher `tá em casa, ã faz nada (...) acho que há muito ainda isso, ainda se vê por aqui.*” (pág.51). Relativamente à opinião dos casais mais novos, ela acredita que haja hoje mais partilha de tarefas: “*acho que hoje em dia (...) há sempre um que não, mas os casais, pelo que eu vejo do meu filho, já vão pensando de outra maneira, principalmente porque a mulher hoje em dia já trabalha, raramente a mulher fica em casa p`a poderem sobreviver, têm que trabalhar os dois. Por isso, como eles tamêm já ajudam, já sabem o que custa.*” (pág.51). Portanto, Rita considera que já se vai assistindo a uma ligeira mudança, nem que seja na forma de pensar.

APÊNDICE I: Análise Descritiva do Relato da Narradora Maria CM

1. APRESENTAÇÃO DE MARIA CM

Maria nasceu na vila de Campo Maior em 1930, é portanto, uma mulher alentejana, com 81 anos de idade (pág.1).

O caso de Maria pode ser analisado a partir de 2 Momentos: o Momento 1 que nos permite conhecer a menina, enquanto filha, irmã, prima e neta, de criança a jovem; e o Momento 2 que marca o casamento e consequente vida de casada da narradora, onde se destaca a maternidade e as várias deslocações geográficas a que esteve sujeita a narradora.

2. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA: 2 Momentos Marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1931-1951): A criança – filha, irmã, prima e neta num meio social carenciado

Sabe-se através do relato de Maria que, ela era considerada “*a menina da família*” (pág.1). Segundo a própria, tinha dois irmãos, mas um faleceu com 19/20 anos de idade (pág.18). Enquanto criança, viveu na casa dos pais e passava muito tempo na casa da avó com uma prima de quem gostava muito. Para além disso, revela ainda no seu relato que teve uma educação católica e passou a ser praticante, indo regularmente à missa (pág.30).

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1931-1941): Nascimento e infância

Ao longo do seu relato, Maria não falou muito sobre a sua infância, como tal, disse-nos que nasceu em 1930 e, posteriormente, começou a falar sobre o seu período escolar. Ao recordar o seu tempo de estudante, a narradora dá-nos conta de ter sido uma boa aluna: “ (...) *tive sempre aproveitamento bom* (...)” (pág.1), para além disso, enquanto estudava gozava de todo o tempo para estudar. No entanto, sendo ela irmã de dois rapazes, concluiu somente a 4.^a classe, pois o seu pai não tinha possibilidades financeiras para manter três filhos na escola (pág.1). Desta feita, na etapa seguinte compreender-se-á como passou a ser a sua vida após ter interrompido a sua trajectória escolar.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (1941): Interrupção do percurso escolar – início da realização das tarefas de casa

Dada a impossibilidade de continuar o seu percurso escolar, em 1941 a narradora começava a trabalhar em casa, mediante decisão de seu pai (pág.1). Segundo Maria, inicialmente eram poucas as tarefas que fazia: sendo ela ainda pequena, fazia a sua cama e pouco mais; mas com o passar dos anos começou a colaborar também nas limpezas da casa (pág.1). É a mesma quem nos diz que, como os irmãos eram rapazes, não podiam fazer nada em casa “ (...) *ficava-lhes mal*” (pág.18), então, embora nos diga hoje que já na época não concordava tinha de ser ela a fazer as tarefas de casa. Maria considera que esta foi uma educação errada, porque existem tarefas que o homem também deve fazer, o exemplo disso foi o marido que, depois de ensinado por ela, começou a colaborar, nomeadamente, a colocar a toalha do banho a secar e a roupa suja no devido lugar (pág.19). A narradora admite ter mesmo ensinado o marido a fazer as tarefas, para que não tivesse ela de fazer tudo sozinha, diz-nos mesmo: “ (...) *então ele ia achar que eu era criada dele, não podia ser* (...)” (pág.19).

Como não podia estudar, Maria dedicou-se à costura, era de fato uma arte que muita apreciava e tão bem realizava, como se compreende na etapa que se segue.

2.1.3. ETAPA 3 do Momento 1 (1942): Juventude entre casa dos pais e casa da avó e realização de trabalhos de costura

Em 1942, a narradora inicia um curso de bordados mas, tal como nos refere: “ (...) *o meu pai não me deixou continuar, tive de vir para casa (...) e não acabei o curso de bordados.*” (pág.1). Através do seu relato, percebe-se que o curso era ensinado por freiras, assim sendo, o pai da narradora tinha medo que ela fosse freira, por isso, não a deixou continuar (pág.2), não obstante é a própria quem assume: “ (...) *gostava delas mas não tinha vocação p`ra ser freira (...) rezo muito (...) mas p`ra freira não tinha vocação (...).*” (pág.3). Neste contexto, é clara a tristeza no seu discurso ao afirmar que, ao longo da sua trajectória de vida, muitos foram os percalços que não lhe permitiram concretizar os seus sonhos, como de resto destaca: “ (...) *nunca pude acabar nada que eu comecei (...).*” (pág.3).

Por via do seu relato, sabe-se que Maria viveu com a avó até casar, uma vez que, a tia que vivia com a avó faleceu, como tal, e para que a avó não ficasse sozinha a narradora diz-nos: “ (...) *vivi com a minha avó (...)*” (pág.6), como nos explicou, durante o dia ia a casa dos pais, mas à noite: “ (...) *ia a dormir com a minha avó (...)*” (pág.16). Segundo Maria a avó valorizava muito os seus trabalhos manuais, incentivava-a a bordar e costurar, até se oferecia para lhe fazer a cama (pág.6). Embora o pai da narradora não quisesse que a mesma trabalhasse fora de casa, ela diz-nos que: “ (...) *apanhava malhas nas meias p`ra ganhar alguma coisa (...)*” (pág.6); para além disso, bordou também uns lenços para uma senhora, mas foi um trabalho pontual e de curta duração. Durante a sessão de entrevista, foi com alguma tristeza que Maria falou sobre o assunto, uma vez que sempre quis desenvolver a sua aptidão pela costura e pelo bordado, perspectivando mesmo ser uma profissional remunerada mas, nunca o conseguiu porque o seu pai não permitiu que trabalhasse para fora. É esclarecedora ao relatar: “ (...) *podia ter andado numa costura de alfaiate, que ganhava como as costureiras ganhavam. (...) gostava de ter ido (...) gostava de ser remunerada do meu trabalho, agora trabalhar e não ter lucro nenhum (...).*” (pág.6). Maria gostava que o seu trabalho pudesse ser reconhecido e valorizado economicamente, o que de facto não acontecia, pois tudo o que fazia era para casa, para si e para a família (pág.6), dado considerar que “ (...) *a gente aquilo que sabe deve ensinar aos outros (...).*” (pág.49). Em tom de

lamento e com um certo conformismo, passados tantos anos, diz-nos a narradora: “ (...) gostava mesmo muito do trabalho, foi mesmo a pena que tive, foi de não tirar o curso completo, mas então.” (pág.7). Quando comparando as atitudes e comportamentos do pai e do marido, Maria reconhece: “ (...) o marido, já eu dominei (...) ele também não se importou que eu fosse tirar o curso da decoração (...) ele gostava que eu fizesse (...).” (pág.7). Considera, por isso, que se as oportunidades tivessem surgido depois do casamento, teria conseguido a profissão pretendida, mais afirma: “ (...) o marido é o marido, o pai, é o pai.” (pág.7). Segundo ela, o pai era um homem “ (...) ditador (...).” (pág.7). Tal como não concordou que Maria fosse trabalhar fora de casa, também não concordava que a mãe de Maria fosse trabalhar para colaborar nas despesas da casa, isto porque era um homem muito autoritário, como de resto nos diz a narradora, o que impossibilitava qualquer decisão por parte da mãe – esta limitava-se a seguir as ordens do marido (pág.56; 59). Comparativamente ao presente, Maria considera que, “ (...) os maridos hoje não se importam que as mulheres trabalhem. (...) `tão habituados a que a mulher tenha o seu ordenado.” (pág.59). De fato, a emancipação e a entrada da mulher no mercado de trabalho vieram inverter esta situação e permitir que hoje as mulheres não estejam tão dependentes dos maridos, Maria entende assim, que esta foi uma mudança favorável: “ (...) foi uma mudança que houve e foi boa (...) é bom a mulher ter o seu ordenado (...).” (pág.60).

Na sua juventude, Maria ocupava os seus tempos livres a bordar e a fazer costura na casa da avó com a prima, tendo em conta os ensinamentos que a avó já lhe tinha dado, apesar disso, fez-nos ainda saber que ia à casa das amigas, e também recebia as amigas em casa, claro está, eram sempre jovens de boas famílias que a mãe conhecesse. Para além disso, em ocasiões festivas, como no carnaval, a narradora ia aos bailes mas, tal como refere, era só quando o pai autorizava (pág. 2; 15 e 17). No decorrer do seu relato, Maria partilhou um episódio que lhe aconteceu quando um dia já tinha o seu vestido engomado e perfumado para ir ao baile. Segundo ela, a mãe tinha autorizado, no entanto, quando o pai chegou a casa, sentindo o cheiro do perfume no vestido e não tendo dado autorização, não deixou que a filha fosse ao baile. Para Maria, esta foi uma atitude de difícil compreensão e aceitação, como afirma: “ esta foi a coisa que mais mal me caiu, o meu pai fazer isto à minha mãe, tirar a avessidade à minha mãe. (...) custou-me tanto aquilo (...) chorei tanto em casa da minha avó (...).” (pág.15-16). Não obstante, hoje, admite compreender melhor: “ (...) hoje percebo já muito bem isso (...) hoje, já desculpo um bocado (...).” (pág.16). Isto porque, sendo o pai guarda fiscal, passava muito tempo fora de casa, então, Maria hoje aceita com mais

passividade, entendendo que ele: “ (...) *queria se deitar cedo, e `tar sozinho em casa (...)* com a minha mãe” (pág.16). Como dormia com a avó, depois daquele episódio menos bom, Maria foi para casa dela e segundo nos relata: “ (...) *chorei tanto em casa da minha avó (...).*” (pág.16). A narradora recorda ainda a reacção da avó nessa noite: “ (...) *fui p`ra casa da minha avó e diz ela assim: “- p`a que não trouxeste o vestido p`ra cá? Eu agora deixava-te ir.” (...)*” (pág.16), depois das palavras da avó, Maria sublinha: “ (...) *veja lá, p`ra minha avó me dizer que me deixava ir, uma pessoa já com oitenta e tal anos, e o meu pai não me deixar ir.*” (pág.16). Repare-se que, este é um exemplo claro do poder paterno e da submissão da mulher, neste caso, da filha que não podia desobedecer às ordens da figura paterna que detinha o poder sobre a família.

Ao descrever o seu namoro, Maria dá-nos conta de que, havia um controlo muito grande por parte dos pais – de acordo com os padrões sociais daquela época, bem como daquele meio rural –, até porque havia sempre alguém a vigiar o namoro, sendo certo que, este só poderia acontecer durante o dia, através de uma janelinha pequena, em que a narradora ficava dentro da casa e o rapaz ficava na rua (pág.61-62). Depois de alguns anos de namoro, disse-nos a narradora que foi ela quem tratou do seu enxoval, para o casamento. Esta foi uma fase de muito trabalho, pois os bordados que escolheu para os seus lençóis eram muito demorados e “ (...) *muito trabalhosos (...)*” (pág.6), daí que, nessa época não colaborasse tanto nas tarefas domésticas de casa (pág.6).

Neste Momento 1, podem-se registar alterações em vários Territórios Sócio-Identitários, como sejam: i) o familiar, sofrendo alterações com o crescimento da narradora e consequentes desagradados nas decisões tomadas pelo pai (Etapa 3 do M.1); ii) o geográfico/habitacional, alterado quando a narradora passa a ir viver com a avó pois, para além da casa dos pais, teve de adaptar-se à casa daquela (Etapa 3 do M.1); iii) o das sociabilidades, registam-se alterações quando a narradora teve de abandonar os estudos (Etapa 1 do M.1), quando iniciou o curso de bordados (Etapa 3 do M.1) e teve de o interromper e, a ainda, ao iniciar o namoro (Etapa 3 do M.1).

Conhecida a trajectória de vida de Maria, enquanto menina e jovem, passamos ao Momento 2, iniciado com o seu casamento e posterior maternidade de Maria.

2.2. MOMENTO 2 (1951-2012): O Casamento, a Maternidade e a vida de casada

O casamento de Maria foi em 1951, tendo sido um acontecimento bem aceito pelos pais, até porque é a própria quem reconhece: “ (...) *portei-me sempre bem, como eles dizem que é portar bem. (...) nunca dei escândalos (...) era muito recolhida (...) e gostaram tão bem do rapaz, ele era de boas famílias (...) muito inteligente, gostaram do casamento.*” (pág.7-8). Neste sentido, aquando do casamento – como fazia parte das regras sociais naquela época – Maria conta-nos: “ (...) *comprou-me tudo, o meu pai pôs-me a casa (...) louças (...) e roupas.*” (pág.8). Ao falar-nos sobre o seu casamento, sublinhou que foram mais de 50 anos junto do marido, advertindo que nem sempre é fácil, segundo a narradora: “ *é muito tempo, a gente cansa-se um bocadinho uns dos outros (...) não somos santos, mas... nosso senhor vai dando paciência, e vamos nos aturando e desculpando (...).*” (pág.25). Atendendo ao seu relato, Maria saiu da casa dos pais para ir morar com o marido depois do casamento, como se percebe de seguida.

2.2.1. ETAPA 1 do Momento 2 (1955-1963): Saída de casa dos pais para assumir a vida de casada e maternidade

Foi ao casar-se que Maria saiu da casa dos pais e foi morar com o marido para Santa Margarida, pois sendo este militar, ela tinha de deslocar-se para o local onde o mesmo estivesse a prestar serviço (pág.8). Maria reconhece que, com o casamento, passou a ter mais trabalho para fazer em casa pois, tinha de tratar das fardas do marido, de toda a limpeza e arrumação da casa e, ainda costurava toda a roupa, como nos relata: “ *a costura que eu aprendi deu para (...) fazer as minhas saias (...) blusas (...) vestidos, eu fazia tudo, só não fazia casacos.*” (pág.11). Muito embora nunca tenha tido uma profissão fora de casa, é a narradora quem admite ter passado a sua vida a trabalhar: “ (...) *fartei-me de trabalhar, trabalhei muito.*” (pág.11).

Para além do acumular de trabalho que tinha, Maria também teve de gerir o seu tempo cuidando das duas filhas do casal. Ora, em 1956, cinco anos depois do seu casamento, Maria é mãe pela primeira vez de uma menina (pág.9). Segundo a mesma, as suas filhas têm uma diferença de idade de sete anos, assim sendo, em 1963 Maria é mãe pela segunda vez de outra menina (pág.9).

A maternidade não foi um assunto muito relatado pela narradora, como tal, passamos à etapa seguinte que demonstra as várias mudanças geográficas a que esteve sujeita Maria e suas filhas, para poder estar perto do marido.

2.2.1.1. FACTOR DE MUDANÇA do Momento 2: Ida do marido para o Ultramar e regresso da narradora a Campo Maior

Devido às frequentes deslocações geográficas do marido, poucos anos depois de estar casada, Maria teve de regressar à sua terra natal, isto porque, o marido tinha de ir para o Ultramar, esta foi sem dúvida, uma mudança na vida da narradora que na etapa seguinte melhor se compreenderá.

2.2.2. ETAPA 2 do Momento 2: Regresso de Maria à sua terra natal (Campo Maior), devido à ida do marido para o Ultramar

Na verdade, depois de Santa Margarida, Maria viveu várias mudanças de localidades e de casa. Tendo o marido de ir cumprir uma comissão militar ao Ultramar, Maria regressa ao Alentejo, mais precisamente a Campo Maior, com as suas duas filhas pequenas. Nesta fase em que o marido estava longe, a narradora passava muito tempo em casa, como nos relatou: “ (...) *passei o tempo em que não tive o meu marido, passei-o em casa, não saia, só ia à missa.*” (pág.8 e 46). Mediante o seu discurso percebe-se inclusive que era a mãe de Maria quem ia à praça fazer as compras, isto porque, os pais viviam perto e como tal, passavam muito tempo todos juntos: “ (...) *os meus pais iam todas as noites lá passar o serão comigo.*” (pág.8). Maria reconhece ter lidado bem com a distância do marido, apesar de sublinhar ter tido “ (...) *desgostos muito grandes, mas (...) passei sempre o tempo muito bem (...) muito em casa (...).*” (pág.14-15). Enquanto esteve em Campo Maior com as filhas, Maria reconhece ter enfrentado momentos mais difíceis a nível financeiro, mas que conseguiu ultrapassar: “ (...) *fazia uma vida mais económica, eu na alimentação limitava-me a comer certas coisas que (...) não dava às filhas (...) p`ra elas fazia sempre uma coisinha melhor (...) eu limitava-me a ficar só com uma sopa (...).*” (pág.42). A planificação das refeições, visto ter duas filhas pequenas, era, por isso, uma grande preocupação para a narradora, era importante que as alimentasse corretamente: “ (...) *pensar o que havia de dar (...) eu fazia assim (...) todas as semanas dava bife (...) mioleira (...) fígado (...) peixe p`ra cozer (...) assar (...) fritar. Depois (...) comprava todas as semanas um queijinho (...) dos mais*

pequenos (...) às vezes não chegava p`ra semana toda e, então eu fazia assim (...) dava-lhe fruta ao almoço e ao jantar dava-lhe um chazinho com pão com queijo. (...) e de manhã dava-lhe manteiga.” (pág.42-43). Repare-se que, estando o marido longe de casa, Maria refere que não tinha motivação ou que não era capaz de confeccionar um doce, pois o marido era muito guloso e, como de cada vez que pensava fazer, se lembrava dele, então, teria optado por não fazer (pág.43). Maria considera que, quando o marido trabalha e chega a casa ao final do dia a educação é partilhada e as preocupações dividem-se, mas quando o marido demora muito a chegar, como era o seu caso, a responsabilidade passava a ser sempre sua, seja no cuidado com a alimentação, seja quando as crianças ficam doentes, no seu caso como afirma: “ (...) *foi mais o tempo que eu `tive sozinha do que o tempo que `tive com ele.*” (pág.45).

Com o marido no Ultramar, como se disse, Maria passava muito tempo em casa, o que fazia com que as filhas também não saíssem muito, como se percebe no seu discurso: “ (...) *não saia com as minhas filhas a lado nenhum, não ia a um jardim, não ia a lado nenhum.*” (pág.36). Hoje, a narradora reconhece que a sua atitude não foi a mais correta: “ (...) *se fosse hoje não fazia isso (...) porque elas tiveram a (...) cumprir um sacrifício que (...) eu é que queria fazer e elas tiveram que fazer comigo (...).*” (pág.36). Diz-nos, por isso, que se fosse hoje levaria as filhas a um jardim, apesar de ressaltar que aos bailes não iria, uma vez que o marido estava longe. Ao refletir sobre o assunto, Maria refere que o marido também nunca lhe disse que saísse e levasse as filhas a passear, mas no seu discurso aponta duas explicações: acredita que poderia ser por esquecimento, também admite que essa omissão do marido poderia decorrer de o mesmo preferir que Maria não saísse de casa (pág.36-37). Enquanto mãe de duas meninas considera ter sido essa a sua falha maior ao nível da educação das mesmas: “ (...) *não tinha vontade de ir. E depois não me lembrava que as minhas filhas haviam de querer e que precisavam, cumpri isso mal (...) há sempre uma coisa que se arrepende na vida (...).*” (pág.37).

Assim, como a maior parte do seu tempo era passado em casa, Maria ocupava-se realizando as tarefas de casa, como a própria reconhece: “ (...) *lavava a roupa toda no tanque, mas distraía, porque ajudou-me a passar a solidão do meu marido.*” (pág.8). Devido a alguns problemas de saúde, no presente, Maria já não é capaz de realizar as tarefas domésticas de sua casa, como tal, afirmou sentir essa mesma solidão, pois, o marido já faleceu e ela sente muita a sua falta (pág.9).

Já foi possível perceber que o casal esteve sujeito a várias deslocações geográficas, como tal, a etapa seguinte apresenta as vivências relatadas por Maria, de quando ela esteve na Guiné e, em Cabo Verde.

2.2.3. ETAPA 3 do Momento 2: Idas da narradora para o Ultramar para ficar perto do marido – a vida na Guiné e Cabo Verde

Sabe-se que, o marido da narradora esteve a trabalhar na Guiné e, em Cabo Verde, desta feita, Maria e as filhas estiveram presentes, durante o período permitido (pág.30). Apesar das diferenças de temperatura e da escassez de certos alimentos, Maria afirma: “ (...) gostei de lá estar, mas na Guiné era um calor muito grande (...) em Cabo Verde a Ilha do Sal não tem nada, não tem uma ervinha (...) agente lá p`ra comer um bocadinho de hortaliça, era o que nos dispensava o empregado do (...) aeroporto (...) era muito triste a vida (...) na Ilha do Sal.” (pág.31).

Primeiramente, Maria esteve na Guiné, segundo nos disse, a mudança geográfica não era problema para si: “ (...) adaptava-me bem, fazia a minha vida igual à que fazia cá. (...) em a gente trabalhando (...) trabalha tudo em qualquer lado (...). (pág.34). A sua experiência na Guiné, é de resto exemplo disso, pois apesar de não ter móveis em casa, a narradora encontrou na sua criatividade forma de resolver o problema. Maria esteve somente uma vez na Guiné, e enquanto lá esteve, diz-nos ter feito “ (...) uns móveis em (...) casa com as caixas do bacalhau.” (pág.34). Mais nos explica: “ (...) fiz (...) o desenho que tinha os caixotes encostados uns nos outros (...) em tecido com um lisinho todo à volta, umas saias até baixo franzidas (...) `tava que era uma maravilha a minha cozinha (...).” (pág.34). Já em Cabo Verde também contou com a ajuda do cabo carpinteiro da companhia e conseguiu mudar a sua cozinha, com o mesmo método das caixas fez também um móvel e ainda, com uma bacia devidamente canalizada podia lavar a sua loiça. É Maria quem assume: “ (...) tinha uma cozinha encantadora (...) tudo em caixotes (...).” (pág.35). Maria esteve um ano em Cabo Verde, ao falar sobre essa experiência, relembra que fazia a sua vida normal. Devido à profissão do marido, dispunha de um fascina que a ajudava na realização das tarefas domésticas, no entanto, diz-nos que era a própria quem lavava a sua roupa: “ (...) dava-me pena ver a minha roupinha ali a ser batida como eles batiam, minha bela roupinha (...) custava-me muito a fazê-la, e não tinha vontade de a ver estragada (...).” (pág.32). A narradora dá-nos ainda conta de um dia muito complicado que passou igualmente em Cabo

Verde. Ora, estando eles na Ilha do Sal, toda a comida que recebiam era entregue por barco, como tal, houve um dia em que o barco não conseguiu atracar e, as famílias ficaram apenas com conservas para comer. Maria descreve este episódio como complicado, porque tinha a filha mais nova com apenas 2 anos de idade e sem comida, não lhe poderia dar conversas. Foi com muito alívio que conseguiu resolver a situação quando uma vizinha generosamente lhe cedeu um ovo para poder de almoço à filha mais pequena (pág.32). Maria relata também que os seus dias eram passados em casa, quer a tratar das tarefas domésticas, quer a costurar, lembra-se por isso, que fazia renda e até aprendeu a fazer criolês, mas infelizmente nunca mais fez e hoje, já não tem bem presente como se faz de facto. Estando longe do seu país as únicas amizades que tinha, eram as mulheres dos outros militares que iam do continente (pág.33).

De regresso a Portugal, o casal passou por Águeda e um ano depois, mudou-se para Coimbra, onde reside a narradora até ao presente. A etapa que se segue, dá-nos conta de mais alguns percalços na vida da narradora, com a presença do pai na sua vida familiar, já depois de casada.

2.2.4. ETAPA 4 do Momento 2: Instabilidade Geográfica e Residencial e a presença do pai na vida familiar

Em 1971 Maria foi com o marido e com as filhas para Águeda pois, o marido estava na Escola Central de Sargentos; mas, tal como relata, esta foi a sua pior experiência relativamente a todas as deslocações geográficas a que esteve sujeita. Diz-nos mesmo: “ (...) *távamos em casa sempre (...) foi um martírio (...) aquilo foi um inferno (...)*” (pág.38), Maria só gostou de lá estar no período de férias escolares das filhas, porque assim tinha-as em casa (pág.39).

Um ano depois, em 1972 o casal decide mudar-se para a cidade de Coimbra, perspectivando melhores condições de estudo para as filhas, sendo esta uma cidade que disponha de universidades.

Tendo em conta a profissão do marido e as suas ausências frequentes (pág.34), Maria reconhece ter educado bem as filhas, considerando, inclusive, ser essa a sua obrigação, como de resto se compreende pelo seu discurso: “ (...) *cumpri bem a minha obrigação, porque eduquei as filhas praticamente sozinha, com o marido sempre no Ultramar (...)*.” (pág.10). A

mesma obrigação incluía ensiná-las para que aprendessem a fazer as tarefas de casa: “ (...) *quis que elas também soubessem fazer todas as coisas, quis que aprendessem a fazer, porque quem não sabe fazer, não sabe mandar.*” (pág.10). E, quando mais crescidas, as filhas colaboravam na realização das tarefas domésticas (pág.10).

Passados 6 anos, remetendo ao ano de 1978, diz-nos Maria que iniciou um curso de decoração, tendo inclusive, no momento da entrevista mostrado alguns dos seus trabalhos (pág.3). No entanto, este seria mais uma vez, um projecto que não teria o desfecho pretendido pela narradora, uma vez que, devido a problemas de saúde do pai, Maria teve de abandonar o curso e, dividir o seu tempo entre a cidade de Coimbra e a sua terra natal que era Campo Maior, a fim de cuidar do seu pai que sofria uma trombose (pág.4). Tal como nos relatou: “ (...) *não pude acabar, porque o meu pai adoeceu com uma trombose (...) tive que ir daqui (...) p`ro Alentejo tratar do meu pai e tive que acabar também com aquilo (...).*” (pág.4). Repare-se que, segundo o relato de Maria, de cada vez que tentava investir numa profissão que realmente gostava e pela qual aspirava algum futuro profissional, ela menciona a presença da figura paterna estando sempre presente e, neste caso, contribuindo para que, mais uma vez Maria não conseguisse concluir o seu sonho. Ou não fosse claro o seu discurso: “ (...) *tive assim uns obstáculos, muitas contrariedades. (...) foi a escola, não fui mais p`ra frente, foi os bordados não me deixou, a costura também (...).*” (pág.4-5).

No Momento 2, podem assinalar-se alterações em vários Territórios Sócio-Identitários, tais como: i) o familiar que se alterou quando a narradora saiu de casa dos pais para morar com o marido (Etapa 1 do M.2); ii) o geográfico/habitacional, alterado primeiramente com a saída de Maria da casa dos pais para viver em Santa Margarida (Etapa 1 do M.2); do seu regresso a Campo Maior; das suas idas e adaptação à Guiné e a Cabo Verde (Etapa 3 do M.2); mais tarde da sua ida para Águeda (Etapa 4 do M.2); e, ainda da sua mudança geográfica para a cidade de Coimbra (Etapa 4 do M.2); iii) o das sociabilidades, associado à mobilidade geográfica que implicou também mobilidade relacional com as pessoas com quem se cruzava e criou inclusive, laços de amizade (Momento 2).

De seguida, será conhecida a avaliação de Maria sobre o trabalho realizado pela mulher doméstica, tendo em conta, a sua avaliação pessoal e a avaliação social que é feita por toda a sociedade em geral.

3. AUTO AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL COMO DOMÉSTICA

3.1. O que é ser Doméstica?

Para Maria a mulher doméstica “ (...) *é um faz tudo (...) tem uma vida muito, muito ocupada (...)*” (pág.5), porque segundo a narradora é preciso “ (...) *tratar da casa, tratar da roupa (...) a gente faz tudo (...)*” (pág.5). Para além disso, a doméstica “ (...) *pinta (...) caia (...) lava (...) esfrega (...) faz comer (...) pinta as paredes, pinta as portas.*” (pág.21). Mediante o seu relato, reconhece que, ser doméstica foi para si, uma obrigação, uma vez que sempre quis ter uma profissão e o pai nunca permitiu (pág.11). É claro o seu discurso ao referir: “ (...) *ser doméstica é que foi (...) ser só isso. Eu gostava de ter tido outro emprego, porque (...) as mulheres sempre têm emprego e sempre têm as limpezas (...) têm que fazer de donas de casa, sempre têm que fazer doméstico.*” (pág.11). Conforme o seu relato, Maria dá-nos a perceber que ser doméstica hoje é diferente de ser doméstica antigamente, pois considera que, “ (...) *hoje as coisas `tão muito diferentes (...) há muitas coisas p`ra substituir, há máquinas (...) antes p`ra fazer um bolo fartava-se de bater, agora já temos as batedeiras.*” (pág.29). Portanto, a narradora entende que houve um progresso ao nível tecnológico, por exemplo, que permitiu registar alterações também ao nível do trabalho doméstico, pois a exigência com que se realizam as tarefas também se alteraram, com isto, Maria sublinha: “ (...) *não é tão forçado como era antigamente, o trabalho doméstico. Hoje (...) anda quase tudo com a esfregona, ninguém se ajoelha no chão (...) eu lavei sempre a minha cozinha de joelhos no chão (...) era sempre tudo bem esfregadinho. (...) hoje (...) vejo aí virem lavar as escadas (...) passa a esfregona numa e a outra fica sem passar (...).*” (pág.30). Considera, por isso, que apesar do progresso que houve ao nível de mais electrodomésticas, equipamentos e produtos, as tarefas acabam por ser realizadas com menos precisão “ (...) *não é tão duro como era (...) `tá tudo muito modificado.*” (pág.30).

Embora muitas vezes o trabalho da mulher doméstica seja desvalorizado, Maria sublinha que em casa a mulher doméstica tem muito valor porque todos precisam dela, como nos explica a mesma: “ (...) *a dona de casa, tudo se chega (...) é as filhas vêm a pedir coisas à mãe, é o marido que chega a pedir coisas (...) parece que não temos valor nenhum, mas no final temos um grande valor (...) quando chegam a casa tudo precisa da mãe.*” (pág.50). Desta feita, é a própria a reconhecer que a doméstica, por sua vez, precisa deles todos (pág.50).

Maria reconhece que manter a casa limpa e bonita requer muito trabalho, segundo ela: “ (...) *faz-se tanto sacrifício p`ra se ter uma casa tão bem limpa e (...) com bom aspecto, dá muito trabalho (...) mas eu gostava tanto de pôr cera (...) puxar o brilho (...) tinha sempre a minha casa muito brilhante.*” (pág.26). Para além disso, admite ter gostado sempre daquilo que fez, muito embora pudesse ter seguido outra profissão, sempre fez o serviço de casa com muito gosto, como refere: “ (...) *eu o que fiz, gostei sempre (...) gostava de fazer tudo (...) e tudo bem feitinho.*” (pág.27). Segundo a narradora, durante a sua rotina diária, gostava de chegar às 15h e “ (...) *ter a (...) cozinha arrumada, tudo lavadinho, tudo a escorrer (...)*” (pág.27), como nos disse Maria, a loiça deixava-a secar sozinha, pois considerava um desperdício de tempo, estar a molhar um pano para a secar (pág.27).

Ser doméstica, mãe e esposa, segundo Maria “ (...) *custa um bocadinho (...) há muitas coisinhas que não correm bem (...)*” (pág.53), mas com paciência tudo se aguenta, apesar de admitir que, por vezes, já não existe capacidade para resolver as dificuldades (pág. 54).

No decorrer da sessão de entrevista, foi ainda possível observar um dos últimos trabalhos de costura feito pela narradora, um vestido para uma boneca de uma das suas duas filhas. Uma peça muito bem costurada e bordada, um admirável trabalho que revela de facto, o enorme potencial que Maria teria se tivesse seguido o seu sonho, como costureira ou modista (pág. 27; 28; 49). É a própria a assumir que todos os seus trabalhos foram feitos com gosto e amor: “ (...) *gostava (...) fazia-os com amor.*” (pág.29). Para Maria, doméstica foi sempre a sua profissão desde que casou, não obstante o seu gosto pelo bordado, pela costura, pela decoração, pelo potencial que tinha para vir a desenvolver uma atividade profissional, afirma: “ (...) *ficou só por um, pela doméstica.*” (pág.54).

Entendida a leitura que Maria faz sobre aquilo que considera ser o trabalho da mulher doméstica e sobre como é sê-lo, compreenda-se também, segundo a mesma, como gere o orçamento familiar e como ocupava e ocupa no presente, os seus tempos livres.

. Avaliação, por Maria, da gestão do orçamento familiar

Relativamente à gestão do orçamento familiar, segundo Maria: “ (...) *o meu marido entregava-me o ordenado.*” (pág.37). Dessa feita, é curioso o método utilizado pela narradora para gerir o dinheiro. Vejamos como fazia: “ (...) *dividia aquilo por envelopes (...) um p`ra comida (...)*” (pág.37), que na época era de vinte escudos por dia, então a narradora

comprava consoante o valor que dispunha, quando chegava ao fim do mês, optava por gastar tudo o que tinha na dispensa até que o marido voltasse a receber novo ordenado. No seguimento dos gastos com alimentação, havia outro envelope que Maria denominava como envelope das sobras, neste colocava o dinheiro que sobrava da alimentação, tal como explica: “ *se sobrassem cinco escudos, ou se sobrassem oito, iam p`ras sobras (...)* ” (pág.39), sendo certo que esse dinheiro era utilizado, posteriormente, para comprar as prendas de aniversário das filhas, para as prendas de natal ou, caso surgisse uma despesa inesperada, era àquele envelope que Maria recorria (pág.39). E, por fim, o envelope das despesas que englobava as contas da água, da luz, da eletricidade, do gás e, ainda, da renda da casa. Maria admite ter sido sempre uma boa gestora pois, tal como sublinha: “ *(...) nunca me faltou dinheiro p`ra pagar nada, nunca tive problemas p`ra pagar as minhas contas.*” (pág.38). Assim como assume: “ *(...) fui uma boa contabilista (...) nunca gastei o dinheiro mal gasto ao meu marido (...).*” (pág.41). É interessante perceber também que esta foi uma aprendizagem sua pois, tal como nos relatou, a gestão feita pela mãe de Maria em casa dos pais era diferente: “ *(...) a minha mãe tinha dificuldades (...) o meu pai gastava muito dinheiro (...) a minha mãe coitada, ela fazia uma economia pior que a minha (...)*” (pág.39). Quando o marido de Maria se reformou, passou ele a ir ao mercado; desta feita, a gestão sofreu alterações pois, segundo nos relatou, o marido não olhava aos preços, para ele o fundamental era a qualidade e, tal como se compreende pelo discurso de Maria, esta mudança de gestão não lhe agradava, até porque, assim, o marido gastava muito mais: “ *(...) custou-me, não gostava dessa maneira de gerir o dinheiro, gostava mais como eu fazia (...).*” (pág.41). A narradora teve sempre a preocupação de comprar barato, tendo sempre em atenção a qualidade do que comprava. Sabe-se que, quando ia ao mercado, tinha o cuidado de separar os produtos por duas cestas, numa arrumava o peixe e, noutra, as frutas para que não se estragassem (pág.24). No presente, Maria reconhece não poder gerir o seu dinheiro como geria antigamente, porque no seu quotidiano tem muitas despesas, uma vez que, precisa diariamente, precisa de pagar para que alguém lhe trate da higiene pessoal, da alimentação, bem como de vesti-la e despi-la, de manhã e à noite antes de dormir, como refere a mesma: “ *(...) isso tudo tem que ser a pagar (...).*” (pág.40). Considera ainda que, hoje, as mulheres domésticas já não gerem o orçamento familiar desta forma: “ *(...) com este método de pôr um x p`ra isto, um x p`raqüilo, acho que não (...).*” (pág.41). Para além de reconhecer ter sido uma boa gestora do orçamento familiar, Maria também considera ter orientado muito bem toda a casa e necessidades das filhas e

marido, segundo ela: “ (...) *tinha que orientar as (...) coisas todas (...) se uma precisava de sapatos, a outra (...) outra coisa, tinha que orientar isso tudo (...).*” (pág.42).

Segundo Maria, quando o marido se reformou, começou a ajudar mais em casa: “ (...) *dantes não ajudava tanto (...)*” (pág.26) na realização das tarefas domésticas, daí que sinta saudades dele e reconheça: “ (...) *ajudava-me muito, agora já me ajudava muito.*” (pág.22).

. Avaliação, por Maria, da ocupação dos seus tempos livres

Os seus tempos livres eram aproveitados para a realização de trabalhos manuais, aquilo que, segundo Maria, gostava mais de fazer (pág.13). Como de resto se percebe pelo seu discurso, sair de casa para passear era algo que não fazia com muita frequência, ia ao mercado fazer as suas compras e, pontualmente, poderia sair para fazer um piquenique com o marido, as filhas e colegas do marido, mas eram situações muito raras, até porque, o marido não tinha carro (pág.13). No presente, a narradora passa os seus dias a rezar, nem televisão vê, como afirma: “ (...) *a televisão (...) chega a `tar mais de quinze dias sem a ligar (...) não tenho vontade de ver nada, não tenho vontade de sair sozinha, `tava habituada a sair com o meu marido (...)*” (pág.25). De fato, o falecimento do marido abalou muito a narradora e esta sofre pela sua ausência. Devido a problemas de saúde, Maria não consegue trabalhar, então, tal como relatou: “ (...) *não faço nada (...) faço a minha cama (...) e... bem me custa a fazer.*” (pág.13). Neste momento, como acima se referiu, precisa mesmo de apoio na realização da sua higiene pessoal diária, bem como, no vestir e despir-se diariamente, daí que pague a uma senhora para ter garantidos esses serviços (pág.13). No presente, Maria diz-nos sentir muitas saudades dos tempos em que podia ser ela a arrumar a casa: “ *tenho saudades (...) do tempo em que eu fazia tudo. (...) tinha a minha casinha arrumadinha (...) sempre tudo em ordem (...).*” (pág.14). Recorda e admite ter sido uma boa dona de casa, sempre muito organizada: “ (...) *tinha as gavetas sempre arrumadinhas (...)*” (pág.14), apesar de já não conseguir fazer nada, valoriza o trabalho da senhora a quem paga para ver feito o trabalho doméstico: “ (...) *esta senhora que me vem cá (...) é muito despachada, gosto muito dela. Faz bem o serviço (...).*” (pág.14).

Não menos importante, é perceber como é que a família avalia o trabalho da mulher doméstica e sucessivamente, qual a avaliação da sociedade no geral.

3.2. O que é ser Doméstica segundo a família?

Quando reflectindo sobre a avaliação da família sobre o trabalho realizado pela mulher doméstica, Maria entende que, antigamente era entendido como algo normal, pois a mulher era educada para ser uma boa doméstica, como de resto nos adianta: “ (...) *tínhamos prazer em fazer, em sermos boas donas de casa (...) educaram-nos assim (...).*” (pág.19). Em contrapartida, considera que, no presente as pessoas não realizam as tarefas domésticas da mesma forma, segundo Maria: “ (...) *as pessoas hoje (...) trabalham fora de casa (...) vêem farras (...) hoje também já não são como éramos nós (...)*” (pág.20), porque a educação também foi se alterando. Diz-nos a narradora que os pais “*sabiam que tinham uma filha que era muito (...) cumpridora do seu papel. (...) eles ensinaram-me assim (...).*” (pág.47). Ao longo do seu discurso assume que a família sempre lhe deu valor (pág.47), diz-nos mesmo que: “ (...) *davam e ainda hoje, as minhas filhas dão muito valor à mãe (...).*” (pág.51).

3.3. O que é ser Doméstica segundo a sociedade em geral?

Maria entende que a sociedade valoriza a mulher doméstica consoante o que sabe ou não fazer, como de resto refere: “ (...) *aquela é muito boa rapariga, uma boa dona de casa (...) moças bem ensinadas (...) dão valor ao trabalho doméstico (...).*” (pág.20-21). Entende, por isso, que a mentalidade das pessoas varia, então algumas valorizam, outras não, até porque, Maria é clara ao afirmar que a avaliação das pessoas é esclarecedora: “ (...) *na maneira como as pessoas tratam as pessoas que trazem a casa a trabalhar.*” (pág.47). E com isto, exemplificou a sua afirmação com um exemplo que havia sucedido consigo, de uma senhora que pagava 10 escudos à empregada de limpeza que lhe vinha lavar as escadas do prédio e, quando soube que a narradora pagava 20 escudos, achou que o valor era exagerado. Isto porque, segundo ela, a empregada de limpeza não tinha carro, logo não precisaria de tanto dinheiro, ora Maria diz-nos que revoltou-se com tal resposta e respondeu educadamente à senhora que, talvez a empregada não tivesse carro, porque não tinha dinheiro suficiente para o comprar (pág.47-48). Este é de fato um exemplo adoptado pela narradora que ilustra muito bem a mentalidade da sociedade quando falamos no trabalho realizado pela mulher doméstica, um trabalho que não tem qualquer valor, nem pelo profissionalismo, nem pelo valor monetário.

APÊNDICE J: Análise Descritiva do Relato da Narradora Maria A

1. APRESENTAÇÃO DE MARIA A.

Maria nasceu em 1930, na Amareleja. O seu relato dá-nos a conhecer a trajectória de vida de uma mulher alentejana que, tal como nos revela, foi passada sempre no campo, trabalhando muito sem receber qualquer valor monetário, trabalhava somente para ajudar o marido.

Este relato pode ser analisado a partir de 3 Momentos Marcantes no percurso de vida de Maria: o Momento 1 que abrange a sua ida para o campo aos 3 anos de idade e consequente infância e adolescência; o Momento 2 marcado pelo seu casamento e posterior maternidade e vida de casada; e o Momento 3 que nos permite compreender como aconteceu a ruptura com o campo e regresso à sua terra natal, só aos 75 anos de idade.

2. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA: 3 Momentos Marcantes

2.1. MOMENTO 1 (1930-1944): Do nascimento à juventude

Nascida em 1930, Maria relata que a maior parte da sua vida foi passada no campo, pois foi em 1933 que se mudou para lá, sendo a sua infância e juventude vivenciadas no campo a cuidar de gado com o pai, bem como a realizar tarefas agrícolas (cultivo/monda), enquanto a mãe cuidava da casa, pois era doméstica.

2.1.1. ETAPA 1 do Momento 1 (1930-1944): A infância da criança, filha e irmã.

Segundo Maria, em 1933 (tendo ela 3 anos de idade) foi para o campo com os seus pais e 2 irmãos. Como o pai era ganadeiro de profissão, a sua infância e percurso de vida foram passados no campo (pág.1). Sabe-se por isso que os irmãos da narradora começaram desde novos a guardar gado, enquanto ela, devido à sua pouca idade e ao fato de ser rapariga, acompanhava e ajudava o pai (pág.1). Segundo Maria, a mãe era doméstica, ficava em casa a tratar das tarefas de casa, “ (...) a minha mãe (...) ficava em casa p`a arrumar a roupa (...), ela cozia, porque não havia dinheiro p`ra comprar roupas novas (...) remendava, punha remendos (...) fazia meias (...) a minha mãe ficava sempre em casa.” (pág.2).

Ora, indo a narradora desde muito cedo para o campo, para sua infelicidade, Maria não pode estudar, como se percebe na etapa seguinte.

2.1.2. ETAPA 2 do Momento 1 (1933-1944): Impossibilidade de estudar – início do trabalho

Foi com alguma tristeza no discurso que Maria referiu nunca ter frequentado a escola, ao sublinhar: “ (...) *não sei uma letra (...) é o maior desgosto que tenho (...) só fui à escola depois da minha filha `tar na escola, falar com as professoras (...).*” (pág.9). Como afirma a narradora, toda a sua trajetória de vida foi passada no campo, enquanto criança ajudando o pai no cuidado com os animais e, mais tarde, a “ (...) *trabalhar (...) à monda, à azeitona, à ceifa, trabalhei imenso (...)*” (pág.9), até mesmo na vindima (pág.15).

Uma vez que o seu pai cuidava de gado, Maria e a sua família tiveram de mudar algumas vezes de propriedade, conforme lhes era exigido, ela teve, inclusive, de namorar à distância, devido a uma dessas deslocções – pelo que como se compreende na etapa que se segue.

2.1.3. ETAPA 3 do Momento 1 (1944-1959): Deslocações geográficas da família e início do namoro

Maria diz-nos que a profissão do pai não permitia grande estabilidade geográfica à família, daí que, em 1944, tendo ela 14 anos de idade, a família se tenha mudado para outra propriedade. Nessa nova propriedade, o trabalho realizado pelo pai continuava a ser cuidar do gado; desta feita, a narradora continuava a ajudá-lo, sentindo-se muitas vezes envergonhada de ser vista por alguns jovens rapazes, a guardar porcos, naquela idade e, porque, já namorava (pag.2).

A este respeito, Maria fez-nos saber que namorou durante 8 anos, com um rapaz que era lavrador e ganadeiro no campo, embora reconheça ter tido outros rapazes interessados em namorá-la, considera que foi o marido quem mais demonstrou gostar de si: “ (...) *começamos a gostar um do outro (...) ele não deixava e nã queria que ninguém andasse lá atrás de mim (...) gostava muito de mim. (...) havia outros rapazes que me queriam (...) ele quando saia do trabalho, corria logo atrás de mim (...) era uma coisa puro de mais.*” (pág.12).

Para consolidarmos o Momento 1, deve ter-se em atenção os Territórios Sócio-Identitários afectados, sendo eles: i) o *escolar*, afetado aquando da impossibilidade de Maria poder estudar (Etapa 2 do M1); ii) o *geográfico/habitacional* que sofreu alterações sempre que a família teve de mudar de propriedade (Etapa 3 do M1); iii) o *Território Sócio-Identitário das sociabilidades*, alterado em cada mudança geográfica, pois a família tinha de adaptar-se à vivência com outras pessoas (Etapa 3 do M1).

Após os referidos 8 anos de namoro, realiza-se o casamento de Maria assinalando, nesta análise, a transição do Momento 1, para o Momento 2.

2.2. MOMENTO 2 (1959-2005): Casamento, maternidade e vida de casada

O Momento 2 é marcado pelo casamento da narradora, permite-nos conhecer a Trajectória de vida, enquanto mulher casada e mãe.

2.2.1. ETAPA 1 do Momento 2 (1959): Casamento e vida de casada antes da Maternidade

Mediante o seu relato sabe-se que foi no regresso da família à Amareleja que o namoro entre ela e o marido se tornou mais sério e, como tal, estes casaram em 1959, numa propriedade muito bonita (pág.3). Neste contexto, pode ainda perceber-se que é positiva a avaliação de Maria quando fala do marido: “ (...) *tem sido muito bom homem p`ra mim, muito bom marido (...) já com cinquenta e tal anos de casados, namorámos oito anos.*” (pág.12).

Após o seu casamento e, enquanto a filha não nascia e regressavam ao monte, Maria também nos disse que – ainda na Amareleja – trabalhou à monda; o seu relato permitiu-nos compreender que o seu dia era muito trabalhoso pois, antes de sair de casa, ela já amassava o pão e, depois de amassar o pão, este era colocado num tabuleiro para ser levado para o forno de uma vizinha, uma vez que não tinha forno próprio (pág.4). Como Maria ia trabalhar para a monda, só quando chegava a casa é que recebia o pão em casa (pág.5). Para além disso, sabemos que, quando chegava a casa, ainda tinha de fazer o jantar. Ora, como não havia fogão, conta-nos ela: “ (...) *tínhamos que fazer uma lareira (...) e fazia ali a comida (...)*” (pág.5); fez-nos saber ainda que, ao pequeno almoço, todos os dias de manhã, antes que o

marido saísse para trabalhar, Maria utilizava um “ (...) *candeeiro (...) do petróleo, com uma chaminé em vidro, um copinho em esmalte, aquecia o café (...)*” (pág.5). No seguimento do seu relato e, tendo em conta que Maria estava a conciliar uma atividade laboral fora de casa, é claro o acumular de tarefas que tinha a seu cargo, daí que nos afirme só ter tempo de realizar as tarefas domésticas à noite, de que é exemplo a pintura das casas, como nos refere a própria: “ (...) *caíávamos de noite, porque de dia não tínhamos vagar (...) esta noite caíávamos um pedacinho da casa, ou uma casa, amanhã caíávamos a outra (...)*.” (pág.5).

Ora, passado um ano do casamento, Maria foi mãe, o que provocou mudanças na sua trajetória de vida.

2.2.1.1. FACTOR DE MUDANÇA (1960): Gravidez e nascimento da única filha do casal

Maria engravida e é mãe da única filha do casal em 1960, ao fim de um ano de casamento a residir na Amareleja.

2.2.2. ETAPA 2 do Momento 2 (1961): Maternidade e Regresso do casal ao campo

Com efeito, sendo o seu marido trabalhador rural, o casal só ficou na Amareleja o tempo que mediou a sua gravidez e o nascimento da filha. Como nos refere Maria: “ (...) *a minha filha (...) nasceu aqui nesta casa em frente que é minha tamém, nem sequer fui p`ra maternidade (...) então, fomos p`ro monte, nessa altura já se vivia numa casa.*” (pág.3).

Tendo o casal passado a sua infância e juventude no campo, compreende-se que, após o nascimento da filha, tenham decidido voltar ao campo, onde o trabalho os esperava.

De fato, apesar do casal ter casa na Amareleja, não constituiu motivo para que por lá ficassem a residir, até porque, para além de sabermos que ambos foram criados no monte, também o trabalho do marido exigia essa deslocação para o campo, por ser vaqueiro (pág.13). Tudo isto de resto, se compreende pelas palavras de Maria: “ (...) *o meu marido quando veio p`ra casa já `tava reformado (...)*” (pág.14), o que nos permite concordar com a narradora, quando afirma: “ (...) *`tivemos toda a vida no campo, toda a vida no campo (...)*.” (pág.14).

Com o regresso do casal ao campo, diz-nos Maria que, rapidamente, tiveram de mudar de monte, devido às exigências profissionais do marido, o que justifica a identificação de uma nova etapa na sua trajetória, como se pode verificar de seguida.

2.2.3. ETAPA 3 do Momento 2 (1962-2005): Deslocações geográficas da família e realização das tarefas domésticas

Ora, se já com os pais as deslocações geográficas eram frequentes, depois de casada não foi exceção: a primeira mudança de monte, pela família, ocorreu passado pouco tempo em 1962, sensivelmente. Ela adiantou-nos no seu relato que as condições habitacionais não eram favoráveis, pois nesse monte não havia água canalizada, o que fazia com que tivesse de adoptar estratégias para conseguir, por exemplo, lavar a roupa. Assim sendo, Maria revelou-nos que, enquanto a filha era muito pequena, utilizava um bidão grande cheio de água para lavar a roupa; com o passar do tempo e crescimento da filha, ia ela lavar a um poço, levando consigo a filha, pois tinha-a sempre sob o seu cuidado (pág.3 e 4). No regresso a casa, Maria levava a roupa “ (...) *à cabeça e a miúda nos braços.*” (pág.4). Ainda segundo ela, ao chegar a casa, tinha sempre muito que fazer: “ (...) *deitava a miúda (...) no berço, ia a estender a roupa, tratar da comidinha, p`ra quando viesse o meu marido (...).*” (pág.4). É curioso que, muito embora as condições no monte nem sempre fossem as mais favoráveis, Maria referiu que, aquando do seu casamento, passou a poder dormir numa cama de ferro, o que nunca havia acontecido no tempo em que era solteira. Repare-se que, enquanto jovem a narradora dormia em cama improvisada a qual, segundo nos disse, era feita com tábuas, para que não dormisse diretamente no chão (pág.14).

Ainda neste contexto, em 1970 o casal tem, mais uma vez, de mudar de propriedade e foram para Barrancos. Ao recordar esses tempos, a narradora afirma que os seus dias eram passados a cuidar de gado com o marido, esclarece-nos sobre as tarefas que realizava: “ (...) *dar comer às vacas (...) à tarde trazíamos as vacas p`ra uma cabana (...) limpava as cabanas (...) era a nossa labuta assim toda (...).*” (pág.6). Cuidar do gado não era um trabalho fácil pois, como nos informou, Maria só chegava a casa às 22:30h – 23:00h da noite e, ao chegar a casa ainda tinha de fazer o jantar, comer e depois era descansar um pouco, para conseguir levantar cedo no dia seguinte, isto porque: “ (...) *de manhã às cinco da manhã já `távamos a pé outra vez, p`ra tratarmos dos bichos outra vez.*” (pág.18). Para além de ter de deitar comer ao gado, a narradora relembrou que haviam dias em que tinha de “ (...)

descarregar camionetes de palha com fardos que vinha às quatro da manhã (...)” (pág.27-28). Maria relatou-nos ainda um episódio de doença do marido, quando este ficou com brucelose, contagiada pelas vacas. Dado que o marido não podia trabalhar, então, foi Maria, juntamente com um filho do patrão, quem deu continuidade ao trabalho diário de cuidado dos animais, até a recuperação do marido (pág.7). Perceba-se que, enquanto estiveram no campo, Maria sempre ajudou o marido sem ganhar qualquer recompensa monetária pelo trabalho que desenvolvida, como de resto assume: “ (...) *trabalhei uma vida inteira p`ra ajudar o meu marido sem ganhar um tostão.*” (pág.27). Note-se que, a única retribuição que conseguiu durante todos os anos em que ajudou o marido, foi um bezerro bebé que o patrão lhe deu, devido ao seu empenho e dedicação ao ajudar o marido (pág.18). Não obstante toda esta carga laboral a ajudar o marido, Maria A também nos informou que, tinha tarefas para fazer quando chegava a casa ao fim do dia, depois de ter ajudado o marido a cuidar do gado: “ (...) *vinha a tratar delas, fazer a comida, arranjar o monte (...)*” (pág.8), para além disso, Maria também amassava o pão e cuidava de animais em casa, como refere: “ (...) *tínhamos bichos, (...) galinhas (...) patos (...) cabras (...) ovelhas (...) porcos (...)*” (pág.8), o que lhe garantia alguns bens alimentares, como enumerou: “ (...) *fazíamos queijos (...) fazíamos a matança (...) chouriços (...) essas coisas assim todas.*” (pág.8).

Apesar de no seu relato Maria não nos informar a data precisa, sabe-se através da conversação mantida com a própria que, enquanto esteve no campo, também teve ao seu cuidado, o neto, a mãe e a sogra. De referir que a mãe de Maria era cega e, como tal, necessitava de um cuidado mais atento, o que fazia com que esta preocupação se acumulasse a todas as tarefas de casa e ajuda dada ao marido (pág.8; 16;17). Sabe-se que Maria cuidou do neto entre os anos de 1980 e 1990 isto porque, vendo que a filha e o genro trabalhavam muito, levava-o para o monte onde, ao fim de semana os pais o iam visitar podendo, inclusive, ficar lá a dormir, na cama que Maria tinha preparada para eles (pág.25-26).

Segundo nos disse a narradora, a sogra não sofria de problemas de saúde muito graves; então, muitas vezes cuidava da mãe de Maria, e ajudava, inclusive, na realização de algumas tarefas domésticas: “ (...) *a minha sogra lavava a loiça (...)*” (pág.17) – sendo clara a satisfação de Maria sobre esta ajuda: “ (...) *ela é que me lavava a loiça, varria-me a casa, lavava-me o chão, só o que nã fazia que, eu nã queria que ela fizesse era a comida. Andar mexendo no fogão que, nessa altura já a gente tinha fogões (...).*” (pág. 28). De fato, a preocupação maior de Maria era que a sogra se magoasse no fogão, daí que a preparação das

refeições ficasse sempre a seu cargo (pág.28). Ora, como trabalhava muito, Maria admitiu que as refeições nem sempre eram realizadas devidamente, ou melhor, eram facilmente substituídas por “ (...) *um bocadinho de pão com linguiça ou toucinho (...)*.” (pág.16). Para a narradora, a sua vida foi sempre repleta de muito trabalho, como sublinha: “ (...) *era do nascer ao pôr que a gente trabalhava, comíamos um bocado de pão e à noite é que se fazia alguma sopinha (...)* foi um sacrifício uma vida inteira.” (pág.11). E mesmo não almoçando, o jantar acabava por não ser um prato muito elaborado, pois a hora já não era a mais adequada, nem o cansaço permitia: “ (...) *tantas açordas que a gente comeu à noite, caldos com bacalhau maltratados.*” (pág.11). Note-se que, como se referiu atrás, quando Maria chegava a casa tinha à sua responsabilidade as tarefas domésticas, para além de ter de fazer o jantar bem como de preparar a “alcofa” que era o pedaço de pano onde no dia seguinte ela e o marido levavam a comida para o trabalho. Segundo nos disse, enquanto trabalhou no campo com o seu marido, ambos vinham a casa almoçar; e percebe-se pelo seu discurso que, ao contrário do marido que aproveitava a hora de almoço para descansar um pouco, Maria não repousava: chegava a casa e “ *tinha que fazer tudo, o meu marido descansava mais do que eu, porque eu quando chegava (...) tinha que fazer o almoço, pôr a mesa, comermos (...)*” (pág.27). Para além disso, ainda aproveitava esse tempo para adiantar algumas tarefas que estavam pendentes, tais como: “ (...) *lavar roupas e amanhara a casa (...)*” (pág.27), isto porque, tal como relatou: “ (...) *nã tínhamos água nessa altura (...) tinha o tanque que `tá ali no quintal (...) em cimento, debaixo de uma árvore e, e ali lavava (...) enquanto o meu marido descansava um pedacinho, apanhava eu na roupa, ia p`ro tanque e lavava (...)*” (pág.17). Deste modo, compreendeu-se que se a mesma tivesse tempo, ainda colocava a roupa a secar, caso contrário quando voltasse de cuidar do gado com o marido, terminava a tarefa de colocar a roupa a secar (pág.17).

Tendo em conta o Momento 2, os Territórios Sócio-Identitários afectados no mesmo são: i) o *familiar*, alterou-se com o casamento, pois teria assim de fazer parte da família do seu marido (M2); ii) o *geográfico/habitacional*, alterado com o casamento e saída da casa dos pais (M2), mas também nas sucessivas deslocações de propriedades a que esteve sujeita com o seu marido e filha (Etapa 3 do M2); iii) o *TS-I das sociabilidades*, sofreu alterações quando Maria foi viver com o marido (Etapa 1 e 2 do M2) e, também pelo fato de na mudança constante do local de habitação estar sempre sujeita à socialização com outras pessoas (Etapa 2 do M2).

A transição do Momento 2 para o Momento 3 assinala-se quando o casal decide definitivamente abandonar o campo e regressar à Amareleja, onde tinham inclusive casa própria, como se compreende no ponto seguinte.

2.3. MOMENTO 3 (2005-2012): Abandono definitivo da vida no campo e regresso do casal à Amareleja – alterações da rotina diária

Sabe-se através do relato de Maria que o casal passou grande parte da sua trajectória no campo. É só em 2005 que o casal regressou à Amareleja. Como seria de esperar e, tendo eles trabalhado sempre no campo, ao regressar à sua terra natal, os seus hábitos e rotinas diárias alteraram-se.

2.3.1. ETAPA 1 do Momento 3 (2005): Regresso definitivo à Amareleja

Pelo exposto, percebe-se que grande parte da vida de Maria foi passada a trabalhar com o seu marido no campo, até ao momento em que o casal regressou definitivamente à Amareleja, passando a residir na casa que aí tem. Esta mudança nos Território Sócio-Identitários Habitacional/geográfico e Laboral registou-se há aproximadamente “ (...) seis, sete anos.” (pág.20) pois, como o marido gostava muito daquilo que fazia, a hipótese de abandonar o campo só se colocou face à situação da reforma dele e foi, então, que Maria regressou à sua terra natal (pág.20-21).

2.3.1.1. FACTOR DE MUDANÇA (2005): Reforma do marido de Maria

Este marco na vida do casal, permite-nos compreender que Maria esteve sempre disposta a estar onde o marido estava, por outras palavras, toda a sua trajectória de vida foi desenvolvida em função das decisões do marido.

Ora, ao chegar à Amareleja os hábitos do casal mudaram, segundo a análise da etapa seguinte.

2.3.2. ETAPA 2 do Momento 3 (2005-2012): Alterações na rotina diária do casal e realização das tarefas domésticas com sacrifício

Atendendo ao relato de Maria, ao regressar à Amareleja, o marido ainda conseguiu trabalhar por um curto espaço de tempo, isto porque, ficou doente e definitivamente incapaz de trabalhar: “ (...) o meu marido (...) foi (...) a trabalhar, umas horas a limpar as cabanas, a dar de comer aos cavalos, a soltar os cavalos, a dar-lhe o penso, ainda teve até que adoeceu (...) já nunca mais fez nada (...)” (pág.30). Neste sentido, denota-se claramente pelo seu relato que a rotina diária do seu marido sofreu uma grande alteração: “ (...) não faz nada, vai até à esquina e volta e é a labuta dele (...)” (pág.31).

No presente, Maria e o marido passam os seus dias em casa. Continuam a seu cargo as tarefas domésticas, muito embora as realize com alguma dificuldade devido a problemas de saúde, como a narradora refere: “ (...) sofro da coluna, não posso fazer muitas coisas, vou a varrer uma casa tenho que me assentar um pedacinho, vou a lavar o chão, outro pedacinho, fazer a cama levo outro, custo muito a fazer a cama.” (pág.31). Maria diz-nos mesmo que o seu dia resume-se a: “ (...) tomar conta do (...) marido e da casa e, mais nada, mais nada faço.” (pág.31). Não obstante as dificuldades físicas de Maria em realizar as tarefas de casa, disse-nos que ainda tem sido ela quem pinta a casa, relatando-nos a sua estratégia de intervalar o seu trabalho e descansar: “ (...) levantava-me cedo, às cinco da manhã, começava a pintar, aí duas horas, duas horas e meia, largava. Recolhia as coisinhas da arramada e vinha fazer o almoço. (...) depois descansava a tarde inteira, no outro dia às cinco da manhã, lá me levantava eu outra vez (...)” (pág.32). Para não gastar dinheiro a contratar alguém que lhe caísse a casa, a narradora fez o trabalho sozinha, apesar de admitir que já lhe custa muito a fazer: “ (...) tenho feito as coisinhas todas, tudo à força já (...)” (pág.33). Para Maria a valorização do trabalho realizado pela mulher doméstica varia de pessoa para pessoa (pág.35).

No Momento 3, os Territórios Sócio-Identitários que mais foram alterados são: i) o *geográfico/habitacional* alterando-se com o regresso do casal à sua casa, uma casa que raramente era habitada por eles, deixando para trás grande parte das suas vivências no campo (Etapa 1 do M3); ii) o *TS-I sociabilidades* que sofreu alterações, uma vez que, ao regressarem à Amareleja o seu contacto com os vizinhos também teve de ser adaptado (Etapa 1 do M3).

Por fim, passemos à avaliação do trabalho doméstico por Maria.

3. AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO SOCIAL DE SER DOMÉSTICA

3.1. O que é ser Doméstica?

É positiva a avaliação de Maria sobre ser doméstica: “ *é uma coisa boa, porque a gente faz aquilo que gosta na nossa casa e, (...) tudo o que seja bom a gente gosta de ter na nossa casa, de limpar (...) quando chega (...) o marido, os nossos filhos (...) tendo (...) tudo orientadinho (...) eu acho que fiz uma coisa assim.*” (pág.39). Quando comparando ao passado, a narradora entende que era diferente, nomeadamente pelos meios económicos mais reduzidos, de que dá exemplo de não haver meios económicos suficientes para decorar a casa, daí que afirme: “ *no passado (...) as pessoas talvez não pudessem apresentar o que se apresenta hoje (...) não havia nem meios (...) hoje, já há outra maneira de viver (...) agora, chega uma pessoa qualquer à nossa casa, queremos pôr a mesa (...) numa malhada (...) não tinha a apresentação que tem hoje.*” (pág.39-40). Portanto, Maria considera que hoje existem meios que permitem arranjar melhor a casa, devido inclusive, ao progresso da indústria; ao passo que antigamente, não havia nem possibilidade económica, nem um mercado tão vasto de produtos e materiais de decoração: “ *(...) hoje há tudo que põe uma casa bonita (...) antigamente nem podiam pôr a casa bonita porque, não tinha dinheiro p`ra comprar certas coisas. A casa da gente era uma malhada (...) sem valor nem nada e, hoje a gente arruma a nossa casa, tudo bem arrumadinho, tudo bonito (...) a gente pode apresentar a nossa casa, cada um conforme pode, não, mas antes eram piores, eu acho que é diferente tudo.*” (pág.40).

Neste sentido, é importante perceber como é que esta mulher conseguia conciliar o trabalho que realizava fora de casa, somente para ajudar o marido, do trabalho que tinha em casa: todas as tarefas domésticas a seu cargo. Em verdade, os pontos seguintes, serão esclarecedores de como organizava a gestão e orientação, quer do orçamento familiar, quer da alimentação. Não menos relevante, é perceber como Maria aproveitava os tempos livres (se é que os aproveitava) pois, com tanto trabalho, o seu tempo era muito escasso e, consequentemente, as saídas do casal também seriam reduzidas, como nos diz.

. Avaliação por Maria, da gestão do orçamento familiar

Ao refletir sobre a gestão do orçamento familiar, Maria recorda que o marido ganhava somente 18 contos mensais (pág.18). Como tal, a gestão desse dinheiro não era tarefa fácil para ela, pois “ *(...) tinha que comprar feijão (...) o grão (...) a massa (...) o arroz, o açúcar, o café, as batatas (...) hortaliça (...) petróleo (...) o (...) marido ainda tinha os descontos (...)*” (pág.19); daí que a gestão da mesma tivesse de ser feita de maneira regrada, porque os

únicos alimentos que não compravam era: “ (...) *linguiças e (...) azeite (...)*” (pág.19). Em traços gerais, Maria reforça o seu raciocínio sublinhando que, era tão baixo o ordenado do marido que a roupa e calçado comprados eram muito escassos: “ (...) *aquele dinheirinho (...) era p`a se comer e mais nada (...) não dava nem p`a gente comprar roupa (...) nessa altura era faça de conta, lavar e enfiar, o calçado igual (...) havia muita miséria.*” (pág.28). Segundo Maria: “ *era preciso uma ginástica, olha que agora tamêm se faz muita (...)*” (pág.20), considerando que hoje a sua gestão continua a ser igualmente regrada (pág.20). Maria entende que, nos dias de hoje, gerir os rendimentos de ambos “ (...) *é muito custoso porque, as reformas da gente são muito pequeninas.*” (pág.33). Para a narradora a gestão torna-se difícil pois, as despesas são muitas, nomeadamente, ao nível da medicação do casal como, de resto, nos esclarece: “ (...) *orientar aquele dinhêro, pagar gás, pagar luz, pagar água, as mesinhas que são muito caras (...) as tintas muito caras (...) partir esse dinhêro do mês (...) p`a comermos e essas coisas todas (...).*” (pág.33). Tal como afirmou, a orientação é fundamental para que se consiga gerir da melhor forma o dinheiro disponível; assim sendo, entende que “ (...) *já no passado era assim (...) agora com a vida que está mais pouco é. (...) o futuro ainda será pior (...)*” (pág.34), portanto, acredita que é importante saber gerir pouco para que se consiga gerir muito, porque, se os tempos estão difíceis, a orientação é crucial para que se consiga uma boa gestão (pág.33-34).

. Avaliação por Maria, da gestão da alimentação da família

Para garantir a alimentação familiar Maria vinha à Amareleja fazer as compras semanais. Neste contexto, compreenda-se que, enquanto a filha foi solteira, acompanhava-a, vindo ambas de burro: “ (...) *a fazer o avio e a ver a casa, mais nada (...)*” (pág.15). Depois da filha casar, tinha de ser a narradora a vir sozinha: “ (...) *o meu marido ficava lá, vinha a fazer o avio p`ra semana (...) ia à loja, comprava as coisinhas que tinha a comprar (...) o pão (...) e ia lá p`ro monte (...)*” (pág.15). Mas, mesmo nestas deslocações (que fazem parte das tarefas domésticas), a narradora não podia demorar, pois, tinha de ir ajudar o marido, como diariamente fazia: “ (...) *tinha que chegar lá a horas de ir ajudar o meu marido (...) ajudar-lhe a deitar comer às vacas.*” (pág.15). Com o passar dos anos o marido de Maria comprou um meio de transporte que designou na entrevista por triciclo, e que passou a ser o modo de deslocação quando vinham os dois fazer o avio semanal. No entanto, rapidamente alteraram essa rotina e, nos últimos anos passados no monte, passou a ser só o marido da

narradora, quem vinha à Amareleja pagar o avio, em consequência do telefonema de Maria para a loja, encomendar o que lhe fazia falta (pp.21-22).

. Avaliação por Maria, da ocupação dos seus tempos livres e saídas

Quanto aos tempos livres, mediante o exposto denota-se que não existem tempos livres na sua vida, pois o que seriam tempos mais libertos eram passados a trabalhar, como são esclarecedoras as suas palavras: “ (...) *a gente não tinha festas (...) ã tinha nada, não vínhamos a ver uma festa (...) nada dessas coisas (...)*” (pág.10), como viviam no campo, acabavam por vir poucas vezes à Amareleja, o que fez com que, poucas vezes assiste-se a uma festa típica na sua terra, repare-se que, Maria disse mesmo que, só aos 80 anos de idade conseguiu ver a festa da pinha: “ (...) *uma pinha (...) é uma festa (...) nunca tinha visto, só há dois anos é que vi.*” (pág.10). Para além disso, Maria também nos disse que não obstante o marido gozar de um período de férias, o mesmo nunca as aproveitava fora do monte, pois nas férias tinha em casa animais que precisavam do seu cuidado, caso contrário teria de pagar a alguém para o fazer, como explica: “ (...) *tinha férias o meu marido, e não nos vínhamos embora, porque tínhamos as cabras (...) os porcos (...) as galinhas (...) perus (...) patos, tínhamos esses bichos todos (...) depois se vínhamos embora, metíamos la uma pessoa qualquer e a gente não sabe como as coisas eram (...).*” (pág.10). De fato, ao recordar a sua trajetória de vida, Maria sublinha mesmo não ter tido tempos livres: “ (...) *não havia tempos livres p`ra ninguém (...)*” (pág.29), nem saídas. Os únicos momentos que considera como tal, dizem respeito somente a uma festa de casamento de um compadre, período em que, passou uns dias na Amareleja: “ (...) *`tivemos lá dois ou três dias, e depois, cada um veio ao seu destino (...)*” (pág.30); para além dessa, registou ainda o casamento do neto “ (...) *quando casou o J.M., `tivemos lá uns dias em Moura tamêm (...) é essa a nossa labuta, sair as nossas saídas foram todas pequeninas.*” (pág.30). Não deixa por isso de ser impressionante e exemplar quanto ao trabalho das mulheres domésticas que, ao longo de um percurso de vida de 82 anos, Maria sinta que os seus tempos livres e saídas mais marcantes se tenha resumido a dois períodos curtos de tempo.

3.2. O que é ser Doméstica, segundo a sociedade em geral?

Apesar de Maria reconhecer que a mulher tem sempre muito que fazer, considera que a sociedade nem sempre pensa assim e que, se existem pessoas que valorizam esse trabalho, outras não o fazem (pág.38).

3.3. Avaliação positiva da evolução do trabalho doméstico e partilha das tarefas

Ao definir o trabalho realizado pela mulher doméstica, Maria entende-o como: “ (...) *um trabalho muito custoso, é um trabalho que é todos os dias (...)*” (pág.35), não obstante, reconhece ter havido uma mudança ao nível da partilha de tarefas, pois tal como sublinha: “ (...) *os homens (...) agora já ajudam às mulheres mas, antigamente os homens não ajudavam à mulher, então, a mulher fazia tudo, tudo (...)*” (pág.35), como tal, Maria admite que antigamente o trabalho da mulher doméstica era mais exigente, até porque, não haviam eletrodomésticos que a auxiliassem na realização das tarefas domésticas, segundo a própria: “ (...) *as mulheres antigamente trabalhavam muito (...) não tínhamos uma máquina p`ra lavar (...) não tínhamos água em casa (...) tínhamos que carregar água (...) agora é tudo diferente. Não tínhamos um fogão, tinha que ser tudo à lenha (...) a vida da mulher tem sido uma vida muito má (...)*” (pág.35). Daí que Maria considere ter-se registado uma mudança também ao nível do trabalho realizado pela mulher doméstica, uma vez que considera existir no presente menor esforço físico: “ (...) *é tudo diferente (...) a gente (...) era trabalhar um trabalho custoso e, quando chegava a casa do trabalho a labuta da casa (...)*” (pág.36). Quanto à partilha de tarefas, no presente a narradora está convicta que “ (...) *esta mocidade de agora, já ajudam mais as mulheres (...)*” (pág.36), até porque, diz conhecer casais que partilham diariamente, quer as tarefas domésticas, quer os cuidados com os filhos, realidade que antigamente não era admitida sequer (pág.36). Neste sentido, Maria espera que no futuro esta partilha se mantenha, tal como afirmou no seu discurso: “ (...) *`tão agora, têm é que ajudar, já que não ajudaram naquela época que foi a nossa (...) porque a mulher tem falta de ajuda (...)*” (pág.36), a narradora entende que deve existir mudança e, como tal, “ (...) *as coisas têm que ser p`ra frente e têm que se fazer, repartirem as coisas todas (...)*” (pág.40). Ao refletir sobre o trabalho desenvolvido pela mulher, Maria conclui que “ (...) *a mulher trabalha sempre muito mais que o homem (...)*” (pág.37), pois, para além de conciliar uma atividade laboral fora de casa, esta tem sempre algo para fazer em casa, mais nos explica: “ (...) *uma mulher chega de onde chegar, tem que passar a ferro, ou pôr uma máquina a lavar,*

ou fazer essas coisas todas (...) a mulher é sempre à frente do homem, acho eu (...) porque a mulher (...) anda sempre mais atrapalhada que o homem (...) é a criação de um filho (...) tudo sempre mais à frente.” (pág.37). A narradora é clara no seu discurso ao assumir que a mulher trabalha mais do que o homem, pois diz-nos que para além de tratar da casa, esta tem de ser mãe e gestora, “*(...) é sempre mais que o homem (...) é a canseira da casa, dos filhos, repartir o dinheiro p`raqui, p`rali (...) a mulher tem mais canseira que o homem (...)*” (pág.38). Para Maria a mulher trabalha sempre mais que o homem.

APÊNDICE L: Auto-Avaliação e Avaliação Social do Trabalho Doméstico e da Dupla Tarefa

O trabalho, confere, pois uma legitimidade à mulher e que muitas vezes não é a pretendida por ela, como podemos verificar no caso de Maria CM de 82 anos de idade. Ao longo do seu relato, a narradora demonstra que, se não fosse o autoritarismo do pai, teria concretizado o seu sonho de seguir uma carreira profissional. Desta feita, é com um discurso negativo que avalia a sua Condição de Doméstica pois assume que lhe foi imposta como uma obrigação: “*(...) ser doméstica (...) foi (...) gostava de ter tido outro emprego (...)*” (p.12). E, como tal, reconhece que a mulher doméstica *(...) é um faz tudo (...)* [pois, tem] *uma vida muito, muito ocupada (...)*” (p.5), uma vez que diariamente consegue: “*(...) tratar da casa, tratar da roupa (...) pinta (...) caia (...) lava (...) esfrega (...) faz comer (...) pinta as paredes, pintas as portas.*” (pág.21). Não obstante, e sendo Maria CM uma das narradoras de faixa etária mais elevada, diz-nos que, quando comparado ao passado, hoje o trabalho doméstico sofreu muitas alterações devido, em grande parte ao progresso tecnológico. Deste ponto de vista, considera que, no presente, estando a realização das tarefas de casa mais facilitada – devido à existência de aparelhos e materiais que garantem a sua concretização com menor esforço – este trabalho é menos desgastante fisicamente do que era no passado, exemplificando: “*hoje (...) anda quase tudo de esfregona, ninguém se ajoelha (...) eu lavei sempre a minha cozinha de joelhos no chão (...)* [por isso, entende que hoje o trabalho doméstico] *não é tão duro como era (...)* ‘*tá tudo muito modificado.*” (p.30). Ora, esta constatação é também partilhada por Maria A, narradora com a mesma idade, ao reflectir sobre o progresso da indústria e a melhoria de meios económicos. Segundo ela, hoje a mulher doméstica pode arranjar/decorar melhor a sua casa, o que não acontecia no passado, até porque no seu caso, passou grande parte da sua vida no campo e as condições habitacionais

eram muito desfavoráveis. Ainda neste contexto de comparação entre o passado e o presente, também Natércia (52 anos) considera existir hoje mais facilidade na realização das tarefas de casa, devido sobretudo, ao auxílio dos electrodomésticos. Para além disso, diz-nos Ana (25 anos) que o trabalho doméstico sofreu muitas alterações pois as pessoas não têm muitas vezes tempo nem vontade de realizar as tarefas optando, no caso da comida, por exemplo, por comprá-la já confeccionada, até porque, para a narradora: “ (...) *hoje em dia (...) é quase uma vergonha a mulher ‘tar em casa, a mulher não trabalhar (...)*” (p.16).

Se esta foi uma mudança positiva ao nível do trabalho doméstico, na medida em que permitiu à mulher um menor desgaste físico, Maria A considera ter havido também uma mudança significativa ao nível da partilha das tarefas pelo casal, deixando assim, de ser responsabilidade exclusiva da mulher. Esta é, igualmente, uma opinião comum a todas as narradoras, sendo que estas acreditam que no presente os jovens casais partilham as tarefas domésticas. Embora no seu quotidiano nem todas estas mulheres gozem dessa partilha, as mesmas reconhecem que os mais jovens já o fazem. Pode concluir-se que, tendo em conta os 8 casos analisados, 5 narradoras (Bety, Maria CM, O, Ana, Rita) contam, ou em algum momento já contaram com a partilha das tarefas de casa, enquanto que as restantes 3 (Maria A, A, Natércia), têm tudo a seu cargo diariamente. Maria A diz-nos mesmo: “(...) *esta mocidade de agora, já ajudam mais as mulheres (...)*” (p.36), até porque, para a narradora a partilha é fundamental “ (...) *porque a mulher tem falta de ajuda (...)*” (p.36). Pode por isso, dizer-se que a avaliação da Condição de Doméstica feita por cada uma das entrevistadas, varia consoante a sua Trajetória de Vida. Repare-se, embora Maria CM e Maria A tenham a mesma idade, a primeira avaliou negativamente e a segunda utilizando uma avaliação positiva diz-nos que ser Doméstica “*é uma coisa boa, porque a gente faz aquilo que gosta na nossa casa (...) quando chega o marido, os nossos filhos (...) tendo (...) tudo orientadinho (...)*” (p.39). Um trabalho dedicado à família, é assim que Ana (25 anos) avalia a sua Condição de Doméstica: “ (...) *é [ter] uma profissão que todas as outras têm ou encarregam alguém, mais a responsabilidade das pessoas que nós temos a nosso cargo (...) filhos (...) marido (...) pai (...) quem esteja a viver connosco.*” (p.30). Esta avaliação positiva é, em parte, partilhada por Natércia que nos diz: “ (...) *gosto de fazer o trabalho de casa (...) ter as coisinhas de casa orientadas (...)* [não obstante, ser a mesma narradora a assumir a sua preferência por] *andar trabalhando (...) gosto de ser doméstica (...) mas, gosto de sair (...)*” (pp.31-32). Natércia demonstra claramente que preferia conciliar a Dupla Tarefa, ao invés de passar os seus dias em casa. Neste contexto, é também paradoxal o seu discurso pois, se por

um lado, considera negativo, a mulher passar o dia em casa a trabalhar e não auferir um ordenado, por outro, entende que esta não deve receber, uma vez que está em sua casa e como tal, tem o dever/obrigação de assegurar todas as tarefas de casa: “ (...) *tem que se fazer, é a nossa casa (...)*” (p.23). Para além de Natércia, O e A também se encontram desempregadas e é relevante atender ao discurso destas 3 mulheres, pois são exemplos de descontentamento perante um condição adquirida fundamentalmente pela falta de trabalho fora de casa. No caso de O (36 anos), também desempregada e, por isso, Doméstica a tempo inteiro, considera que ser Doméstica é: “ (...) *tentar gerir o melhor que se sabe e que se pode, tudo o que se confina com a nossa casa (...) com o espaço onde nós vivemos. Tentar tornar a nossa casa o mais acolhedora possível (...) tentar fazer o melhor que nós sabemos (...)*” (p.28). Daí que considere que as Domésticas são “ (...) *super mulheres, todas (...)*” (p.11), devido à sobrecarga de tarefas a que estão sujeitas diariamente. Tendo ainda em conta o discurso de A (24 anos – entrevistada de faixa etária mais baixa), este é claramente expressivo de uma avaliação negativa, isto porque, ao reflectir sobre a sua Condição de Doméstica, A diz-nos ser: “ (...) *péssimo (...) ser doméstica é muito complicado, é uma profissão (...) ‘tamos em casa, não ganhamos (...)*” (p.23). Sendo ela mãe de 2 crianças pequenas, considera que “ (...) *a doméstica deveria receber [um apoio financeiro, não pelo trabalho que desenvolve em casa, mas um auxílio ao cuidado dos filhos, como nos disse] uma ajuda, p’a nós conseguirmos criar os nossos filhos, sem haver tantas necessidades (...)*” (p.23). Ainda neste contexto, embora não esteja desempregada e sim de licença de maternidade, Bety (35 anos) avalia negativamente a Condição de Doméstica, quando tomada a tempo inteiro, assumindo: “ *ser doméstica é o pior trabalho que existe (...) porque, nunca se dá feito, há sempre trabalho por fazer.*” (p.12), daí que, no seu caso, também prefira conciliar a Dupla Tarefa, ao invés de ser, exclusivamente Doméstica. Igualmente negativa é a avaliação feita por Rita (62 anos), pois, para ela o trabalho doméstico é “ (...) *uma tarefa muito ingrata (...)* [neste sentido, ao reflectir sobre a sua condição de Doméstica, considera que] *mulher que se dedique ao lar e à família tem uma tarefa muito ingrata [pois, embora acabe por ser] o pilar da casa (...) ninguém dá valor, por mais que digam que sim.*” (p.44).

De fato, é esta ausência de valor que caracteriza de um modo geral, a Auto-Avaliação da Condição de Doméstica destas 8 mulheres. Os seus relatos negativos permitem-nos compreender que, muito embora algumas delas gostem de realizar as tarefas domésticas, se pudessem (caso de Natércia, O, A e Maria CM) e podendo (caso de Bety e Ana) conciliavam/conciliam a Dupla Tarefa de modo a garantir a sua Identidade Profissional e, em

simultâneo um reconhecimento social que, como veremos de seguida ainda não existe perante o trabalho da mulher Doméstica.

Ao reflectir sobre a Avaliação Social do Trabalho Doméstico, a leitura generalizada, feita pelas narradoras, considera que, no presente, nem a família, nem a sociedade atribuem à mulher Doméstica o devido reconhecimento e valorização pelo seu trabalho diário em casa. Segundo elas, a educação é fundamental para que as atitudes da sociedade se alterem, apesar deste ser um desafio difícil pois, a mentalidade dos indivíduos é igualmente crucial no modo como diariamente se relacionam em sociedade. Começamos pelo caso de Natércia, uma mulher que, muito embora sinta ter tido sempre o reconhecimento por parte dos seus pais, assumindo que estes “ (...) *deram sempre valor aquilo que [fez] (...)*” (p.18), e sinta que os seus filhos também o reconhecem, relata-nos com alguma tristeza, que a desvalorização do marido é constante. Segundo a narradora, o marido “ (...) *não dá valor a quem trabalha, ao trabalho de casa*” (p.40-41), nem a valorizava quando conciliava a dupla tarefa. É neste sentido que também nos diz que, o marido “ *só se refere ao trabalho quando recebe um ordenado, como eu não trabalho agora (...) sinto-me mal, por não ganhar.*” (p.43). Esta situação perturba a narradora, uma vez que com o desemprego perdeu também qualquer poder económico, ficando completamente dependente do marido a esse nível. Para além disso, admite estar constantemente a trabalhar em casa, assegurando a realização de todas as tarefas e, pelo fato de não receber um ordenado, o marido não a valorizar. A mesma narradora diz-nos que, em relação à avaliação feita pela sociedade no geral, a opinião diverge, pois, existem pessoas que valorizam o trabalho doméstico e outras que não lhe atribuem qualquer valor. Natércia, acredita assim, que a valorização depende muito da mentalidade e da geração das pessoas, como tal, diz-nos que as pessoas mais velhas valorizam menos o trabalho da mulher doméstica, em contrapartida, admite que as gerações mais novas, devido em parte à sua educação e mudança de mentalidade consagram maior valor à mulher Doméstica, pelo menos, foi assim que educou os seus 2 filhos. Ainda no contexto da educação, Natércia reconhece que, as mães que conciliam a Dupla Tarefa mais facilmente educam os filhos, de modo a que estes valorizem o trabalho doméstico, do que as mães que são Domésticas a tempo inteiro, pois essas, asseguram as tarefas da casa sozinhas e, como tal, não educam os filhos para a valorização e aprendizagem dessas mesmas tarefas. Apesar da avaliação extremamente negativa de Rita, a respeito da avaliação social do trabalho doméstico, pode dizer-se que ela partilha da opinião de Natércia ao considerar que houve uma mudança de mentalidade, devido sobretudo à Emancipação da Mulher e sua

Entrada no Mercado do Trabalho pois, Rita entende que a participação do casal é feita regularmente quando ambos trabalham fora de casa, exemplo disso, é o caso do seu filho. Ao contrário de Natércia e de Rita, O considera fundamental que ocorra uma mudança na mentalidade, embora tenha clara noção do seu grau de dificuldade, uma vez que isso implica alterar e reeducar os mais novos para a valorização do trabalho da mulher doméstica. Assim sendo, O diz-nos: “ (...) *espero que seja mais valorizado (...) é muito difícil (...) tem muito a ver com a educação e o que se vê em casa (...) as crianças imitam os pais.*” (p.19). Neste sentido, a narradora entende que, como é um trabalho feito dentro de casa e a sociedade não o vê, isso permite que desvalorize ainda mais, “(...) *a maior parte das pessoas não o vê (...) mas tem de ser feito (...) a sociedade ainda não (...) valoriza o suficiente (...) porque ao fim ao cabo todas as mulheres fazem.*” (p.18). Esta é também uma opinião partilhada por Maria A que acredita na valorização da mulher doméstica pelos mais novos. No caso de Maria CM, e atendendo à avaliação feita pela família, a narradora assume ter sido sempre valorizada pela sua, considerando que, ainda hoje, as suas filhas a valorizam. No entanto, e remontando ao passado, diz-nos que se registam algumas mudanças, uma vez que antigamente, não só a família educava a mulher para ser Doméstica como a própria sociedade avaliava a mulher consoante o seu desempenho na realização das tarefas de casa, como elucida: “ (...) *aquela é muito boa rapariga, uma boa dona de casa (...)*” (pp.20-21). De forma muito clara, Maria CM diz-nos que a mentalidade da sociedade influencia o modo como esta trata e valoriza as pessoas. Assim sendo, diz-nos que, de um modo geral a nossa sociedade ainda não valoriza o trabalho doméstico como deveria. Ainda em torno da mentalidade, Ana relata-nos a sua opinião: “*a sociedade não avalia. A sociedade não dá valor nenhum (...) é da geração, é a mentalidade que vai, que vai mudando e infelizmente não se dá valor (...)*” (p.20). Para ela, a mudança é cada vez mais desvalorizadora, fazendo isso com que a sociedade mantenha o seu não reconhecimento pelo trabalho desenvolvido diariamente por estas mulheres Domésticas. Partilhando a mesma avaliação negativa, A é clara no seu discurso: “ (...) *não dão valor (...) pensam que a gente nunca faz nada (...) acho que, as pessoas todas pensam (...) ‘tá em casa, ‘tá descansada.*” (pp.16-17). Igualmente negativa é a avaliação apresentada por Bety, ao reflectir sobre avaliação feita à mulher doméstica pela sociedade, a narradora diz-nos que: “*não têm noção (...) pensam que ser doméstica é não fazer nada (...) as pessoas de fora, acabam por não ter noção (...) da realidade, só quem passa mesmo é que tem (...)* [desta feita, Bety conclui:] *o trabalho doméstico não é (...) valorizado.*” (p.12). Constituindo-se esta, como sendo a conclusão de todas as 8 narradoras.